

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Programa de Pós-graduação em História

Felipe Augusto Souza Costa

Rocha Pombo: a solidariedade entre populações como projeto de escrita da história e educação para a formação da nação (1900-1924).

Belo Horizonte

2022

Felipe Augusto Souza Costa

Rocha Pombo: a solidariedade entre populações como projeto de escrita da história e educação para a formação da nação (1900-1924).

Versão Final

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Miranda Filgueiras

Belo Horizonte

2022

907.2	Costa, Felipe Augusto Souza.
C837r	Rocha Pombo [manuscrito] : a solidariedade entre
2022	populações como projeto de escrita da história e educação para a formação da nação (1900-1924) / Felipe Augusto Souza Costa. - 2022.
	137 f. : il.
	Orientadora: Juliana Miranda Filgueiras.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.História – Teses. 2.Livros didáticos - Teses. 3.Pombo, Rocha, 1857-1933. 4.Historiografia - Teses. I. Filgueiras, Juliana Miranda . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO EM HISTÓRIA DE FELIPE
AUGUSTO SOUZA COSTA
Nº REGISTRO: 2020657630**

Aos **29** dias do mês de **abril** de **2022** (**dois mil e vinte e dois**), reuniu-se a Comissão Examinadora composta pelos professores doutores **Juliana Miranda Filgueiras** (UFMG), **Ana Paula Sampaio Caldeira** (UFMG) e **Alexandra Lima da Silva** (UERJ- por videoconferência), para julgar o trabalho final intitulado: **ROCHA POMBO: A SOLIDARIEDADE ENTRE POPULAÇÕES COMO PROJETO DE ESCRITA DA HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DA NAÇÃO (1900-1924)**, requisito final para a obtenção do grau de **MESTRE EM HISTÓRIA**. Abrindo a sessão no Programa de Pós- graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Área de Concentração: História, tradição e modernidade: política, cultura e trabalho - Linha de Pesquisa: Ciência e Cultura na História, a Presidente da Comissão, professora **Juliana Miranda Filgueiras**, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato, para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição de resultado final. O candidato foi considerado **APROVADO**. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ata, que foi assinada pelos examinadores participantes. Belo Horizonte, 29 de abril de 2022.

Observação da Banca: *O trabalho tem uma abordagem original e apresenta uma contribuição para os estudos já existentes sobre o tema e poderá ter desdobramentos futuros. A banca também destaca que as contribuições trazidas na qualificação foram incorporadas de modo satisfatória.*

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Lima da Silva, Usuário Externo**, em 02/05/2022, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Sampaio Caldeira, Professora do Magistério Superior**, em 02/05/2022, às 10:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Miranda Filgueiras, Professora do Magistério Superior**, em 02/05/2022, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1378421** e o código CRC **046954A3**.



Referência: Processo nº 23072.220885/2022-37

SEI nº 1378421



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Rocha Pombo: a solidariedade entre populações como projeto de escrita da história e educação para a formação da nação (1900-1924)"

Felipe Augusto Souza Costa

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos
Professores:

Profª. Dra. Juliana Miranda
Filgueiras - Orientadora UFMG

Profª. Dra. Ana
Paula Sampaio
Caldeira UFMG

Profª. Dra.
Alexandra Lima
da Silva UERJ

Belo Horizonte, 29 de abril de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Lima da Silva, Usuário Externo**, em 02/05/2022, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Sampaio Caldeira, Professora do Magistério Superior**, em 02/05/2022, às 10:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Miranda Filgueiras, Professora do Magistério Superior**, em 02/05/2022, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1378522** eo código CRC **758F50C4**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha orientadora, professora doutora Juliana Filgueiras, pelos ensinamentos, paciência, rigor e compreensão ao longo de todo caminho de produção da pesquisa. A história da educação, dos livros didáticos e curriculares que a professora trouxe para as discussões no processo de construção da pesquisa foram essenciais, somados assim as perspectivas de história intelectual e dos conceitos, criaram noções importantes em minha trajetória. Agradeço também ao professor Douglas Atilla pelo auxílio e esclarecimento no processo inicial da pesquisa.

Sou grato a minha família e principalmente a minha mãe – Maria Isabel – que manteve sempre seu apoio firme, superando desde o início de minha trajetória escolar as dificuldades financeiras para que então, chegasse aqui.

Agradeço a meus queridos amigos, Daniela Brandão, Eric Serbinenko, Felipe Malacco, Julia Amaral, Luiza Dias e Ygor Cangussu por acompanharem e auxiliarem, de forma conjunta, questões teóricas e metodológicas no desenvolvimento do trabalho, da mesma forma, aos amigos Guilherme Dias e Anna Laura, pelo auxílio presente. Agradeço também a querida Flávia da Terra, pelo incentivo e leveza na companhia, auxiliando na ansiedade desses tempos, além de Gabriel Lucas e Lara Marques pelo apoio.

Por fim, agradeço a Universidade Federal de Minas Gerais, pública, gratuita e de qualidade, possibilitando que pessoas de baixa renda alcancem lugares antes inimagináveis. Também lamento a produção da pesquisa em um contexto delicado para o mundo e para nós brasileiros, onde a perda de pessoas queridas, a falta de políticas públicas para enfrentamento da pandemia e a saúde das pessoas e dos espaços antes ocupados para a troca e construção de conhecimento afetaram a todos nós.

Resumo

Esta pesquisa analisa as obras didáticas *História das Américas* (1ª Ed 1900), *História do Brasil* (curso superior) (1ª Ed 1924) e *História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas* (1ª Ed. 1918), do autor brasileiro Jose Francisco da Rocha Pombo, com o foco no conceito de solidariedade na construção de seu modelo de história e a função da educação histórica no começo da República. Todos os livros foram escritos para serem utilizados nas escolas com vistas à formação da nacionalidade, uma das funções da educação e dos livros didáticos no período. O principal objetivo do estudo é analisar e compreender, nas obras de Rocha Pombo, o sentido que o autor conferia à categoria solidariedade, assim como o teor político do conceito no contexto de sua escrita da história e do papel da educação em suas obras. Procura abordar como a solidariedade despontava como ponto importante visando à formação da nacionalidade e de projetos modernistas para as nações americanas. Realizou ainda a comparação entre os livros didáticos em questão e publicações do autor em periódicos buscando entender as mudanças de posicionamento e de percepção do autor sobre a história e a educação. Dessa forma, a partir da história dos intelectuais e da história da educação verifica-se como o caminho de Rocha Pombo para entrar nos círculos mais consolidados da historiografia brasileira do começo do século XX e sua posição como intelectual foram relevantes para a discussão de suas ideias.

Palavras-chaves: Intelectual, Solidariedade, Educação, Livros, Didático, República

Abstract

This research analyzes the following textbooks by Brazilian author Jose Francisco da Rocha Pombo: *História das Américas* (“History of the Americas” 1st ed. 1900), *História do Brasil (curso superior)* (“History of Brazil (upper-education level)” 1st ed. 1924), and *História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas* (“History of Brazil with many historical maps and explanatory illustrations”, 1st ed. 1918), focusing on the concept of “solidarity” in his construction of a model of history, and on the function of historical education at the beginning of the Republic. These books were written in order to be utilized in schools with the goal of forming the nationality, one of education and textbooks’ functions during this period. The main objective of this study is to analyze and comprehend, in Rocha Pombo’s works, the meaning he gave to the category of “solidarity”, as well as this concept’s political content in the context of his historical writings and of the role of education in his works. It seeks to examine how solidarity emerged as an important point towards the formation of the nationality and of modernist projects in American nations. It also realizes a comparison between the author’s aforementioned textbooks and his texts published in journals, looking to understand his shifts in positioning and perception about history and education. In this way, by means of the history of intellectuals and the history of education it can be verified that Rocha Pombo’s path in order to enter the more well-established circles of early 20th century Brazilian historiography and his place as an intellectual were relevant for the discussion of his ideas.

Keywords: Intellectual, Solidarity, Education, Textbooks, Republic

Lista de tabelas e imagens

Tabela 2.1	57
Tabela 2.2	58
Imagem 2.1	66
Imagem 2.2	68
Imagem 2.3	71
Imagem 2.4	73
Imagem 2.5	75
Imagem 2.6	76
Imagem 2.7	81
Imagem 2.8	82
Imagem 2.9	83
Imagem 2.10	85
Imagem 2.11	87
Imagem 2.12	88
Imagem 2.13	88
Imagem 2.14	89
Imagem 2.15	90
Imagem 2.16	90
Imagem 2.17	92
Imagem 2.18	93
Imagem 2.19	94
Imagem 2.20	95
Imagem 2.21	98

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1 – ROCHA POMBO: INTELLECTUAL, PROFESSOR, AUTOR	20
1.1 – Memória e estudos sobre Rocha Pombo	20
1.2 – Rede de atuações e sociabilidade	34
1.3 – Professor/autor na educação da instauração da República	43
Capítulo 2 – POLÍTICAS EDUCACIONAIS E OS LIVROS DIDÁTICOS DE ROCHA POMBO ..	48
2.1 – Disputas educacionais da República	48
2.2 – As políticas educacionais e os currículos de história no Ensino Secundário e Normal no começo da República	54
2.3 – Os livros didáticos e as editoras	59
2.4 – História das Américas e Histórias do Brasil: os livros didáticos de Rocha Pombo	62
2.4.1 – História das Américas	64
2.4.2 – Mapas históricos e gravuras explicativas	75
2.4.3 – “Curso superior”	93
Capítulo 3 – SOLIDARIEDADE NORTEADORA DA HISTORIOGRAFIA	100
3.1 – Influência dos itinerários intelectuais	100
3.2 – As possibilidades do conceito de solidariedade	102
3.3 – A solidariedade nas obras dos intelectuais da primeira república	107
3.4 – Solidariedade na história, lição e civilização	111
3.5 – Textos em periódicos	111
3.6 – Solidariedade nos livros didáticos	118
3.6.1 – Solidariedade no livro História das Américas	118
3.6.2 – Solidariedade nos livros História do Brasil	122
3.6.3 – Solidariedade na história do Brasil para o secundário	122
3.6.4 – Solidariedade no curso superior	124
3.7 – Algumas considerações	127
Conclusão	130
Bibliografia	135
Fontes documentais	135

INTRODUÇÃO

O ensino de história é permeado por conceitos que acompanham a disciplina em sala de aula e são, de certa forma, naturalizados. Os conceitos de tempo, cronologia, século, época, dentre outros, são frequentes nas falas de professores e alunos, assim como no material didático, mas pouco se questiona sobre as concepções que cada indivíduo tem dos conceitos nas disciplinas.

A intenção dessa pesquisa foi investigar um dos conceitos utilizados pelo professor/autor de livros didáticos José Francisco da Rocha Pombo e como a solidariedade colaborou para conformar sua escrita da história e, dessa forma, a história levada para a sala de aula a partir dos seus manuais escolares. A solidariedade não é conceito frequentemente estudado na disciplina história, ao observarmos os poucos trabalhos que existem acerca desse conceito em livros da área. Isso pode estar relacionado ao fato de o conceito não ter sido central para alguns autores, outro aspecto são possíveis pesquisas com perspectivas liberais e positivistas que favorecem uma visão individualista da história, o que por seu turno inibe a discussão sobre o social e o coletivo. Porém, nas obras de Rocha Pombo, *História das Américas* (1ª Ed. 1900), *História do Brasil (curso superior)* (1ª Ed 1924) e *História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas* (1ª Ed. 1918), o conceito possui centralidade e relaciona-se diretamente ao papel que o autor buscou atribuir à história, como uma “lição” para o futuro das pessoas e das nações. Assim, é importante refletir sobre um conceito que parece ser central para a concepção e modelo de história de um autor que teve sucesso editorial e esteve presente no percurso de formação educacional de muitos brasileiros durante a primeira metade do século XX. Além disso o conceito estava presente no debate intelectual do período de forma ampla, com perspectivas que davam importância para a solidariedade tanto como elemento da história quanto nas relações entre países e pessoas. Também existiam análises que rechaçavam essa importância ou a direcionavam apenas a relações específicas, como com os Estados Unidos da América.

Em Rocha Pombo o conceito é importante e perpassa o papel da história e as relações entre países e as pessoas, sendo utilizado para compreender o horizonte de expectativas que o autor traça para o continente, assim como o espaço de experiência que a solidariedade na história ensina como lição, projetando assim esse passado para pensar o futuro da sociedade.

Nesse sentido, Rocha Pombo parece definir o conceito como categoria política de ação e de vivência coletiva já que é sempre relacionado a movimentos coletivos de reação ou vivências passadas de povos originários. Essa definição de Rocha Pombo é de nosso interesse por também observarmos como o conceito de solidariedade, utilizado em uma perspectiva histórica, tem um papel político de fato, estando presente em movimentos de contestação da ordem vigente com importância histórica e para o estudo da história, como também um papel de possibilidade de exemplos para a construção dos espaços políticos sociais.

Essa pesquisa surgiu a partir de minha experiência com uma sala de aula de Educação de Jovens e Adultos (EJA), ao refletir se os entendimentos dos sujeitos (que tiveram seu direito à educação negado por muito tempo) acerca dos conceitos históricos, como tempo, passado, presente e futuro seria o mesmo de outros públicos escolares. A diferença viria pelas características do público, que regressavam à escola depois de muitos anos, ou seja, viveram e experienciaram épocas e tempos diferentes e, naquele momento, regressavam com outra visão e expectativa do ensino escolar e de seus conteúdos. Assim, parti do questionamento de como a concepção e a articulação de um conceito poderiam construir diferentes entendimentos, escritas e narrativas da história para esse público.

No meu trabalho com as turmas da EJA, o contato com um público diverso foi evidente: estavam presentes alunos de diferentes idades, gênero, etnias, origens geográficas no estado e no país, religiões, assim como pessoas de diferentes classes sociais (cabe destacar uma maior presença de alunos com pior situação socioeconômica). Essa diversidade é um dos desafios vivenciados na EJA e cada disciplina encontra em seu percurso a demarcação dessas diversidades, que evidenciam a compreensão e apropriação dos conceitos de formas diferente para cada indivíduo. Dessa forma, ao encontrar esses desafios em sala de aula me interessei por analisar como os alunos articulavam o conceito de tempo em suas categorias de passado, presente e futuro, utilizando como arcabouço teórico Reinhart Koselleck (1979) e Fernand Braudel (1991)¹.

¹ O resultado desse trabalho sobre a relação dos alunos da EJA com tais conceitos foi apresentado no IV Simpósio Internacional da Rede Brasileira de História Pública, realizado na Universidade de São Paulo (USP) em 2018. O trabalho foi publicado nos anais do evento, IV Simpósio Internacional da Rede Brasileira de História Pública.

A partir de 2019 iniciei a docência em escolas públicas do Estado de Minas Gerais², o que acentuou essa inquietação acerca da apropriação dos conceitos de história na sala de aula e me levou, posteriormente, à análise do livro didático, uma interessante fonte para investigar como é possível a formação dessas concepções. A atuação de professor e pesquisador auxiliou na continuidade do interesse pela pesquisa em livros didáticos de história e como alguns conceitos eram neles articulados. A ideia inicial era trabalhar com livros didáticos do Programa Nacional de Livro Didático (PNLD), explorando o conceito de tempo que algumas obras articulavam em sua compreensão de história. Em um esforço de melhor estruturar objeto e fonte dentro do debate histórico, pareceu interessante o recuo temporal para livros didáticos da Primeira República, momento de conformação de novos projetos educacionais e da história que surgiam no período e que muitas vezes foram levados a cabo até a década de 30.

Assim, ao pesquisar obras e autores desse contexto, despontou Rocha Pombo como um intelectual que tinha concepções bem próprias da história, marcadas em sua escrita e no conteúdo político de suas obras, como na defesa e valorização dos indígenas, defesa da República e condenação da escravidão, além de ser autor da primeira obra didática de história das Américas no Brasil. A partir de um projeto inicial, identifiquei um conceito central nas suas obras, a solidariedade, que conformaria a intencionalidade da escrita e da concepção de história do autor e um projeto político na obra de *História das Américas* (1900). Essa ideia se tornou uma pesquisa de iniciação científica, sob orientação do Professor Doutor Douglas Attila Marcelino, na qual se buscou investigar a escrita da história de Rocha Pombo na obra didática inaugural de *História das Américas*, publicada no Brasil em um contexto de reformulação política do Estado brasileiro (PEDRO, 2016).

No início do século XX, as elites republicanas procuraram reformular alguns aspectos da educação, como desdobramento da mudança política geral do país. Nesse sentido, procuraram expandir e reconfigurar os “momentos chave” da nacionalidade na educação e na narrativa histórica do país (BITTENCOURT, 1993). Assim, o livro didático de história se tornou, à época, objeto importante para a efetivação dessas reformulações educacionais a partir da sala de aula. No mesmo período, surgiram novos intelectuais que passaram a produzir obras

² Em 2018 lecionei na EJA, no Centro Pedagógico da UFMG e, a partir de 2019, iniciei a docência em escolas públicas do Estado, enquanto escrevia o projeto, recortava o objeto, delimitava temporalmente, debatia a bibliografia.

didáticas, eram professores e membros de instituições que construía as narrativas da história da nação, como o IHGB. Rocha Pombo é um desses intelectuais, personagem interessante por suas particularidades, tanto na atuação na vida pública como em sua escrita da história, relacionando ideias anarquistas e “tradicionalistas”³ com a militância republicana e abolicionista. Nesse sentido, Rocha Pombo se tornou um interessante intelectual para se estudar, uma vez que, ao analisar o conceito de solidariedade em sua produção didática, é possível refletir sobre as diversas disputas de modelos de escrita e educação histórica que existiam no período inicial da República.

O mestrado buscou expandir a análise de outras obras de Rocha Pombo e investigar de forma mais sistemática como o conceito de solidariedade se configurou de forma central para sua concepção e escrita da história. Assim, foram selecionadas as obras didáticas de história do Brasil, *História do Brasil (curso superior)* e *História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas*, com o objetivo de ampliar a análise para livros posteriores à *História das Américas* e em outro recorte espacial, com o olhar para a presença e articulação do conceito na escrita do autor. Ao ampliar a análise, o imaginário do autor em suas obras é observado, assim como as “contradições” que fazem parte de trajetórias intelectuais e que criam interpretações e posicionamentos próprios desses autores, pois as fontes e suas perspectivas são múltiplas, com ideologias divergentes.

Nesse sentido, procurei, a partir do aporte teórico da História dos Conceitos, de Reinhart Koselleck, tomar o conceito de solidariedade como objeto, com ênfase no modo como Rocha Pombo configura a sua escrita da história a partir dele em suas obras didáticas, além de suas perspectivas educacionais e políticas, no contexto interno e externo do Brasil. José Francisco da Rocha Pombo foi compreendido como um intelectual, em razão de sua atuação pública⁴ e por seus escritos didáticos, literários e jornalísticos, se inserindo no grupo dos intelectuais republicanos e “formadores” dos ideais de nação, povo, modelos de passados e futuros. Assim, o aporte da História Intelectual foi fundamental para compreender suas redes de sociabilidades

³ Tradicional aqui entendido como posições ligadas a intelectuais e movimentos “conservadores”, como o mandato de Rocha Pombo pelo Partido Conservador pela província do Paraná.

⁴ A concepção de intelectual é usualmente tratada em duas categorias não excludentes, uma ampla, englobando mediadores culturais e criadores, e um modelo mais estreito, pensando as ações e engajamento do intelectual na cidade, sendo maleável e podendo modificar o foco a depender do contexto. Ver: SIRINELLI, Jean François. “os intelectuais”. In: Por uma história política I [Direção de] Renê Rêmond; tradução Dora Rocha. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. (p. 231-269).

e locais de atuação, que influenciaram sua escrita. Foi preciso entender, ainda, a especificidade do suporte da escrita da história de Rocha Pombo, o livro didático, e sua finalidade - para uso escolar -, inserido em um contexto educacional específico, as primeiras décadas da República brasileira. Desse modo, entender a história da educação no período contribuiu para a análise das suas obras didáticas, problematizadas a partir da perspectiva da história das disciplinas escolares e dos livros didáticos. O recorte da pesquisa foi delimitado pelas fontes: as obras didáticas publicadas de 1900 a 1920.

Cabe aqui destacar que a trajetória desse trabalho foi marcada pela mudança brusca no cotidiano de todas as pessoas do mundo, devido à pandemia do novo vírus Sars-CoV19. O isolamento social necessário, a perda de pessoas queridas e o desgoverno a frente do Brasil impactaram e modificaram o desenvolvimento das pesquisas, já muito fragilizado no país. O acesso às fontes foi afetado. Contudo, outras edições das obras já haviam sido localizadas em formato digital antes do início da pandemia. Dessa forma, o contexto impactou na produção da pesquisa, com a dificuldade de acesso a algumas fontes, mas que felizmente ainda foi possível graças ao trabalho de outras pessoas que digitalizaram e catalogaram tanto os livros didáticos como os periódicos acessados para ampliar a análise de produção de Rocha Pombo. Os livros didáticos foram acessados pelo LEMAD-USP⁵ e Internet Archive⁶, já os artigos em periódicos foram digitalizados e disponibilizados no site da Hemeroteca Digital⁷.

Procuramos na pesquisa apresentar e compreender a figura de Rocha Pombo, intelectual cuja trajetória está diretamente relacionada aos aspectos de sua produção. Ao longo de sua vida, a presença nos ambientes e debates educacionais aproximaram o autor da escrita didática e das necessidades da educação. Essa participação nas discussões educacionais da primeira República, alinhada à sua proximidade com movimentos e intelectuais anarquistas, colaborou para a constituição das particularidades do autor, presentes na sua escrita. Desse modo, ao analisar o conceito de solidariedade nos livros didáticos foi preciso conhecer quem foi Rocha Pombo, suas desavenças, amigos e locais que frequentou.

Dessa forma a solidariedade não foi tratada de forma simplória e unilateral, pois a história dos conceitos propõe o entendimento geral e de circulação destes em um determinado

⁵ <https://lemad.fflch.usp.br/livros-did-ticos-digitalizados> Acesso em: 25/03/2022.

⁶ <https://archive.org/details/historiadobrasil00pomb> Acesso em: 25/03/2022.

⁷ <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 25/03/2022.

contexto, seguindo os pressupostos de Reinhart Koselleck (1979). A circulação, sentidos empregados e as disputas em torno dos significados integram a análise histórica de um conceito e de como os discursos, práticas políticas e ações da sociedade influenciam seus vários entendimentos possíveis. Nesse sentido, é necessário debater a importância que o conceito de solidariedade ganhou após a proclamação da República, uma vez que, no novo regime político do Brasil, as elites procuraram se aproximar das nações vizinhas e construir uma política externa diferente da praticada durante o Império. Da mesma forma, discutiu-se a presença do conceito na educação, principalmente por meio das obras didáticas de Rocha Pombo, já que o autor, conforme destaca Alessandra Pedro (2016), tinha a ideia de projetar a “civilização” no Brasil a partir da educação. Para entender a presença e o significado da solidariedade procuramos analisar este conceito em outros intelectuais contemporâneos a Rocha Pombo, a tese de doutorado de Katia Gerab Baggio (1998) nos auxiliou nesse sentido. A presença do conceito em Euclides da Cunha, Eduardo Prado, João Ribeiro, Rui Barbosa, dentre outros intelectuais, atesta a importância da solidariedade no debate público. A presença de Rocha Pombo nesse debate demonstrava as particularidades de seu entendimento do conceito, que se aproximava daquele de alguns intelectuais e se distanciava de outros.

O entendimento próprio de Rocha Pombo sobre o conceito e a forma como o articulava e criava sentido a partir de suas influências intelectuais é analisado por toda a dissertação, com maior ênfase no último capítulo. Esse movimento foi necessário pela importância do conceito em toda trajetória do autor, em sua rede de sociabilidade, seus artigos em periódicos e sua produção didática. Assim, foi possível observar a compreensão de Rocha Pombo acerca do conceito.

Buscamos entender como essas compreensões de solidariedades que o autor carregava de lugares de produção diferentes estavam relacionadas, e como isso influenciou em suas obras no sentido geral. Existem fios de sentidos que interligam a presença do conceito de solidariedade na forma como o autor o compreende, deixando claro como a influência da história e da solidariedade possuíam papel crucial para a modernidade do Brasil.

Nesse sentido, verificamos a importância de Rocha Pombo para a historiografia. Toda sua articulação em torno do conceito de solidariedade, sua importância no debate público, influenciou a construção da escrita da história no Brasil, seja sobre o Brasil ou sobre a história do continente americano. O modo de escrever a história das Américas vai ser exemplo da

influência de Rocha Pombo e de outros intelectuais que debatiam a necessidade e os sentidos da solidariedade para a construção da historiografia do continente.

Rocha Pombo, como intelectual com uma atuação política e pública, era um indivíduo complexo inserido em redes de sociabilidade igualmente complexas, com nuances e aspectos próprios. Dessa forma, compreender como foi a atuação de Rocha Pombo nesses meios intelectuais, em diferentes instituições e a importância de sua presença nesses locais físicos e simbólicos ajudou a construir a análise da importância do conceito em sua escrita da história. Os trabalhos de Gilson Queluz (1994), Ivan Santos (2009), Mariana Tavares (2011), Alexandra Silva (2012), Renato Oliveira (2012), Alessandra Pedro (2016), Camila Roberto (2017) nos auxiliaram a entender Rocha Pombo nesses espaços, além de sua contribuição no contexto inicial da República. Com auxílio da bibliografia procuramos identificar as concepções coletivas e de solidariedade enquanto pontos centrais para a escrita da história de Rocha Pombo, e como estas eram inseridos em suas perspectivas educacionais. Esses trabalhos também nos permitiram perceber um interesse maior de pesquisas sobre Rocha Pombo a partir da segunda década do século XXI, visto que poucos trabalhos, como a dissertação de Queluz, são anteriores a esse período.

O trabalho foi organizado em três Capítulos. No primeiro, *Rocha Pombo: intelectual, professor, autor*, buscou-se abordar a criação da memória sobre o autor, principalmente das pesquisas da segunda década do século XXI, que seguem uma análise de Rocha Pombo como professor, autor e subversivo. Essa narrativa vai ser construída a partir de uma das primeiras obras sobre o autor, de Nestor Victor (1979). Todas as obras vão se aproximar de aspectos presentes nessa biografia/homenagem a Rocha Pombo. Em seguida foi construída uma breve análise da figura intelectual de Rocha Pombo, sua trajetória intelectual e as redes constituídas desde o início da sua vida, no Paraná, até seu estabelecimento no Rio de Janeiro. Analisamos a trajetória de Rocha Pombo na educação à luz da perspectiva de professor/autor e o contexto educacional do período pensando principalmente no ensino secundário e normal.

O segundo capítulo, *Políticas educacionais e os livros didáticos de Rocha Pombo* apresenta reflexões acerca dos currículos da educação secundário e normal, suas mudanças no início do período republicano e o novo papel que a educação escolar deveria assumir. Além disso, analisa a importância dos livros didáticos nesse período, tanto para as mudanças curriculares quanto para o fortalecimento do mercado editorial brasileiro, levando a relações

fortes entre o Estado e os intelectuais. Nesse sentido, apresentamos as obras didáticas de Rocha Pombo tanto na estrutura do texto e das imagens quanto em sua materialidade, números de capítulos, páginas, divisão de índices e capa. Buscamos também analisar de forma inicial as imagens contidas na obra para o ensino secundário, *História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas* (1925), seus aspectos pedagógicos e a possível forma de apreender o conceito de solidariedade nas imagens, que pretendiam educar o olhar.

No terceiro capítulo, intitulado *Solidariedade norteadora da historiografia de Rocha Pombo* propôs-se a análise de conteúdo dos livros didáticos, com o olhar sobre a centralidade do conceito de solidariedade em episódios de configuração da nacionalidade brasileira. Estes episódios são considerados chaves para o papel da história que Rocha Pombo procurava construir, articulando assim a solidariedade em momentos que serviriam de lição da história para o futuro. A análise da historiografia de Rocha Pombo neste capítulo levou em conta os debates intelectuais do período acerca do conceito de solidariedade, ou seja, como ele estava sendo entendido por diversas figuras importantes do começo da República. Além disso, a análise de artigos do autor no *Correio da Manhã*, também auxiliaram no entendimento da participação política e da escrita de Rocha Pombo, com destaque para a utilização da ideia de solidariedade. Assim, o conceito, entendido como palavra com múltiplos significados foi mobilizado por Rocha Pombo de modo específico em suas obras didáticas, no papel que atribuía à educação e à civilização brasileira.

I – ROCHA POMBO: INTELLECTUAL, PROFESSOR, AUTOR

Rocha Pombo na formação do seu tipo lembra uma pintura febril e irregular, que se vai fazendo por processo como o dos impressionistas e que parecerá estranha, até mesmo extravagante aos olhos habituados com as criações realizadas pela velha técnica, metódica e patentemente racional.

— Victor, Nestor (1979), A obra crítica de Nestor Victor.

O início do século XX, até meados da década de 30, foi marcado por projetos modernistas para a nação brasileira, que incluíram tanto a reformulação física da capital quanto novos modelos educacionais projetados para a educação escolar. Não por acaso, esses intelectuais do debate público, como por exemplo, João Ribeiro, Rocha Pombo, Capistrano de Abreu, Joaquim Manuel de Macedo, Myrthes Gomes de Campos, são, atualmente, estudados como expoentes das normas e do imaginário político e social que levaram à construção da nação, sobretudo no plano político e das elites.

Os estudos sobre os intelectuais brasileiros, dos mais antigos aos contemporâneos, vão criando memórias acerca da atuação e trajetória das figuras históricas. Essas memórias não são frutos de uma leitura única, mas sim de várias, que partem de abordagens e fontes diferentes, chegando assim a conclusões que podem ser próximas tanto quanto distantes. O que quer dizer que esses escritos vão sendo lidos ao longo dos anos, criando uma tradição de pesquisas que, por mais diferentes que sejam entre si, perpassam as memórias constituídas e discutidas.

1.1 Memória e estudos sobre Rocha Pombo

A figura intelectual de José Francisco da Rocha Pombo, que atuou em fins do império e início da República, levou à constituição de memórias sobre ele, por vezes frutos de longos estudos elaborados por pessoas que foram próximas ao autor e servem também de fontes, como as obras de Nestor Victor⁸ - amigo próximo de Rocha Pombo -, ou por trabalhos acadêmicos

⁸ Segundo Pedro (2016), Nestor Victor (Paranaguá, 1868-1932, Rio de Janeiro) foi um autor simbolista, poeta e escritor de críticas em jornais. Foi fundador no Paraná de clubes e grupos republicanos, além de frequentador de núcleos de intelectuais autores com ideias subversivas de cunho anarquista. Conhece Rocha Pombo ainda jovem em Curitiba e permanece amigo até a morte de Rocha Pombo no Rio de Janeiro, local onde Nestor também residiu. Nestor Victor é responsável por textos biográficos de Rocha Pombo, além de, em vida, aproximar o autor de outras figuras intelectuais anarquistas, como Elísio de Carvalho e Fabio Luz, junto às quais Rocha Pombo ajudou a fundar a Universidade do Ensino Livre, em 1904 (PEDRO, 2016).

mais recentes.

Nestor Victor escreveu textos biográficos e de análise de Rocha Pombo, lançados como coletânea em 1979⁹, que consolidaram algumas memórias. O autor foi um dos primeiros a tratar de Rocha Pombo, após o seu falecimento, como um intelectual próximo do movimento anarquista e “subversivo”. Da mesma forma, descreve Rocha Pombo como uma figura que desde sua infância tinha relação com a educação, não tendo outro caminho possível para o intelectual senão sua atuação como professor, autor de livros didáticos e militante da educação. Nesse sentido, Nestor Victor foi um dos primeiros criadores de memórias sobre Rocha Pombo, pois ao descrevê-lo como Tolstói brasileiro, um anarquista próximo ao cristianismo, leva em consideração os aspectos de quando participavam de reuniões de grupos considerados subversivos. Esse aspecto é fundamental na trajetória do intelectual, mas a criação da memória por Nestor Victor é clara, influenciando os textos posteriores acerca do autor e sua presença no meio intelectual.

A atuação de José Francisco da Rocha Pombo era bastante ampla, desde a participação em periódicos até a produção de obras didáticas. A sua capacidade de movimentação entre áreas da administração pública, jornalísticas e educacionais evidencia uma particularidade da sua vida, como intelectual, mediador e sujeito com posicionamentos diversos. Sua participação política na vida pública foi marcada por disputas em processos sociais e por projetos políticos que podem ser lidos como incoerentes - desde sua filiação ao partido conservador, a partir da qual exercia mandatos elogiados pelos liberais (VICTOR, 1979), até sua produção literária que criticava a modernidade (QUELUZ, 1994). Destacava-se sua produção didática, que propunha uma configuração diferente para a história escolar, inserindo o Brasil na história americana. Essas “incoerências” fizeram parte da atuação intelectual característica de um sujeito multifacetado que buscou se integrar aos grupos de elites intelectuais que debatiam os caminhos para a “civilização” brasileira.

Nestor Victor é um exemplo dentro de um grupo de intelectuais o qual Rocha Pombo integrou. O intelectual era membro importante de grupos libertários paranaenses, e amigo de Rocha Pombo, produziu obras literárias, textos críticos e memorialísticos em homenagem a figuras das Letras contemporâneas e as produções que elaboraram ainda em vida. A obra memorialística e de homenagem publicada por Nestor Victor em textos de 1905 e 1906 tornou-

⁹ Livros distribuídos em 3 volumes, contendo textos de análises críticas e de jornais escritos por Nestor Victor, reunidos e lançados em 1979 no Paraná.

se fonte de valiosos relatos acerca de Rocha Pombo e da imagem constituída sobre o intelectual em seu círculo próximo. A obra memorialística, produzida por um amigo, apresenta a atuação de Rocha Pombo na esfera pública e suas posições no meio político e intelectual (VICTOR, 1979).

A obra de Nestor Victor também é interessante para observar a percepção de um grupo de intelectuais (mais próximos de ideias anarquistas) acerca das instituições brasileiras, como escolas e o IHGB, do papel de um intelectual e de suas produções de forma geral. Nesse sentido, como exposto em suas obras, Nestor Victor acreditava que os periódicos da época eram locais seguros para os intelectuais “desesperados por justiça social”, pois poderiam se expressar sem grandes pressões editoriais, além da multiplicidade e “facilidade” de fundação de periódicos no período, que possibilitaram o grande número de colunistas (VICTOR, 1979). E foi dessa forma que Rocha Pombo, segundo Victor, uma figura “indomável a toda e qualquer classificação comum” (1979, p. 60), inseriu-se nesses meios mediante sua atuação pública, de denúncia e motivado por justiça social. A importância da imprensa para a formação de Rocha Pombo foi tanta que Nestor Victor destaca, segundo Pedro (2016), como a perseguição a jornalistas e a censura na Revolução Federalista no Sul afetou até mesmo a saúde de Rocha Pombo. Dessa forma, Nestor Victor criou essa ideia acerca de Rocha Pombo, que o autor já tinha seu destino traçado, sua atuação seria a educação e os periódicos.

Assim, em muitas das pesquisas sobre Rocha Pombo, suas ideias e escritos, é enfatizada a esfera da educação, principalmente com análises sobre suas obras didáticas e suas contribuições para a educação na Primeira República. A educação, para o autor, seria um ponto crucial para a constituição de um Brasil moderno, “civilizado”, projetado em seus escritos, em conjunto com outros temas, como a noção das “três raças”¹⁰ e a questão da terra, que aparecem nas obras didáticas de história do Brasil (PEDRO, 2016). Também são observadas as suas “incoerências” intelectuais, devido a um primeiro contato com movimentos conservadores, mesmo sendo militante republicano. Da mesma forma, seria incoerente com sua grande familiaridade e interesse por movimentos, intelectuais e perspectivas anarquistas do início da República, todos enfatizados e centrais para a criação da figura do intelectual (PEDRO, 2016).

¹⁰ A noção de três raças formadoras do povo e nacionalidade brasileiro: o branco europeu, o negro africano e o indígena. Ideia que norteou produções intelectuais brasileiras no sentido de criação da nação durante parte do século XIX e XX. Ver: CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da república no Brasil. Companhia das Letras. São Paulo, 2017.

As pesquisas de Alessandra Pedro (2016), Camila Roberto (2017), Ivan Santos (2009), Alexandra Silva (2012), Gilson Queluz (1994), Mariana Tavares (2011) e Renato Oliveira (2012) são alguns dos exemplos que têm Rocha Pombo como fonte e objeto de estudo. As abordagens variam, com ênfase na história da educação e das disciplinas escolares, como em Pedro (2016) e Silva (2012), ou levando em conta a história dos intelectuais e mais direcionadas à história política, como em Oliveira (2012). Análises das perspectivas da historiografia, a escrita da história de Rocha Pombo, como em Santos (2009), também estão presentes e são de grande importância. A produção e atuação de Rocha Pombo para além dos livros didáticos e da docência também é apresentada em Roberto (2017) e em trabalhos mais datados, mas interessantes e necessários – como pelo campo da história da Literatura – na pesquisa de Queluz (1994). Todos esses estudos têm contribuições e produzem memórias importantes sobre a figura intelectual de Rocha Pombo, compreendendo os usos possíveis e as incoerências presentes na trajetória desse professor/autor.

Um primeiro trabalho que levou em conta os aspectos subversivos e reforçou a memória de Rocha Pombo, intelectual professor e militante anarquista, foi Gilson Leandro Queluz (1994). O autor escreve em um momento de forte influência marxista nas análises sociais e, sendo um trabalho da área de história da literatura, analisa principalmente as características questionadoras da modernidade e da sociedade capitalista na literatura de Rocha Pombo. Em sua dissertação de mestrado, intitulada *Rocha Pombo: Romantismo e Utopias 1880-1905* (1994), Queluz compreende Rocha Pombo, inicialmente, como um romancista que elogia a modernidade, mas que, após acontecimentos como a Primeira Guerra e a Revolta Federalista no sul do Brasil, teria se desiludido, dando lugar a sua literatura simbolista com a obra *No Hospício* (1905), onde existiria a “cidade utópica”. Queluz (1994) concebe a ideia de que Rocha Pombo seria um “romancista utópico”, abandonando em alguns aspectos sua perspectiva liberal romancista, que, para o autor, paralisava a dialética, ao conjugar a tradição defendida e a modernidade imaginada juntas. Em uma perspectiva liberal, Rocha Pombo, com a crença no progresso, teria no horizonte utopias de sociedades solidárias, presentes em *No Hospício* (1905). Tais concepções utópicas teriam surgido devido à aproximação de Rocha Pombo com os grupos anarquistas do período, principalmente vertentes teológicas. Essa guinada de seu pensamento para visões utópicas e libertárias é uma importante reflexão a ser observada na trajetória de Rocha Pombo, pois essas influências, de uma sociedade futura, utópica, podem ter colaborado para a construção de suas concepções sobre solidariedade. Para

Queluz (1994), essas sociedades solidárias estavam nas obras literárias, mas, para além delas, as sociedades solidárias podiam estar na realidade brasileira e do continente, como uma missão da história como lição, para o Brasil e América Latina, inseridas, assim, em suas obras didáticas, dando sentido prático para o passado.

Segundo Queluz (1994), as perspectivas utópicas, com a decepção em relação à República, fizeram com que uma nostalgia do passado se tornasse um olhar para o futuro. Essa análise de Queluz é marcada pela leitura marxista das obras, muito calcada na dialética do passado e futuro nas obras literárias; mas que abre possibilidades de análises do papel da história (passado) para o futuro da República brasileira nas obras de Rocha Pombo. Assim, em suas obras didáticas, é possível que o papel importante da história dos indígenas, das guerras contra invasores na colônia, das três raças e o papel central do conceito de solidariedade na sua escrita da história se tornassem lições para o futuro, um futuro “utópico” que se afastaria de seu mundo contemporâneo e almejaria as perspectivas libertárias utópicas. As dificuldades de Rocha Pombo em se inserir nos círculos intelectuais de produção historiográfica do período não seriam as mesmas em outras práticas intelectuais como, por exemplo, no núcleo de literatura simbolista, onde, desde suas primeiras obras, se tornou referência. Por mais que a literatura simbolista tenha seu impacto reduzido no Brasil, com seus principais expoentes na região norte e sul do país, ainda fora relevante, principalmente para os românticos, sendo um movimento de disputas de narrativas da modernidade do período, expondo críticas a ela e refletindo sobre outras possibilidades. Como demonstra Silvia Gomes Bento de Mello (2016), a utopia na literatura simbolista foi a linha da crítica à modernidade. Individualista, permeada de desilusões, guerras, a modernidade teria se tornado tirânica aos olhos dos autores, que buscaram refúgio da realidade moderna em suas obras, vislumbrando outra sociedade possível (MELLO, 2016). Essa leitura de Rocha Pombo feita por Queluz, mesmo sendo específica da história da literatura, acaba por influenciar os outros trabalhos sobre Rocha Pombo. Assim, em outros trabalhos que investigam a escrita da história de Rocha Pombo, a ideia de intelectual crítico à modernidade e insatisfeito com sua contemporaneidade, o papel que o autor deu para a educação e para a própria busca pela “civilização” no Brasil e no continente são pontos de interesse frequentes.

Em 2009, Ivan Norberto dos Santos, na dissertação de mestrado *A Historiografia Amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da*

Primeira República (2009), propôs analisar “a epidemia que vitimou” Rocha Pombo na historiografia brasileira e que o colocou em certo esquecimento e o levou a modificar sua produção intelectual. Nesse sentido, Santos parte da concepção de Rocha Pombo enquanto intelectual que não seguia algumas perspectivas de produção e pensamento histórico consolidados na capital da República na época. Assim, Santos (2009) também procurou entender as disputas na produção histórica da Primeira República, nas formas de escrita, narrativas, metodologias e locais de atuação do historiador, no caso, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Assim, o autor apresenta o autor Rocha Pombo como crítico da historiografia do período, mas também acarretado por ela, tendo que se adequar às normas dessa história “cientificista”.

Ao analisar Rocha Pombo, Santos (2009) evidencia como ele era um dos casos que destoaria das formas de escrita da época, por ainda não considerar o uso de documentos e “fatos” como forma plena da história como ciência. Ao mesmo tempo, teria se aproximado de autores “tradicionais” em alguns aspectos, pela crença na noção de progresso na história e de diretrizes científicas a serem seguidas ao qual acreditava que ainda aconteceria com a disciplina histórica. Essas diferenças na forma da escrita da história indicavam que não havia apenas um modelo único e rígido de escrita na época de Rocha Pombo, o que permite questionar a percepção desse período como sendo apenas positivista. Rocha Pombo foi utilizado por Santos (2009) como um ponto de partida para analisar mudanças de visões, diretrizes, e modelos perceptíveis da produção historiográfica do começo do século XX. A análise também debate a percepção que muitas vezes é apresentada pela historiografia sobre esse período, a respeito dos alinhamentos políticos de intelectuais e escolas na produção da historiografia brasileira da época. Santos (2009) apresentou, por meio da análise das obras didáticas de Rocha Pombo, a maneira como a presença de opiniões políticas e sociais próprias do intelectual - de uma negação da imparcialidade à aproximação com a história da arte e certa negação do cientificismo -, teriam feito Rocha Pombo se diferenciar do padrão dos historiadores do contexto, mostrando como esse período teria sido múltiplo para a disciplina histórica. Além disso, Santos também evidenciou os conflitos com autores consagrados, que teceram críticas a Rocha Pombo e sua produção, considerando-o apenas um expositor, sem fontes primárias, um reproduzidor de outras obras (SANTOS, 2009).

Nesse processo de disputas, Rocha Pombo teria saído, após publicação da obra de

História das Américas e as críticas sofridas por sua História do Brasil, da história “amadora” e passado para a “profissional”, ao se enquadrar nos moldes da produção comum do IHGB, deixando de lado suas posições políticas ou então as colocando implícitas em seus textos, tendendo a uma suposta imparcialidade que o historiador deveria ter (SANTOS, 2009). Rocha Pombo conseguiria “falar” para os homens simples do povo, uma questão importante em seus livros, de acordo com a sua compreensão de produção histórica, com leitura factual e crítica interpretativa, demonstrada nos textos didáticos de história do Brasil.

A análise do processo de escrita da história de Rocha Pombo realizada por Santos (2009) observa como, ao longo dos anos, suas concepções de história foram se consolidando ou se modificando no sentido de conversão ao “profissionalismo”. Todavia, essa conversão defendida por Santos (2009) pode ser questionada, pois Rocha Pombo não abandonou totalmente as concepções “amadoras” da história, como as opiniões políticas nas obras. Assim, não seguiu totalmente a perspectiva do que veio a ser considerada a história “profissional”, por sua dificuldade de acesso a fontes primárias e sua negação implícita à imparcialidade.

Segundo Luisa Rauter Pereira (2016), a produção histórica, inserida no campo de disputas intelectuais, teria colocado em debate as narrativas sobre a nacionalidade brasileira, com diferenças entre si, em busca da criação de um sentimento de nacionalidade. O acesso à produção histórica pelas camadas populares, que estariam mais distantes de discussões nacionais e da concepção de nacionalidade almejada, seria um ponto fundamental para a formação do povo (PEREIRA, 2016). Nesse contexto, Rocha Pombo buscou se incluir nos círculos intelectuais, por meio da produção didática para os “homens simples do povo”, em uma perspectiva de dar acesso à toda população brasileira à história da nação. A autora Mariana Rodrigues Tavares, no artigo intitulado *O Nacionalismo brasileiro em prosa: Rocha Pombo e narrativa histórica de nossa pátria* (2011), analisou a obra *Nossa Pátria*, campeã de reedições, com uma escrita “acessível”, imagens e uma proposta mais romântica sobre a história do Brasil. Essa obra teria configurado um projeto nacional que perdurou por anos. Tavares (2011) indica como Rocha Pombo criou uma narrativa histórica para o Brasil, nacionalista, ampla e didática, alcançando as mais diversas camadas sociais do Brasil à época. Para a exaltação da nação, Rocha Pombo “vulgarizou” a história em *Nossa Pátria*, inseriu histórias do cotidiano e os leitores como agentes, com visão positiva da miscigenação. Tavares (2011) evidencia como essa concepção de exaltação da nação, de forma didática, produziu um

sucesso para as editoras, que procuraram reeditar inúmeras vezes as obras, como *Nossa Pátria*. A análise dessa obra, assim como também foi feita por Alessandra Pedro (2016) demonstra como o próprio autor criou uma narrativa de si mesmo, ao afirmar ao longo da obra que escrevia para os homens simples do povo. Essa ideia constrói a memória de Rocha Pombo de intelectual “popular” que era próximo da população mais carente, o que de fato se relaciona com sua presença nos ambientes militantes republicanos e anarquistas.

Assim, tem-se a interpretação de Rocha Pombo como um intelectual que buscava ser próximo ao povo, acessível e que se preocupava com a educação geral da nação. Nesse sentido a compreensão de Rocha Pombo como intelectual mediador pode ser feita por meio de diversas perspectivas: do autor de literatura que pretendeu difundir ideais por meio do simbolismo, do político militante em diversas áreas e do professor e escritor de livros didáticos com concepções próprias da história e do ensino de história. Alexandra Lima da Silva, em sua tese de doutorado, *Escritos de viagem, escritos de história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual* (2012), analisa o diário de Rocha Pombo escrito durante uma viagem ao norte¹¹ do Brasil e publicado posteriormente, procurando entender como a excursão e essa experiência servirá para sua maior aceitação nos círculos intelectuais. Silva (2012) examina a busca de Rocha Pombo para ser aceito e difundido nos círculos de intelectuais escritores, que teriam uma certa resistência ao autor. Desse modo, a autora compreendeu o meio intelectual como um campo de embates e disputas por protagonismos pessoais (BOURDIEU, 1996 apud SILVA, 2012). E, além disso, se aproxima da análise realizada por Ivan Santos (2009) de Rocha Pombo como um autor de certa forma renegado no período e que buscava aceitação e inclusão.

A análise da viagem de Rocha Pombo aos estados do norte do Brasil e a função de consolidação de sua produção e sua inclusão no mundo intelectual, ampliaria o complexo e multifacetado Rocha Pombo. Nesse sentido, o trabalho de Silva (2012) contribui com uma discussão importante sobre o mundo intelectual do período, aprofundando a questão dos intelectuais como mediadores culturais engajados e seus locais de fala nas instituições da época. Nesse sentido, a autora observa Rocha Pombo como um sujeito marginalizado, que chegava ao Rio de Janeiro e procurava se incluir nos círculos intelectuais. Em um momento marcado por disputas, Rocha Pombo foi questionado, assim como suas obras, pelo

¹¹ Norte do Brasil à época entendido como região que hoje é dividida em Norte e Nordeste (SILVA 2012).

cientificismo e positivismo presente na disciplina de História do período. A historiografia valorizava o forte uso de fatos e fontes primárias, fontes às quais Rocha Pombo não teria acesso até certo momento de sua vida, quando iniciou o período em que viajou para acessar as fontes primárias. Seu papel de intelectual ficaria claro nesse sentido, ao se colocar como importante nome da construção de uma história didática nacional e regional, considerado por Maria Aparecida Leopoldino (2019) um dos “professores autores”, geralmente intelectuais, que escreviam obras didáticas e também atuavam no Colégio Pedro II. Silva (2012) aponta que umas das motivações para a viagem de Rocha Pombo seria seu desejo em se integrar ao círculo dos intelectuais, o que demandava a ida do autor a instituições de outros estados em busca de fontes inéditas. Outro ponto importante que aparece nas análises das viagens é o aspecto duplo das visitas, caracterizado pelos cortejos nos Institutos Históricos e Geográficos Estaduais, demonstrando o caráter recíproco da relação entre instituições e o intelectual, com benefícios para ambos. No início da República, os Institutos de Geografia e História locais – responsáveis pela “história oficial” regional - eram também novos e buscavam sua consolidação como portadores da memória local e, portanto, receber um intelectual que vivia nos círculos da Capital Federal seria de grande interesse. Rocha Pombo era reconhecido nesses locais, revelando sua importância, assim como a de seus escritos, que seriam apreciados nestes estados (SILVA, 2012). Silva (2012) afirma que a explicação do porquê viajar e conhecer essas regiões fazia parte da construção do imaginário que Rocha Pombo desejava criar de si mesmo, dando continuidade a determinadas perspectivas já apresentadas anteriormente: conhecer a população simples do país, assim como o país em sua totalidade e diversidade:

Ao mesmo tempo em que procurava construir uma imagem de si como homem abnegado e pobre, de família numerosa, que desde os dezessete anos lutava para sobreviver no ensino de primeiras letras, buscava o apoio de pessoas influentes e circulava em diferentes instituições de prestígio (SILVA, 2012, p. 224).

Rocha Pombo entendia que para visões sobre o “eu” existirem seria necessário a existência do “outro”, do “diferente”. Assim, precisava conhecer o povo simples do país para se colocar em contraposição aos demais intelectuais que não conheciam. Como bem demonstra Silva (2012), as notas de viagens eram expressões de si mesmo, com perspectivas que não necessariamente eram mentirosas ou fantasiosas só pelo fato de que expressavam a visão que o autor desejava de si. Essa questão nos ajuda na análise dos escritos e perspectivas de história e educação de Rocha Pombo, uma vez que seu motivo para a viagem seria a necessidade de

conhecer a população do Brasil, desejando construir uma maior coesão nacional e enraizar os sentimentos nacionais e de solidariedade entre populações. Tal fato mostrava sua perspectiva humanista, de preocupação com a educação e com os círculos intelectuais, como Institutos Históricos, escolas primárias e secundárias. Assim, reforça a necessidade de espaços intelectuais de qualidade para a formação da história e da nacionalidade brasileira (SILVA, 2012).

A viagem ao norte inseriu Rocha Pombo em novos mercados editoriais, com a produção de obras e algumas mudanças de concepções apresentadas nos livros posteriores. O autor, a partir de 1918, escreveu os livros objetos da presente pesquisa: *História do Brasil (curso superior)*, *História do Brasil para ensino secundário – com muitas figuras e mapas explicativos*, além de *História do Rio Grande do Norte*, e o próprio diário de viagem, publicado a pedido do presidente daquele estado. Os livros continham inúmeras fontes primárias, tema pelo qual o autor fora alvo de críticas, por não as utilizar em suas publicações.

As obras evidenciavam, ainda, o esforço do autor de publicar livros para outros níveis escolares e outros públicos além dos intelectuais, reforçando outra motivação da viagem, “conhecer os homens simples do povo”, para o qual o autor dizia sempre escrever (SILVA, 2012). Essa concepção reafirma a aproximação que o autor queria demonstrar com a população brasileira, e, ao dizer isso em um diário, demonstra o tipo de memória que queria ser construída sobre sua pessoa. Silva (2012) compreende as mudanças e disputas nas quais Rocha Pombo estava incluído, além do papel como intelectual em seu projeto de autolegitimação, auxiliando a visualizar os caminhos que o autor buscava com sua escrita da história. Dessa forma, quando pensamos as possíveis mudanças no conceito de solidariedade nas obras que analisamos, em razão da passagem do tempo entre suas publicações, levamos em conta a busca que o autor enfrentou para ser bem aceito em determinados círculos intelectuais.

O conceito de solidariedade é uma chave de análise importante que pode ser utilizada para o entendimento do intelectual e seu caráter multifacetado, mas é principalmente importante no que se relaciona à sua perspectiva humanista e a memória acerca dela. Tal perspectiva, observada desde seu primeiro livro, *História das Américas* (1900), foi abandonada em algumas obras, mas permaneceu em outras, na afirmação de uma nacionalidade autônoma da América e do Brasil, com uma história coletiva compartilhada (OLIVEIRA, 2012). Essa característica “humanista” e “política”, criticada por não ser rigidamente factual – modelo de

escrita não seguido por Rocha Pombo – contava com a simpatia de outros intelectuais, como trata Marco Aurélio Taborda de Oliveira (2012). Um exemplo era o elogio à orientação filosófica do trabalho, pautado na solidariedade e progresso, feito por Manuel Bonfim (OLIVEIRA, 2012). Oliveira (2012), procurou utilizar uma obra de Rocha Pombo, a de *História das Américas* (1900), para compreender como a historiografia do período abordou e relacionou a história do continente americano com a política exterior brasileira do contexto. A análise de Oliveira (2012) traz a importância e o sentimento – pelo menos nas esferas intelectuais – que existiam nas relações entre os países americanos, pautada pela solidariedade e cooperação.

A discussão sobre o Brasil e a nação imaginada por Rocha Pombo perpassa toda sua produção e é crucial para uma análise do autor. Como indica Renato Edson Oliveira em sua dissertação de mestrado *O Brasil imaginado em Rocha Pombo* (2015), a concepção e a ideia de uma nação teriam como objetivo a construção de uma representação específica da população, da terra e do autor em suas obras didáticas. A constituição da representação dos “homens simples do povo” nas obras teria levado aos sucessos editoriais, por representar a maior parte da população do Brasil (SILVA, 2012). Assim, a divulgação de forma acessível das obras permitiria que não apenas historiadores lessem, mas que todos os cidadãos que passassem por uma formação escolar tivessem acesso e se sentissem incluídos nos livros. Segundo Oliveira (2015), muitas pessoas tiveram a formação e estudaram a nação à maneira imaginada por Rocha Pombo, um dos intérpretes do Brasil, a partir de noções de uma nova nacionalidade que apresentava um povo “forte”, ligado à terra e com a formação de uma identidade nacional que não se separava do resto da América. Oliveira (2015) afirma que esse aspecto era importante e diferenciava Rocha Pombo, que construía o sentimento de unidade nacional sem ignorar os passados comuns regionais do Brasil e da América, considerados relevantes para a formação da “civilização” no Brasil.

Nesse sentido, a concepção de Rocha Pombo enquanto intelectual que idealizava a nação também passava pela educação. Isso se deu pelo intelectual professor que utilizava de suas propostas educacionais, atuação em sala de aula e livros didáticos para fortalecer suas visões da história, bem como o papel da história para formação dos jovens. Com essa abordagem, outra obra importante sobre Rocha Pombo foi produzida. Alessandra Pedro, em sua tese de doutorado intitulada *A Educação Como Ideal: A obra histórica e didática de Rocha*

Pombo, 1900-1933, (2016), busca discutir o papel dos livros didáticos de Rocha Pombo na construção de um ideário que valorizava e enfatizava a importância da educação no contexto nacional, a “educação como ideal”, que perpassavam pontos importantes como raça, nação e civilização. A autora também apresenta as questões tensionadas sobre Rocha Pombo, que o colocam como um intelectual renegado pelo meio carioca do período, demonstrando disputas entre os intelectuais, a criação de memória acerca de Rocha Pombo problemas com publicações de livros e a participação de editoras na consolidação e difusão das obras didáticas. Um exemplo apresentado pela autora foi o caso da reprovação de Rocha Pombo em um concurso para cadeira de História do Colégio Pedro II. Nesse concurso, Capistrano de Abreu, após afirmar que Rocha Pombo estava levando tudo com “chalaça”¹², reprovou-o, dando início a suas animosidades e as de determinado grupo de intelectuais (PEDRO, 2016). Posteriormente, Rocha Pombo teria sucesso com suas publicações, a partir da ajuda de editores que eram próximos e de colegas (PEDRO, 2016).

Pedro (2016) analisou três obras de Rocha Pombo, *Compêndio de História da América* (1900), *História do Brasil (ilustrada)* (1905-1917) e *Nossa Pátria* (1917). Por meio dessas obras, da análise do seu contexto de produção e repercussão, a autora identifica, em cada uma das obras, o aparecimento de questões específicas: raça, papéis na formação nacional, projetos de nação e de civilização. Com diversas edições e um grande espaço de tempo entre as três obras, Pedro compara as mudanças nesses temas em cada manual didático. Dessa forma, ela observa que, no *Compêndio de História das Américas* e em *Nossa Pátria*, o papel das raças para formação da nação e civilização teria sido modificado. A imagem vilanesca do europeu em relação aos indígenas, que aparecia na obra sobre história da América, teria se transformado na obra seguinte: as ações do europeu em relação ao indígena e ao negro teriam sido justificáveis, ainda que continuasse sua aversão pela escravidão e aos outros modelos não-republicanos nas Américas. Para a autora, tais mudanças de perspectiva sobre o tema da raça nas obras estavam relacionadas com o público alvo e a finalidade do livro didático, o que aproximava mercado e posição social. Ademais, a educação tinha como foco a “civilização”, para modernizar o país e criar o sentimento de nacionalidade – que era entrelaçado com o processo de escolarização - para formação nacional, com cada indivíduo consciente de seu

¹² Chalaça, significado de zombaria, atribuído geralmente a quem executava tarefas com escárnio, mal feito. Ver: PEDRO, Alessandra. *A educação como ideal: a obras histórica e didática de Rocha Pombo, 1900- 1933*. UNICAMP, Campinas, SP, 2016.

papel (PEDRO, 2016). Também era importante a fraternidade entre populações, como algo intrínseco à construção da nação, sendo esses aspectos essenciais para a perspectiva de Rocha Pombo.

Outro trabalho que aborda a questão da raça e formação do “povo brasileiro” em obras didáticas é o artigo de Alexandra Lima da Silva e Renilson Rosa Ribeiro, que apresenta um estudo de Rocha Pombo e as relações de raça. Os autores têm a preocupação de evidenciar aspectos da abordagem de Rocha Pombo, tal como, por exemplo, a forma como aparecem as questões acerca dos indígenas e negros na obra *História do Brasil (ensino superior)* (SILVA, RIBEIRO, 2016). Os autores mostram como Rocha Pombo apresenta as características das “três raças formadoras” do Brasil. O índio altivo, que no Brasil seria descendente dos incas, vinculava a história do Brasil ao resto da América Latina, como povos que viviam no coletivo. O que, segundo os autores, indicava o desejo de Rocha Pombo de difundir, por meio do ensino de história, o sentimento de confraternização entre as nações e demonstrar a importância da solidariedade e o papel da história como lição. Ao índio, juntava o africano “amoroso”, que teria dado a vida para o trabalho no Brasil, e o europeu “inteligente”. Sua narrativa demonstraria a “coesão” das raças no Brasil. Para os autores, Rocha Pombo se diferenciaria de seus contemporâneos, em razão do trabalho detalhado sobre os indígenas, inclusive o cotidiano indígena, com algumas perspectivas de valorização do mito das três raças. Dessa forma, Rocha Pombo tocava em alguns aspectos não tratados por outros autores, ao mesmo tempo em que buscava se aproximar destes, tentando se incluir na rede de intelectuais cariocas (GOMES, HANSEN, 2016). Tanto Pedro (2016) como Silva e Ribeiro (2016) compreendem Rocha Pombo como um intelectual contraditório em suas concepções de união americana e nação, e investigam como essas concepções teriam sido apresentadas no projeto educacional do autor. Essa perspectiva das autoras e do autor, apesar de utilizar as memórias construídas por Nestor Victor, discutem o contraste e a “incoerência” como aspecto da formação de Rocha Pombo, não o apresentando apenas como um intelectual militante e subversivo.

Para o entendimento do conceito de Solidariedade em Rocha Pombo é necessário também pensar a atuação do intelectual em outros ambientes para além do educacional, assim como nas tradições criadas nas análises da ocupação desses ambientes. A atuação do autor foi múltipla, para além dos livros didáticos que produziu, e através dela seus posicionamentos e embates ficaram latentes. É interessante mapear essas ideias de nação, nacionalidade e

educação em outros meios e pensar em conjunto com a produção histórica. Camila Flávia Fernandes Roberto, em sua tese *Reforma social e educação no pensamento de Rocha Pombo* (2017), vai além da análise das obras didáticas de história e também analisa o percurso de Rocha Pombo em outras áreas, nas publicações em periódicos, jornais e obras literárias. A autora buscou encontrar o pensamento e o sentido de reforma para Rocha Pombo, como um intelectual atuante em múltiplas áreas, que se inseriu em uma extensa gama de publicações, contendo propostas sociais e educacionais próprias, que buscavam a produção de um mundo ideal. Roberto (2017), nesse sentido, observa como se apresentaram as propostas reformistas de Rocha Pombo, articulando-as com a ação no campo educacional. As concepções de Rocha Pombo defendiam as ideias de modernidade educacional, para o desenvolvimento da civilização. Seu projeto cultural e nacionalista se vinculava ao educacional e isso se evidenciava nas participações de Rocha Pombo em projetos da universidade do Paraná e da universidade popular. Roberto (2017) apresenta como a educação era um caminho traçado por Rocha Pombo na busca por um novo tipo de sociedade, moderna, “civilizada”, que utilizaria a história como meio para falar sobre seus objetivos e pensamentos. Rocha Pombo defendia princípios que considerava como ideais da história sem imparcialidade, como a necessidade de vínculos com os países da América do Sul em busca de uma reforma social de vida plena e coletiva (ROBERTO, 2017). Nesse aspecto, a tese de Roberto (2017) procura entender como os projetos políticos de reformas sociais de Rocha Pombo foram construídos, a partir de suas atuações múltiplas. E também compreender as ideias de um Rocha Pombo com uma historiografia "diferente" da cientificista e que por meio dela e da educação almejava alcançar a “civilização moderna”.

As pesquisas apresentadas, como Pedro (2016), Roberto (2017), Santos (2008) e Queluz (1994), contribuíram para problematizar as memórias criadas e as possibilidades acerca das obras de Rocha Pombo, assim como a figura do intelectual complexo e ambíguo que parece ter se apresentado ao longo de sua carreira. A partir dessas pesquisas foi possível compreender a trajetória de Rocha Pombo e suas redes de atuação. Os trabalhos de Silva (2012) e Tavares (2011) permitiram entender e ampliar, em nossa análise, a discussão acerca de seus escritos, auxiliando na reflexão sobre a historiografia, a educação e os papéis e formas como Rocha Pombo compreendeu essas categorias essenciais para a formação da nacionalidade brasileira. A partir disso, analisamos a solidariedade como conceito para o autor e, ampliando as análises de Oliveira (2012), observamos, inclusive, como este conceito esteve

presente em outros intelectuais do período, o que também contribui para pensar a obra didática de história das Américas e o conceito.

1.2 Rede de atuações e sociabilidade

Rocha Pombo foi um intelectual com percurso e concepções particulares. Mesmo com proximidades de itinerário com outros intelectuais do período, com os quais compartilhava perspectivas políticas republicanas, abolicionistas, etc, suas contradições (que não devem ser ignoradas ou abafadas quando se estuda uma figura intelectual) (SKINNER, 2005), construíram peculiaridades que lhe foram profundamente arraigadas. A importância do conceito de percurso (SIRINELLI, 2003) na história intelectual colabora para observar as influências de locais, grupos, contextos que auxiliam a compreender as particularidades dos intelectuais, e como essa trajetória consolida seu pensamento político, sua produção e sua atuação pública. O itinerário intelectual na maioria das vezes se torna sinuoso e não linear (SIRINELLI, 2003), em razão das peculiaridades, inclusive pessoais, que acabam formando a faceta “incoerente” do intelectual, sendo muitas vezes apagado propositalmente de sua trajetória. O apagamento de momentos importantes termina por construir uma memória falseada do indivíduo, sendo perigosa uma construção idealizada do intelectual, o que impossibilita, muitas vezes, a compreensão de parte de suas ideias e da construção de seus posicionamentos e projetos (SIRINELLI, 2003).

Rocha Pombo nasceu na província do Paraná, em Morretes, em 4 de dezembro de 1857, região empobrecida, mas de importância em razão da produção econômica de erva mate e da presença de liberais críticos à monarquia, ainda que não configurados como militantes republicanos (VICTOR, 1979). Segundo Pedro (2016), filho de família grande sem muitos luxos, contando com nove irmãos, era “autodidata” e seguiu os passos do pai, tornando-se professor em Morretes aos dezoito anos, onde lecionava para crianças. A atuação pública do intelectual se iniciou quando fundou, em Morretes, aos vinte e dois anos, o periódico chamado “O povo” (VICTOR, 1979), jornal onde expressava questões políticas locais, da província e nacionais, tal como a abolição da escravatura. Nesse contexto, Rocha Pombo se formou como militante da causa republicana, assim como do abolicionismo.

A atuação pública de Rocha Pombo sempre se expressou a partir de suas publicações,

seja nos vários periódicos nos quais escreveu, em revistas, seja em obras didáticas e literárias¹³. Durante o tempo em que escreveu no periódico de Morretes, “O povo - Órgão dedicado à causa popular” (1879)¹⁴, sua atuação no meio educacional como professor autodidata o levou a escrever o artigo chamado “A Escola” em uma revista fluminense (VICTOR, 1979). O texto acabou por ser publicado na revista “Del plata” de Buenos Aires, o que demonstrava o alcance plurinacional, em âmbito americano, que marcaram algumas das obras de Rocha Pombo (PEDRO, 2016).

Ainda na região do Paraná e com passagem por Curitiba, em 1880, onde trabalhou em um jornal local, *A verdade*, a atuação profissional e pública de Rocha Pombo prosseguiu com grande interesse em periódicos e com aproximações de outros intelectuais paranaenses (PEDRO, 2016). De acordo com Pedro (2016), após se mudar para Castro, no interior do Paraná, casou-se e teve filhos com Carmelita Madureira Azambuja, com quem viveu até sua morte, em 1933. A criação de um novo periódico por Rocha Pombo em Castro, chamado “Ecos do campo”¹⁵, em 1883, aproximou-o das questões do interior, como a produção agrária, as disputas de poder, a religiosidade, etc. Sua atuação pública acabou por impactar a política local e Rocha Pombo passou a atuar como político, sendo candidato eleito para a câmara como representante da província (PEDRO, 2016). Por este motivo, voltou a residir em Curitiba e a escrever para o jornal *O Paraná*, o que o fez bem quisto pelos intelectuais da província. Seu aumento de influência foi também em relação aos poderosos produtores da região, como Ildefonso Correia, o Barão de Serro Azul, de quem Rocha Pombo se aproximou devido sua eleição para deputado, já que Ildefonso Correia era presidente do Partido Conservador (PEDRO, 2016).

O cargo foi ocupado por meio do Partido Conservador, o que complexifica ainda mais a figura do intelectual, que possuía posições que entravam em desacordo com pautas dos Conservadores. Como pondera Nestor Victor (1979), não era mera ingenuidade a aproximação

¹³ Obras didáticas como as aqui analisadas: História das Américas (1900), História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas (1918), História do Brasil (curso superior) (1924), obras didáticas regionais como: O Paraná no centenário (1900), História de São Paulo (19xx) e suas obras literárias simbolistas, tendo maior expressão as obras: No Hospício (1905), Petrucello (1889) e Supremacia do Ideal (1889).

¹⁴ Edições de *O povo – Órgão dedicado à causa popular* em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 22/03/2021

¹⁵ Edições do *echos do povo* podem ser encontradas em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 22/03/2021.

de Rocha Pombo com os Conservadores, assim como dos Conservadores com o intelectual. A “carreira” pública era algo essencial para formação e sustentação de figuras da vida pública no período do Império e início da República, assim, Rocha Pombo e seu “talento” seriam úteis aos conservadores, tal como os conservadores seriam úteis a Rocha Pombo (VICTOR, 1979). A partir de sua atuação na assembleia, problemas na convivência entre partido e o deputado provincial começaram a aparecer, consequências das diferenças ideológicas e dos projetos políticos, como Nestor Victor (1979) informa:

[...] na assembleia votava com liberais, o acusaram de falta de caráter: nem republicano, nem bom conservador, afinal. Como os liberais o andavam chamando para as duas fileiras os conservadores não o alijaram imediatamente. Embora não voltasse a deputação, continuou a redigir o jornal do partido [...] (p. 66).

De acordo com Pedro (2016), após sua experiência como deputado, Rocha Pombo não se aventurou mais pelos âmbitos da política institucional, seguiu a vida pública, mas suas tentativas de “carreira” se deram apenas por meio da colaboração em periódicos e da produção de suas obras literárias e educacionais. A saída do cargo público também marcou sua segunda passagem por Curitiba, momento importante que trouxe certa mudança em sua atuação pública e pensamento político. A formação de um novo periódico na capital da província, o “Diário Popular”, que contava com textos de Rocha Pombo, e a publicação de Petrucello (1892), seu primeiro romance e uma das mais importantes e influentes obras do simbolismo brasileiro, o fez se aproximar de figuras libertárias do Paraná, em grupos literários simbolistas republicanos e clubes que carregavam forte conteúdo anarquista (QUELUZ, 1994). Essas relações abriram para Rocha Pombo espaços para debates e contribuições em publicações literárias junto a intelectuais desse meio, como Giovani Rossi e, posteriormente, Nestor Victor. Ambos tiveram contato com o intelectual por meio desses grupos literários e jornalísticos (VICTOR, 1979). Esse grupo do qual o autor se aproximou foi essencial para sua formação intelectual e para a criação de memória acerca do autor, pois essa rede de sociabilidade anarquista é bem visível nas influências em sua escrita.

Conforme Santos (2009), Rocha Pombo se aproximou das ideias positivistas, uma das principais correntes de produção intelectual do período, sendo muitas vezes a mais comum como primeiro contato de muitos intelectuais. Essas ideias estavam nos principais ambientes onde Rocha Pombo frequentou posteriormente, como os ambientes educacionais de início da República e o IHGB. Essa corrente tinha uma posição marcada pelas ciências e, principalmente,

pela “ciência histórica”, a qual Rocha Pombo acreditava ainda não ter chegado ao status de ciência, mesmo que caminhasse para isso (SANTOS, 2009). Assim, embora Rocha Pombo tivesse contato com a interpretação positivista, não pode ser considerado um autor ou intelectual positivista, visto que não podemos enquadrar os autores em concepções únicas de pensamento e Rocha Pombo tinha influência de outras correntes, como a anarquista. Como católico, aproximou-se de ideias consideradas subversivas, sendo, dessa forma, classificado como socialista cristão por seus contemporâneos, como Elísio de Carvalho e autores como Francisco Foot (1983). A concepção de socialista, que surgiu após sua experiência como deputado no seu contato com anarquistas simbolistas em Curitiba, levou-o a ser comparado ao escritor russo Liev Tolstói, que se aproximava de concepções anarquistas, mas também da Igreja Católica, um “Tolstói brasileiro”, conforme a memória criada por Nestor Victor (1979).

A percepção de “Tolstói brasileiro” de Rocha Pombo não foi elaborada apenas pela questão do catolicismo em consonância com suas ideias anarquistas, mas também pela sua preocupação social e, principalmente, educacional. Para Rocha Pombo, uma das possibilidades de futuro para o Brasil passava pela importância que dava à educação brasileira, utilizando, assim, a história escolar como “educadora”, como “lição” para uma caminhada rumo à “civilização” (POMBO, 1925).

Como militante republicano e abolicionista, Rocha Pombo percorreu uma trajetória marcada por contradições: aproximou-se dos setores reacionários da sociedade, mas também teve, ao longo da vida, contato próximo a intelectuais libertários, como Nestor Victor e Giovanni Rossi¹⁶, que se consideravam amigos e confidentes de Rocha Pombo. Intelectuais multifacetados como Rocha Pombo são interessantes de se analisar por possibilitarem a observação da multiplicidade de disputas de projetos das elites intelectuais. Além disso, demonstram as ambiguidades por trás de quem debatia e postulava as ideias em disputa, por estar envolvido nos debates do período sobre história, educação e nação. A dificuldade de inserir Rocha Pombo em uma única rotulação ideológica, que serviria, teoricamente, para analisar sua atuação, enriquece o debate acerca dos intelectuais da Primeira República.

Curitiba foi o último local de morada de Rocha Pombo na província do Paraná, até seu

¹⁶ Giovanni Rossi foi líder da colônia Cecília, tentativa prática de colônia anarquista no interior do Paraná em 1890, segundo Pedro (2016).

estabelecimento no Rio de Janeiro, em 1897, onde se inseriu nos grupos intelectuais e consolidou sua vida pública como intelectual. Conforme Pedro (2016), Rocha Pombo não demonstrava muito interesse com relação à sua ida ao Rio de Janeiro, em razão de sua família e de seu estabelecimento no Paraná, entretanto, seu descontentamento anterior com a perseguição na Revolução Federalista no Sul e com a morte de sua mãe e de uma filha em 1897 o levaram a tal decisão.

Os usos da história que Rocha Pombo realizou em suas obras, com o princípio didático da história como lição para o futuro da nação, incluíam as reflexões acerca da solidariedade, fraternidade e a importância da unidade das Américas. Essas reflexões, presentes em suas obras, eram resultado das diversas influências e trajetórias do autor que, como intelectual, sistematizou ideias anarquistas, liberais, religiosas, dentre outras, para projetos de atuação prática no mundo público.

Essas influências advindas das redes de sociabilidade do autor ajudam a observar como o conceito de solidariedade era presente e debatido no período. Aqui, a história dos conceitos nos auxilia, pois, ao observar a circulação de um conceito em um contexto específico, de intelectuais inseridos nos centros urbanos e no pós-república, faz-nos compreender como Rocha Pombo articulou em suas obras, de forma própria, a solidariedade. Sabemos que o contexto republicano abriu portas para o debate e a política de Estado que pretendia uma maior inclusão do Brasil no cenário continental (BAGGIO, 1998). Essa inclusão poderia ser realizada de diversas formas e, dentro dos modelos de integração que eram possíveis, o conceito de solidariedade ganhou notoriedade tanto para problematizar o passado histórico dos países do continente quanto para as ações políticas da contemporaneidade em 1900.

Nesse sentido, Katia Baggio em sua tese de doutorado *“OUTRA” AMÉRICA: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas* (1998), que trata dos intelectuais brasileiros e seus discursos sobre o continente americano no começo da República, enfatiza como Rocha Pombo ganhava destaque por sempre tratar as relações continentais de forma a convergir os interesses de países latino americanos, no sentido de autonomia e crescimento intelectual e memória histórica por um passado (violento, traumático e heróico) em comum. Dessa forma, também renegava a influência de via única dos Estados Unidos, a qual tratava como imperialismo (BAGGIO, 1998). Outros intelectuais, mais próximos a Rocha Pombo, tinham pensamentos parecidos, como João Ribeiro, que também

tratava a presença norte-americana como imperialista. Por outro lado, segundo Baggio (1998), as perspectivas pan-americanistas ficavam por conta de intelectuais como Euclides da Cunha e Rui Barbosa, que acreditavam na necessidade de serem mais próximos dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que os vínculos de solidariedade com países latinos eram marcados pela distância política e social pois, como a história demonstrava, para estes intelectuais, os países latinos eram locais de anarquia social (BAGGIO, 1998). As perspectivas que não almejavam uma solidariedade entre as nações, também existiam, como o caso de Eduardo Prado (BAGGIO, 1998), que acreditava que os povos americanos eram marcadamente individuais e que este caminho natural devia ser seguido. Essas perspectivas de negação da solidariedade, como permeavam e influenciavam os debates, serviam para demarcar as posições que levavam em conta a importância da solidariedade para a construção da sociedade brasileira¹⁷.

A rede de sociabilidade de Rocha Pombo, constituída ao longo de seu percurso intelectual, é parte das “incoerências” (SIRINELLI, 2003) e particularidades do intelectual. A atuação no interior, próxima ao partido conservador, mas com posições liberais, deu lugar, durante parte da vida do autor, à proximidade com ideias “subversivas” de teor libertário e anarquista. Esse momento de atuação em sua trajetória parece ter sido fundamental para sua consolidação no círculo intelectual republicano, após a ida para o Rio de Janeiro e publicação de suas primeiras obras didáticas (PEDRO, 2016). Foi fundamental também no Paraná a formação de suas percepções políticas e de história, que foram inseridas em suas obras didáticas como professor/autor (GASPARELLO; VILLELA 2009) e em artigos e periódicos e, dessa forma, posicionando-o como intelectual atuante no contexto da Primeira República.

Em sua estadia no Rio de Janeiro, tal como no Paraná, esteve próximo de grupos de intelectuais membros da administração pública, como Rui Barbosa, o qual trocava cartas; além de integrar grupos relacionados à educação e às publicações em periódicos, dialogando com João Ribeiro e Elísio de Carvalho (PEDRO, 2016). Em 1900, Rocha Pombo produziu duas obras históricas de importância para seu acervo, a História das Américas e o Paraná no Centenário. A História das Américas era resultado de um concurso e foi a primeira obra didática de história das Américas elaborada do Brasil, novidade no currículo escolar da República, e foi destinada às Escolas Normais¹⁸. As duas Obras garantiram a sua entrada para o Instituto

¹⁷ Esse debate acerca da solidariedade em intelectuais Republicanos será retomado no capítulo III.

¹⁸ As escolas normais eram instituições de formação de professores para o ensino primário.

Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), um dos principais círculos intelectuais do país, do qual foi membro até sua morte. Sendo sócio do IHGB, Rocha Pombo ampliou ainda mais sua rede de sociabilidade, entre intelectuais e instituições.

Como apresentamos, sua presença e participação em diversos espaços intelectuais continuou no Rio de Janeiro, mas além do IHGB, Rocha Pombo permanecia próximo a figuras da literatura simbolista e, dessa forma, mantinha seu vínculo com intelectuais anarquistas. Em 1905, publicou uma das obras mais importantes do simbolismo Brasileiro, *No Hospício*, que influenciou diversas outras obras simbolistas (QUELUZ, 1991). Sua relação com anarquistas teve talvez seu maior expoente no momento em que, junto de Elísio de Carvalho, Fabio Luz e etc., atuou na fundação da Universidade Popular do Ensino Livre¹⁹, em 1905, na qual Rocha Pombo lecionou voluntariamente a disciplina de História (PEDRO, 2016). Conforme destaca Silva (2012), Rocha Pombo sempre buscou, assim, a inclusão e aceitação nos círculos intelectuais cariocas do período – centro intelectual do país – e sua busca recorrente por participação nesses espaços. A frequente publicação de livros didáticos e até mesmo as mudanças em sua produção historiográfica demonstram este aspecto do intelectual vindo do interior (SILVA, 2012).

A atuação no Rio de Janeiro foi, assim como Nestor Victor (1979) afirmava, o caminho mais apropriado para um intelectual que desejava constituir “carreira”. Sua ambivalência como membro de locais institucionais, oficiais do estado, como o IHGB e a Escola Normal e locais “não oficiais”, como grupos simbolistas ou mesmo a universidade Popular do Ensino Livre, fez com que sua figura e sua produção sofresse desavenças e críticas. O contexto intelectual do final do século XIX de forma alguma foi homogêneo e dominado por uma só perspectiva de história, nação e ensino, como podemos observar também nas peculiaridades de obras de João Ribeiro (GASPARELLO, 2013), Manuel Bonfim (OTHERO, 2019), etc. Mesmo sendo conhecido antes de sua ida para o Rio de Janeiro (PEDRO, 2016), foi após sua consolidação e identificação como intelectual republicano que Rocha Pombo se inseriu diretamente nos principais debates da capital da República. Suas obras, por sua trajetória, como já apresentada,

¹⁹ A Universidade Popular do Ensino Livre foi uma tentativa de expandir o ensino para a classe trabalhadora do período. Fundada e administrada por intelectuais que tinham relação ou simpatia pelo movimento anarquista, a universidade era gratuita e tinha a perspectiva do trabalho como eixo central para o ensino. O projeto não vigorou e foi desfeito no mesmo ano (PEDRO, 2016).

e por suas percepções de história e de nação, eram muitas vezes taxadas de “amadoras” (SANTOS, 2009), no sentido de não obedecer a parâmetros “profissionais” que caracterizavam uma escrita da história considerada científica. As obras de “historiografia” eram escritas muitas vezes pelos mesmos professores/autores de livros didáticos, os mesmos que ocupavam cadeiras em escolas secundárias e normais, assim como eram membros do IHGB. Essas redes faziam com que, por mais que existissem desavenças, o diálogo e debate entre intelectuais que divergiam fosse feito de forma praticamente direta (PEDRO, 2016). É o caso, como destaca Santos (2009), por exemplo, da rixa existente entre Rocha Pombo e Capistrano de Abreu, que criticou as obras de Rocha Pombo por não conterem “uso de fontes primárias”, configuração de uma escrita da história “científica”, sendo apenas uma “discussão bibliográfica”, com posicionamentos políticos, interpretações e leituras próprias da história (SANTOS, 2009).

Dessa forma, a história dos intelectuais pode colaborar com as pesquisas em história da educação, não somente pela preocupação com o desenvolvimento das disciplinas escolares (línguas, matemática, geografia, história), mas também pela análise das mudanças pedagógicas ao longo do processo histórico, levando em conta os agentes, suas ações nos meios sociais, assim como as disputas de narrativas e projetos. Dessa forma, ao problematizar a prática de intelectuais mediadores e professores autores, que estão inseridos nesses meios, é interessante considerar a contribuição oferecida pela história das ideias e dos intelectuais.

Os professores são intelectuais que devem ser analisados levando em conta as várias noções de “intelectual”. Não é possível observar o professor/autor apenas como mediador ou como engajado, assim como outros grupos de intelectuais. A necessidade de utilizar essas categorias de formas maleáveis, ampliando e centralizando esses grupos de análise, é crucial. Professores são tanto intelectuais criadores de embates, narrativas e perspectivas, quanto mediadores dessas disputas e debates entre os intelectuais e a população. Além da importância da perspectiva das práticas sociais dos intelectuais, professores têm locais de atuação múltiplos, como no caso do Brasil da Primeira República, quando atuavam nos colégios, escolas primárias, institutos de história e geografia, em editoras e em cargos da administração pública, como destacado por Gasparello e Vilella (2009). Assim, circulavam em estruturas de sociabilidades geridas no interior das instâncias educacionais, culturais e administrativas, criando redes de solidariedade comuns durante a Primeira República (GASPARELLO, VILELLA, 2009). Nesse sentido, a identificação das pessoas como professores, que se iniciou no século XIX

(GASPARELLO, VILELLA, 2009), estava vinculada à percepção de ser intelectual, já que, naquele período, ser professor estava atrelado ao sentido de atuação intelectual.

Segundo Circe Bittencourt (1993), nos anos iniciais da Primeira República, não existiam faculdades ou cursos superiores para formação de professores. Na prática da docência, os professores eram, muitas vezes, autodidatas ou formados em outras áreas, como Medicina e Direito. Apesar da falta do curso superior para formação na disciplina de História – inclusive pelo fato de que muitas das disciplinas estarem ainda em constituição e consolidação – existiam instituições que cumpriam esse papel. Conforme Gasparello e Vilella (2009), criados no Império, a Escola Normal de Niterói e o Colégio Pedro II foram dois dos principais estabelecimentos de formação e atuação de intelectuais durante o Império e a Primeira República. Os dois ambientes tinham um caráter duplo de atuação: os professores, além de estudarem e, posteriormente, trabalharem nessas instituições, lecionavam e publicavam obras sobre o ensino nas escolas. Tais instituições serviam, dessa forma, como modelos a serem seguidos por todo o país (GASPARELLO, VILELLA, 2009).

A necessidade de programas comuns, que deveriam ser seguidos pelas diferentes instituições educativas, fez crescer a demanda do Estado por livros didáticos (GASPARELLO, VILELLA, 2009), colocando os professores em relação direta entre a experiência da sala de aula e a produção editorial por meio da publicação de materiais didáticos que divulgavam exemplos e projetos educacionais em âmbito nacional. Esses ambientes das escolas normais e secundárias, serviram para formação e atuação de professores, mas também de figuras administrativas, políticas e bacharéis, que passavam pela mesma formação, entrelaçando ainda mais as redes de relação entre os intelectuais (GASPARELLO, VILELLA, 2009).

Assim, as relações entre os intelectuais durante o Império e a Primeira República eram amplas. Além da atuação em locais de formação, a passagem por instituições que representavam diretamente o Estado e seus projetos também era necessária. Instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e seus equivalentes regionais mantinham projetos de memória e de exaltação do Brasil, que eram disseminados para as outras esferas. Dessa forma, os intelectuais no começo da República atuavam tanto na docência quanto na produção de obras didáticas e na construção de memórias oficiais do Estado brasileiro. Essas relações extensas de redes de intelectuais, professores, políticos, funcionários públicos, etc. ajudam a pensar o sentido que Sirinelli (2003) dá ao conceito de intelectual e suas atuações. É necessária uma

lente ampla de análise para, então, centrar o olhar de modo mais específico na atuação de sujeitos presentes nesses grupos.

De tal modo, as redes e locais de atuação dos professores/intelectuais também nos permite pensar no sentido do intelectual mediador no Brasil da Primeira República (GOMES; HANSEN, 2016). Os intelectuais mediadores, grupo no qual Rocha Pombo pode ser incluído, são essenciais, pois, para além do intelectual “criador” de uma perspectiva, figuras que divulgam, popularizam e discutem perspectivas políticas, sociais, educacionais também devem ser compreendidos como intelectuais, retirando a “mediação” de uma posição secundária ou inferiorizada (GOMES; HANSEN, 2016).

Nesse sentido, professores e autores de livros didáticos, como Rocha Pombo, realizam um trabalho intelectual e também podem ser considerados intelectuais mediadores, pois popularizam e levam para os ambientes escolares o debate histórico e geográfico que era constituído em diversos ambientes. Da mesma forma, permite que a escola seja considerada como local de produção intelectual, que pode ser apropriado pelos outros âmbitos intelectuais, demonstrando como a atuação nesses espaços de embates, debates e produção de conhecimento movimentaram a constituição de projetos heterogêneos para a nação.

1.3 Professor/autor na educação da instauração da República

A formação do Estado Imperial brasileiro é debatida pela historiografia como produto de uma elite dirigente, que opta pela continuidade da monarquia em detrimento de outras possibilidades, como as apresentadas na América Espanhola. A historiografia produzida sobre o período, destaca o papel de pequena parte da elite nos processos de mudanças políticas, principalmente na implementação e consolidação do Império (sem relevar os levantes e lutas políticas do povo), como demonstra José Murilo de Carvalho em *A construção da ordem, teatro das sombras* (2014). Nessa obra, o autor evidencia a existência, no período, de diferentes elites, agrárias, comerciais, urbanas e rurais, do interior, da corte, etc., que coexistiam para manutenção de modelos, como a escravidão e a monarquia, com a perspectiva da unidade territorial.

Nesse sentido, a educação era considerada importante para a formação de uma cultura comum entre as elites. Do processo de independência, até a criação sistemática de escolas

secundárias e cursos de bacharelados, predominou no Brasil uma tradição de formação bacharelesca vinculada a Portugal. A viagem de jovens estudantes das elites para Portugal e a posterior volta destes para o Brasil, para Carvalho (2014), gerou uma elite-política com perspectivas em comum, que se socializou para além da educação, nas ocupações e carreiras no novo Estado Imperial brasileiro. Essa elite política, que dirigiu o Império, tinha um projeto de construção de nacionalidade que seria efetivado por meio de instituições nacionais, como as escolas brasileiras (Ex: Colégio Pedro II) e o IHGB.

A concepção de nação projetada durante o Império, e suas políticas em relação às instituições públicas e à formação do povo, foram objetos de disputa durante todo o século XIX. Visões antagônicas existiam e permeavam outros setores da elite intelectual. Por outro lado, o descontentamento geral da população influenciou a mudança de organização da política brasileira na passagem para a República. Segundo Carvalho (1991), a transição do Império para a República é momento importante para a análise dos projetos republicanos e seus embates. A mudança de regime político se propunha próxima “do e para o povo”, ambicionando trazê-lo para dentro do debate e da participação política do Estado (CARVALHO, 1991). Os projetos educacionais, por exemplo, possuíam pretensões de expansão e mudança do sentido aristocrático do ensino, que se configurava como um dos lugares de exclusão das camadas populares. O otimismo de determinados grupos sociais, como operários e intelectuais, expresso em jornais e periódicos, entre eles o *Voz do Povo*, do Rio de Janeiro, demonstrava que essas mudanças eram debatidas pelas camadas populares. Apesar das mudanças, as práticas que eram características do regime político anterior, como a valorização de um ensino secundário elitista, se mantiveram nos projetos republicanos iniciais. Segundo Bittencourt (1993) a República, embora não fosse mais aristocrática, permaneceu elitista, tendo a educação como privilégio e local de formação de filhos das elites agrícolas, mercantis e intelectuais. Os questionamentos de Carvalho (1991) são pertinentes nesse sentido: se a República se colocou enquanto portadora do povo, é complicado pensar no povo assistindo “bestializado” todo processo político, social e cultural. A dificuldade da historiografia em encontrar o povo na constituição da República ajuda a chamar atenção para a análise da mudança do regime e seus projetos. Os objetivos dos projetos nacionais eram, além da entrada do país no mundo “civilizado”, ao se tornar uma república, diminuir o analfabetismo, passando a incluir a população no mundo republicano. Para tanto, a educação cumpriria papel central, na construção de um passado comum e de um novo povo da “civilização”.

Nesse contexto, surgiam intelectuais que durante o período do Império ainda não detinham grande notoriedade, mas que almejavam novas perspectivas que mudassem a educação e a nação. A República contou com a presença de intelectuais já consolidados (mesmo que críticos ao novo regime e defensores da monarquia), e novos intelectuais apareciam na cena pública para pensar e construir o rompimento político e social com o regime anterior. Assim, a busca pela “modernização” e pela “civilização” aos moldes Republicanos constituiu novos currículos escolares, revalorizou outros níveis escolares, como o primário (já que o secundário possuía maior atenção) e impulsionou a importância do livro didático, estimulando o mercado editorial brasileiro. Rocha Pombo como um desses novos intelectuais e autor de livros didáticos do começo da República transitou por muitos dos espaços de construção de conhecimento, almejando reconhecimento e integração aos núcleos intelectuais.

Além de publicar livros didáticos, Rocha Pombo também se manteve próximo aos núcleos educacionais da capital da República atuando como professor, dando continuidade à atuação que teve no Paraná. Segundo Pedro (2016), no Distrito Federal, além de ajudar a fundar a Universidade Popular de Ensino Livre com outros simpatizantes anarquistas, se aproximou de Manuel Curvelo de Mendonça, que era membro do Conselho de Instrução Pública, o que deixava Rocha Pombo próximo das deliberações educacionais do Distrito Federal. Posteriormente, no Rio de Janeiro, lecionou na Escola Normal e tentou, em 1906, lecionar no Colégio Pedro II, mas não foi aprovado no concurso. Sua experiência em sala de aula se relaciona com sua vasta produção de livros didáticos, formando os professores que posteriormente poderiam utilizar seus livros em sala de aula. Em 1900, iniciou a produção de *História do Brasil (Illustrada)* que teve dez volumes (PEDRO, 2016). Lançou nessa época também outras obras importantes para o ensino primário e secundário como o *História do Brasil* com muitos mapas históricos e gravuras explicativas (1918), para o ensino secundário, pela editora Weizlof e, para o público das escolas normais que lecionava, o *História do Brasil* (curso superior) (1924), também da editora Weizlof (PEDRO, 2016). Dessa forma, sua trajetória no Rio de Janeiro deu certa sequência à vida anterior no Paraná, no sentido da atuação em redes, relacionando-se com grupos intelectuais diversos, com diferentes ideias e locais de atuação. Além de atuar publicamente em diferentes espaços, garantindo também uma cadeira na Associação Brasileira de Letras, no ano de sua morte, em 1933.

Sua atuação como professor/autor no Rio de Janeiro não era desvinculada de sua posição

e atuação como intelectual. Ser historiador, membro do IHGB, produtor da história institucional – era feita pelos mesmos grupos que lecionavam nas escolas, escreviam em jornais, produziam livros didáticos, dentre outras ocupações. Essa ideia de professor intelectual é importante para compreender como, no período da Primeira República, os professores/autores tinham um papel essencial e diretamente ligado à construção dos projetos educacionais republicanos (BITTENCOURT, 1993). É também uma forma de observar qual era o peso de suas obras e de sua atuação enquanto professores, pois, de modo geral, os mesmos sujeitos que pensavam esses projetos estavam dentro das salas de aulas, seja como professores ou como autores do livro didático, sendo diretamente responsáveis pela produção e formação educacional (e de história) no interior das escolas (BITTENCOURT, 1993).

O círculo intelectual na capital da República tinha como característica essa atuação pública de forma múltipla. Os diversos espaços ocupados por essas figuras se correlacionavam e se confundiam, não sendo apenas “membro do IHGB”, ou “professor do Colégio Pedro II” ou “funcionário de secretaria de estado”, toda essa gama fazia parte da formação de “carreiras” e formas de atuar publicamente na construção da nação rumo à “civilização”.

Pedro (2016) observa que a vida profissional na educação foi o que deu suporte financeiro a Rocha Pombo em toda sua trajetória, de professor autodidata dos primeiros anos escolares no Paraná até sua estadia no Rio de Janeiro como professor da Escola Normal. O autor também recebeu ajuda (inclusive financeira) de outros intelectuais de seu núcleo simbolista do Paraná, como Nestor Victor, Romário Martins, Leôncio Correia e Ubaldino do Amaral (PEDRO, 2016). A vida relacionada à educação é importante na trajetória do autor, tanto para o sentido material quanto para sua formação intelectual. Em 1906, quando tentou passar em concurso para lecionar no Colégio Pedro II (local de valor simbólico para os intelectuais do período), poderia ter sido ainda mais reconhecido no meio intelectual, mas ficou apenas em sétimo lugar. É nesse contexto que surge já a citada animosidade entre Rocha Pombo e Capistrano de Abreu, rivalidade que pode ter custado prestígio a Rocha Pombo no meio intelectual (PEDRO, 2016), pois não apenas suas perspectivas de história eram divergentes, mas também os grupos nos quais cada um participava. Nesse sentido, não somente sucessos integraram a trajetória de intelectual/professor de Rocha Pombo. Em 1905, o projeto da Universidade do Povo, local onde Rocha Pombo iria lecionar, também havia sido abandonado (PEDRO, 2016). A docência na Escola Normal e a publicação de livros didáticos

foram, dessa forma, a escolha de Rocha Pombo para ter condições de estar no meio intelectual. Esse aspecto também é importante, pois como afirma Heloisa Helena Meirelles dos Santos (2013), o Ensino Normal ganhou importância no começo da República, tendo recebido a primeira obra de história das Américas. Ao lecionar e escrever para os futuros professores, Rocha Pombo garantiu participação direta na formação educacional da população brasileira, levando as perspectivas de sua história diretamente para as salas de aula de diversos lugares do país. Assim, a compreensão da história como lição e a solidariedade entre populações como essencial para a formação da nação e futuro do continente, tinha presença no ensino.

A educação, portanto, foi o meio de vida para que sua atuação pública como intelectual pudesse acontecer, já que não era filho de família de posses. O sucesso que obteve no meio educacional com suas primeiras obras didáticas foi significativo também para seus contatos mercadológicos com editoras que o buscaram para publicar livros, que foram sucessos editoriais. (PEDRO, 2016) As obras aqui analisadas, principalmente a coleção de três livros encomendada pela editora Weizlof (PEDRO, 2016) (que já via o êxito editorial de Rocha Pombo em livros como História das Américas), tiveram um grande peso e sucesso no mercado de livros didáticos para suas editoras. A consolidação do mercado editorial, nesse sentido, ajudou a regimentar a atuação dos intelectuais do período e do livro didático como objeto “essencial” para o processo educacional e a perspectiva de história do período republicano (BITTENCOURT, 1993). Vamos iniciar no próximo capítulo a análise dessas obras, sua forma material, alguns aspectos do conteúdo e como foi articulado na escrita de Rocha Pombo, além do papel dos livros didáticos na educação do período.

II. POLÍTICAS EDUCACIONAIS E OS LIVROS DIDÁTICOS DE ROCHA POMBO

Neste capítulo serão analisados alguns aspectos da educação e das mudanças curriculares do começo da República e como essas foram apreendidas por Rocha Pombo em seus livros didáticos. Também será investigado como as obras didáticas tiveram sua importância reafirmada por meio do crescimento do mercado editorial, evidenciado ainda por algumas mudanças materiais dos livros, como também podemos observar em algumas obras de Rocha Pombo.

2.1 Disputas educacionais da República

As elites dirigentes brasileiras questionaram em dois momentos acerca do que seria o Brasil e o brasileiro no século XIX: durante o processo de Independência e da proclamação da República. Segundo Gasparello (2004), questionamentos difíceis sobre pátria, nacionalidade e pertencimento surgiram no pós-independência e, de certa forma, permaneceram após a proclamação da República. A educação, a escola e o ensino de história tiveram papel fundamental, nesses dois momentos, como instrumentos para a consolidação de uma memória e a criação dos mitos fundadores. A principal dificuldade na independência foi a “dialética confusa” como denomina Gasparello (2004), a querela do novo e velho, do presente e passado, que dificultaram a formação da nacionalidade e da história nacional.

O fortalecimento da história nacional imperial se deu após a criação do IHGB, com a produção de obras acerca da geografia e história do país, assim como a normatização de como se produzir essas obras. Enquanto o IHGB cuidava da história institucional – a história oficial do Estado imperial brasileiro –, se fez necessária a presença dessa história imperial nos ambientes educacionais, no primário, secundário, mas também nas escolas normais. Conforme Bittencourt (1993), além da presença da disciplina de história e geografia do Brasil, os livros didáticos ganharam notoriedade e deixaram de ser obras traduzidas diretamente do francês, para serem obras elaboradas por autores brasileiros.

Durante o Império, o ensino secundário no Brasil recebeu atenção por parte das elites dirigentes. A oficialização do Colégio Pedro II, criado em 1837, começava a delinear um

modelo a ser seguido pelos outros colégios no país (GASPARELLO, 2004). O Colégio Pedro II prezava pelo modelo de ensino característico do período, católico e humanista, com ensino de línguas clássicas, como Latim e Grego e antiguidade clássica, com História grega e romana. O ensino tinha como característica ser “desinteressado” (GASPARELLO, VILELLA, 2009), com atenção à formação da “alma”, sem perspectivas científicas ou técnico-práticas. Esse modelo para o ensino secundário foi difundido para as outras instituições do país. A conclusão do secundário dava direito ao diploma de Bacharel em Letras, o que permitia às elites do período acessar os cursos de formação superior e ingressar na burocracia estatal.

No começo da República o ensino secundário manteve a função de formar as elites (NUNES, 2000), permanecendo aristocrático, dando pouco acesso às outras parcelas da sociedade brasileira. Contudo, existiam tentativas de retirada do caráter aristocrático das instituições educacionais secundárias e também buscava-se ampliar o acesso ao primário às populações mais pobres (GASPARELLO, 2004). O secundário ainda estava marcado pela formação humanística e “desinteressada”, mas ganhava força o embate entre o cientificismo e o humanismo (MOREIRA, 2017). A saúde e educação se tornaram a frente das políticas da República, pois a partir dessas áreas as mudanças maiores e mais urgentes do país aconteceriam. Essa perspectiva era direcionada à maioria da população, pobre, analfabeta e recém livre (BOMENY, s/d). A mudança no processo de participação eleitoral, no qual o modelo de voto deixou de ser censitário passando a ser definido pela alfabetização, influenciou as reformas que tomaram a alfabetização como prioridade por parte do Estado. A República que se gestava se anunciava como moderna, cientificista, almejando a “civilização”, necessitando assim da inclusão do povo nessa lógica (BITTENCOURT, 1993).

Assim, nas reformas iniciais do período republicano prevaleceu o caráter cívico, que buscava evitar e superar possíveis convulsões sociais que podiam aparecer devido às contradições da época. O processo de transição do Império para a República efetuou importantes sinalizações de mudanças, mas também de continuidades no ensino. No começo da República foi mantida a “divisão” educacional: primário, secundário e superior, na qual a tentativa de vincular os “valores” do novo regime se expressou pelos conteúdos das disciplinas e a forma de exposição deles nos livros didáticos e currículos (SOUZA, 2008). A importância dada à educação pelos novos membros do Estado, reforçava a preocupação com a alfabetização para o ingresso no mundo moderno e “civilizado”.

O ensino primário ganhou, desse modo, maior notoriedade no começo da República do que a existente no regime anterior, pois teria a alfabetização como principal meta (GASPARELLO, 2004). A educação deu continuidade ao controle sobre as populações pobres e ex-escravizadas, que passaram a ter mais acesso à educação, mas acompanhada de disciplinas com características morais e cívicas que tinham o intuito de educar o povo a evitar o seu contato com ideias ditas “subversivas”, como sindicais, anarquistas, socialistas etc. (BITTENCOURT, 1993). Dessa forma, apesar das novas práticas educacionais, perspectivas nacionalistas, preocupações com a “modernização” e alfabetização das populações, o controle por parte de uma elite agrária, mercantil urbana e intelectual, continuou a ser a diretriz dos projetos educacionais.

Durante o Império, a partir da década de setenta do século XIX, até o começo da Primeira República, as disputas entre modelos e projetos educacionais se tornaram cada vez mais acaloradas (BITTENCOURT, 1993). Os currículos escolares, expressões dos projetos educacionais, colocaram em prática as perspectivas de determinados grupos de intelectuais, assim como seus projetos de nação. Esses currículos, tanto no Império quanto na Primeira República, estavam marcados pela clara divisão entre a elite e o trabalhador.

Dessa forma no período imperial, o trabalhador deveria se ocupar apenas em aprender a ler e escrever e conhecer “coisas práticas do trabalho” no ensino primário, a educação considerada “para todos” (BITTENCOURT, 1993). Com a mudança de regime político, houve uma disputa no interior do Estado, por parte de setores mais progressistas, que defendiam maior valorização do ensino primário, que se pretendia tornar o alicerce da nação, buscando a sua expansão (BITTENCOURT, 1993).

O planejamento da instrução elementar foi sendo elaborado lentamente pelos grupos dirigentes, mas nem sempre foi consensual a ideia de que o ensino primário seria, obrigatoriamente, atribuição do Estado. A criação e o financiamento das escolas de “primeiras letras” foram temas de discussões entre os parlamentares das variadas províncias e continuaram quando da organização educacional dos estados da República Federativa (BITTENCOURT, 1993, p. 33).

De qualquer maneira, a instrução primária ganhou forma e tentativas de expansão no início da República, reorganizada a partir da criação dos grupos escolares que pretendia alterar o ensino ministrado durante o Império por meio das escolas isoladas (FARIA FILHO, 1998). A reorganização e revalorização do ensino primário também incluiu a produção de livros

didáticos e a profissionalização dos professores pelas Escolas Normais, que ganharam maior sistematização na República.

Segundo Gasparello (2004), novas perspectivas educacionais deram sequência às disputas ideológicas entre elites intelectuais que existiam no período imperial (GASPARELLO, 2004). As reformas de caráter positivista e cientificista de Benjamin Constant, em 1890, marcaram o início de novas propostas e objetivos para a educação, com tentativas de desvincular o ensino das humanidades da Igreja Católica, inserindo o cientificismo como horizonte educacional. A história também ganhou nova importância e formato, com maior ênfase na questão nacional, e a criação de novos mitos e heróis da pátria republicana, na tentativa de se desvincular da história nacional imperial (GASPARELLO, 2004).

As reformas seguintes, das duas primeiras décadas do século XX, demonstraram as tentativas de estabelecer o ensino como política central da nação e também as problemáticas envolvidas em perspectivas educacionais que não levavam em conta a realidade do país, recém saído do processo de escravidão. A reforma de Epiácio Pessoa, em 1901, começou a considerar os aspectos regionais do Brasil, privilegiando o secundário nas escolas dos estados, ao equiparar os liceus e ginásios ao Colégio Pedro II (BOMENY, s/d). Segundo Kênia Moreira (2017), a reforma de Epiácio Pessoa “privilegiou as disciplinas literárias em detrimento das científicas, estabeleceu o Regimento do Ginásio Nacional²⁰ e consolidou o regime de equiparação” (p. 114). Ainda assim, não foi instituída a obrigatoriedade da presença na escola (BOMENY, s/d). Em 1910, as reformas de Rivadavia Correia e, em 1915, de Carlos Maximiliano, deram continuidade às disputas de projetos educacionais entre as elites dirigentes. Rivadavia Correia revogou a reforma anterior e implementou um ensino “livre”, estabelecendo a autonomia para o ensino secundário e superior:

A reforma Rivadavia Correia [...] instituiu o “ensino livre” diversificado e flexível em estabelecimentos particulares, e o ensino secundário e superior como estruturas autônomas. A finalidade do secundário residia na formação do cidadão e não no ingresso no ensino superior. A reforma extinguiu a equiparação por meio de um curso secundário modelo e substituiu o “diploma” por “certificado” de frequência e aproveitamento (MOREIRA, 2017, p. 115).

²⁰ O colégio de Pedro II que durante o império levava o nome do Imperador teve seu nome desvinculado da figura após o processo de proclamação da República, sendo inicialmente chamado de Ginásio Nacional (GASPARELLO, 2004).

Carlos Maximiliano revogou o ensino “livre” e retomou a presença do Estado na educação, a qual emitia os certificados de conclusão, implementava os exames preparatórios parcelados além da volta da equiparação de outras escolas ao Colégio Pedro II (BOMENY, s/d).

Segundo Rosa Fátima de Souza (2008), todas essas mudanças, pensadas na ambiência do “otimismo pedagógico”²¹, partiam da visão que os republicanos tinham da educação, a partir de um sentido cientificista, prático e técnico, e não apenas a “desinteressada” formação das almas. Além das mudanças da estrutura educacional, o conteúdo escolar veio acompanhado da inclusão de novos elementos nacionais nas disciplinas de Português, História, Geografia, dentre outras, com o ensino de história do Brasil se separando da história universal (MOREIRA, 2017). A formação da nacionalidade (agora republicana) estava incluída nos conteúdos, tendo os livros didáticos como principais expoentes desse novo nacionalismo, seus heróis e vitórias, carregando argumentos para a persuasão da população acerca do sentimento à pátria (SOUZA, 2008). Na educação cívica e moral “dever-se-ia estudar a biografia de brasileiros célebres, de notícias históricas do Brasil colônia e império e a história da proclamação da República” (MOACYR apud NADAI, 1993).

Com o início da construção de uma história oficial brasileira, por meio do IHGB, foram estabelecidas concepções de nacionalidade presentes nas obras didáticas produzidas pelos intelectuais autores/professores, que ganharam mudanças e novos traços, na República. Essas construções da história e dos “heróis” nacionais, com a exaltação de personagens como os bandeirantes, heróis relacionados à política institucional - ministros, deputados, entre outros -, pretendiam propagar para os alunos ideais que seguiam os valores da elite brasileira (BITTENCOURT, 1993). Nesse processo, as obras didáticas passaram a ser utilizadas não apenas pelos professores (GASPARELLO, 2004), mas também pelos alunos que, junto de seus núcleos familiares, teriam acesso a interpretação da história escrita nos manuais escolares. O livro didático cumpriria, então, um papel de mediação dos projetos educacionais e do ensino de história.

A ideia de nação e de nacionalismo veiculadas nas obras didáticas partiam do interesse em se construir o “brasileiro” e o “passado brasileiro” no início da República, na perspectiva de um ensino moderno e realista, em contraposição ao ensino clássico e humanista,

²¹ Conceito proposto por Jorge Nagle na obra *Educação e sociedade na primeira república*. 2001.

principalmente do secundário (GASPARELLO, 2004). Até então, as obras didáticas voltadas para as escolas secundárias eram traduzidas ou inspiradas em livros franceses: “definida a classe social e os fins do ensino secundário, programas e compêndios escolares deveriam seguir padrão internacional (europeu), básico para a formação da elite letrada do país [...]” (BITTENCOURT, 1993, p. 61). Dessa forma, a história escolar do Brasil do século XIX e início do século XX abordava uma concepção que partia da história da civilização europeia. No começo da República, pela necessidade de obras didáticas de teor nacionalista, a produção nacional ganhou espaço (BITTENCOURT, 1993). Assim, autores brasileiros acentuavam a perspectiva “patriótica”, inserindo marcos nacionais como parte da história da civilização ocidental (GASPARELLO, 2004).

A compreensão de uma história que deveria ultrapassar as narrativas, com o objetivo de ser uma ciência regida por leis, colocou em cheque o currículo baseado nas humanidades clássicas e o ensino de línguas, como o Latim. Em seu lugar, deveria ser ensinada a história da civilização, que se consolidava no Brasil em fins do Império, se distanciando de uma história pautada principalmente pela Igreja Católica. Desse modo, uma história do nacionalista progresso da civilização e marcaram as disputas da época, pois a história deveria, no começo da República, colaborar para inserir o aluno no mundo Ocidental (BITTENCOURT, 1993).

Essa perspectiva moralizadora e reguladora da vida (CARVALHO, 1989) seria uma das heranças dos projetos educacionais conservadores do Império. Nesse sentido, uma das principais continuidades era o modelo educacional pensado pelas elites que passaram a ocupar o Estado.

O período republicano, de 1900 a 1920, procurou “republicanizar a república” (CARVALHO apud MOREIRA, 2017), ficando marcadas em suas reformas, o papel dado à alfabetização e a posição privilegiada do ensino secundário em meio à disputa de projetos educacionais que buscavam a construção da nação. Assim, o contexto da primeira República levou à necessidade de repensar a nação, o povo e o conteúdo do ensino de história, além de seus métodos (GASPARELLO, 2004). Foi nesse momento que os intelectuais atuaram nas mudanças e continuidades em relação aos projetos para o ensino e a sociedade. Arlete Gasparello (2004) divide em três momentos a atuação dos intelectuais nas modificações e permanências educacionais e na produção de livros didáticos de história. O momento “patriótico” (1831-1861), de aparição das primeiras obras didáticas de história durante o

Império brasileiro; o período de “legitimação do modelo nacional” (1861-1900), no qual se consolidou o IHGB e o modelo imperial de educação e do ensino secundário; por fim, o período dos compêndios republicanos, a partir de 1900 a 1920, com as marcas da mudança para um ensino cívico, moral e patriótico no lugar do ensino clássico, com uma participação “menor” da Igreja e novas perspectivas sobre a concepção de povo, Brasil e sociedade (GASPARELLO, 2004). Rocha Pombo foi considerado um intelectual que se enquadraria no último momento, republicano, com novas perspectivas sociais da história.

2.2 As políticas educacionais e os currículos de história no Ensino Secundário e Normal no começo da República

A questão da formação dos professores também era essencial para a consolidação de um projeto educacional republicano. Segundo Villela (2008), a frágil formação dos professores não contava com a sistematização de cursos superiores para formação em áreas, período no qual ainda não existiam as faculdades, criadas apenas após a década de 20. O grupo de professorado do ensino secundário era formado basicamente por intelectuais “autodidatas”, profissionais liberais de Medicina, Direito e Engenharias. Já para o ensino primário existiam poucos locais que se reservavam à formação de professores, as Escolas Normais, que surgiram no século XIX em poucos locais e com poucos alunos.

As Escolas Normais tiveram uma trajetória difícil durante o Império, sendo abertas e fechadas ao longo dos anos, devido à falta de alunos e interrupções de investimento, conforme analisa Villela (2008). Somente se consolidaram de fato na República, após as mudanças no sentido da educação no projeto republicano (VILLELA, 2008). No fim do século XIX, a reforma de Caetano de Campos e outras mudanças institucionais reafirmam um papel para as Escolas Normais na consolidação de novas perspectivas educacionais. A Diretoria Geral de Instrução Pública, era a responsável por essas reformulações (VILLELA, 2008), e também foi a instituição que abriu o concurso vencido por Rocha Pombo para formular um livro didático de história das Américas para o ensino normal, evidenciando as mudanças curriculares que estavam sendo feitas no período. Essas mudanças nos projetos educacionais na República, com modificações curriculares e a ênfase na importância da formação de professores por meio das Escolas Normais, tiveram alguns expoentes que exemplificam o início das implementações de novas práticas pedagógicas e curriculares. Rocha Pombo é um dos casos, pois atuou no ensino

normal, inicialmente com sua obra didática de história das Américas (obra de componente curricular novo e planejada para o ensino normal), e depois como professor. Um intelectual e autor de livros didáticos atuando diretamente na formação de professores é um sinal de revalorização desse nível de ensino. A sua participação na instituição integrou, de certa forma, o processo de modernização que ocorria nas instituições de ensino normal, com a “especialização” dos professores primários (VILLELA, 2008), como profissional preparado de forma específica para a função.

Nesse sentido, esses locais de ensino, dos quais Rocha Pombo fez parte, no secundário, como autor de livros didáticos, e no ensino normal, como professor e autor, podem servir como representações das transformações operadas na educação republicana, pela importância dada à formação dos professores, mas também pelas mudanças curriculares, com inclusão da história das Américas, por exemplo (BITTENCOURT, 1993). Dessa forma, as reformulações “institucionais” estavam presentes, seja em currículos colocados em prática ou pelas obras didáticas utilizadas. Assim, Rocha Pombo integrou essas reformulações, por ser autor de livro didático de história das Américas (novidade no currículo), um professor/autor presente em escola normal e um dos intelectuais autores que acreditavam nessa modernização do ensino, para levar a nação rumo à “civilização” (PEDRO, 2016).

Os currículos escolares são os indicativos do conteúdo que deve ser ministrado nas escolas, baseado em diretrizes das políticas educacionais. Nesse sentido, os currículos tendem a ser recortes, escolhas dos projetos educacionais, que levam em conta aspectos pedagógicos para a formação dos alunos. Esses projetos educacionais são frutos de pesquisas, debates e disputas que estão inseridos no contexto político e educacional do país em suas diversas conjunturas. Dessa forma, os currículos tendem a ser transformados “constantemente”, a depender do contexto político social, dos sujeitos na direção do Estado, além das demandas populares. Ao historicizar o currículo escolar, como afirma Chervel (1990), temos maior compreensão de movimentos internos e externos às escolas que vão estar presentes nos debates públicos acerca de mudanças curriculares. Essa historicização nos permite apreender pequenas mudanças, mas também as “grandes rupturas” que se enredam em processos complexos de mudanças e continuidades, como no caso da mudança do regime Imperial para o Republicano (BITTENCOURT, 1993).

A questão curricular na passagem do império para a república foi um dos aspectos em

destaque no processo de mudança de regime. A república, ao se pretender “nova” – a antítese do “velho sistema imperial”, pertencente ao antigo regime – quis inaugurar no Brasil toda uma reformulação social que se pretendia como uma ruptura (BITTENCOURT, 1993). Uma leitura mais cuidadosa do período de transição e dos anos iniciais da república nos permite observar, conforme destaca Marta Carvalho (1991), as continuidades, não só na educação, mas também no próprio Estado, que mesmo tendo uma elite dirigente diferente, continuava guiado por pensamentos assentados em práticas impregnadas no tecido social brasileiro. As continuidades de práticas educacionais se deram, por exemplo, na manutenção de um ensino secundário que continuava para poucos (BITTENCOURT, 1993). Contudo, mudanças também ocorreram, como a expansão do primário e das Escolas Normais, a inclusão de novos componentes curriculares como a história das Américas. Tais mudanças foram colocadas em debate antes da proclamação da República e, posteriormente, geraram reconfigurações curriculares ao longo dos anos iniciais da República brasileira.

As continuidades e rupturas nos projetos educacionais do início da República vêm também da atuação de uma parcela dos intelectuais. Essas figuras, além de atuarem como professores, autores e idealizadores de projetos educacionais republicanos, debatiam as “modernizações” curriculares durante o Império (GASPARELLO, VILLELA, 2009). Nesse sentido, podemos citar autores como Rocha Pombo, João Ribeiro, Manuel Bonfim, dentre outros, que, durante a República, alcançaram posições importantes e de destaque no debate público acerca da educação e seus caminhos a serem seguidos. A “modernização” almejada por esses intelectuais republicanos se relacionava com o projeto de nação “novo”, que levaria o Brasil para o mundo da “civilização”.

Essas mudanças curriculares estavam diretamente relacionadas à mudança de regime político, que almejava a “democratização”, a inserção do Brasil no mundo capitalista global e contava com a abolição da escravidão. A principal modificação ocorreu em relação ao ensino humanístico no ensino secundário, característico do período imperial, regido e defendido pelas elites econômicas e pela Igreja (BITTENCOURT, 1993). Conforme já tratado, o ensino “desinteressado”, baseado no estudo da antiguidade clássica, línguas clássicas, com formação “erudita”, começou a dar lugar ao ensino “científico” e “técnico” (GASPARELLO, 1993). O ensino e currículo de história, nesse contexto, ganhava novos sentidos, e, junto às aulas de educação moral e cívica, teve o papel de formar a nacionalidade, o amor à pátria nos jovens

brasileiros. A inclusão de novos “heróis”, como Tiradentes, e de movimentos de contestação, como a Inconfidência Mineira e a Revolução Pernambucana, foi acompanhada de maior presença e distribuição da disciplina nos anos escolares do ensino secundário:

Tabela 2.1 – Distribuição da disciplina de História do Brasil por ano escolar

Quadro 1 - Seriação da disciplina História do Brasil: 1889-1950

Programa	Disciplina	Séries
Programa de 1892	História do Brasil	7º ano
Programa de 1893	História do Brasil	7º ano
Programa de 1895	História e Corografia do Brasil	7º ano
Programa de 1898	História do Brasil	6º ano do Curso Realista 7º ano do Curso Clássico
Programa de 1901	História Universal	-
Programa de 1912	História Universal	6º série (4 horas)
Programa de 1915	História do Brasil	5º ano (4 horas)
Programa de 1926	História do Brasil	5º ano (80 Lições)
Programa de 1929	História do Brasil	5º ano (80 Lições)
Programa de 1931	História da América e do Brasil	3ª, 4ª e 5ª séries (2 h semanais)
Portaria 1940	História do Brasil	4ª e 5ª séries
Programa de 1943	História do Brasil	3ª e 4ª séries ginásio
Programa de 1945	História do Brasil	3ª série do colegial (clássico e científico)

Fonte: Programas de ensino de 1889 a 1950.

Fonte: retirado de MOREIRA, 2017.

As mudanças no currículo de história no início da República também se mostraram por meio do interesse pela história do continente, na inclusão e aproximação entre as repúblicas, que no novo projeto se pretendiam “irmãs”. A disciplina de história inicialmente foi inserida como parte da disciplina de história universal, com uma cadeira dupla, de história universal e história das Américas. Com esta última ganhando maior presença curricular ao longo dos anos iniciais da República (PEDRO, 2016). As mudanças curriculares do Secundário ocorriam, na maioria das vezes, a partir do currículo do Colégio Pedro II, que era referência para outras instituições. As implementações de novas concepções curriculares, fossem no secundário ou no ensino normal, dependiam de uma dinâmica interna à escola, sobretudo da articulação dos professores que podiam, de forma autônoma, lecionar os conteúdos. Dessa forma, também dependia de mudanças curriculares nas escolas normais onde os futuros professores se formavam, sobretudo após sua maior consolidação na República (SANTOS, 2013). A história do Brasil foi inserida em séries da Escola Normal do Distrito Federal em 1893, e, da mesma

forma que a história das Américas, é iniciada como parte da disciplina de história geral:

Tabela 2.2 – História no currículo da Escola Normal do Distrito Federal

Tabela 1 - Disciplinas da Escola Normal do Distrito Federal

	1º semestre/ horas semanais	2º semestre/ horas semanais
1ª série		
Português	6	6
Francês	3	3
Matemática elementar	6	6
Desenho	3	3
Música	3	3
Ginástica	3	3
Trabalhos Manuais (alunos) e Trabalhos de Agulha (alunas)	3	3
2ª série		
Francês	3	3
Inglês	3	3
Mecânica	6	3
Desenho	3	3
Música	3	3
Ginástica	3	3
Trabalhos Manuais (alunos) e Trabalhos de Agulha (alunas)	3	3
Prática Escolar	6	9
3ª série		
Inglês	3	3
Astronomia	4	3
Geografia	5	4
Física	--	5
Desenho	6	4
Prática Escolar	8	11
4ª série		
Física	3	2
Noções de mineralogia e geologia	5	4
História Geral	4	4
Biologia	--	6
Prática Escolar	12	10
5ª série		
Biologia	4	4
Sociologia e Moral	5	5
Literatura Nacional	4	4
Agronomia	4	4
Prática Escolar	12	12

Fonte: Retirado de CARVALHO, 2019.

A história das Américas escolar é mais um dos casos na qual um conteúdo/disciplina chega primeiro às salas de aula do ensino básico e depois nos outros ambientes intelectuais (MARTINS, 2000.). O livro didático de Rocha Pombo e sua inclusão nas salas de aula do ensino normal antecede a produção intelectual feita pelo IHGB sobre o tema. A obra em nada tinha a ver com o IHGB, apenas a proximidade de Rocha Pombo com o instituto, que em 1900 ainda era tímida (PEDRO, 2016). Apenas após alguns anos da publicação da obra e próximo ao centenário da independência que o IHGB programou uma produção sobre a história das Américas, com o I Congresso de História das Américas, realizado no Rio de Janeiro em 1922 (JUNIOR, 2018). No congresso delimitou-se como seria construída a história da América, aos moldes de *Como se deve escrever a história do Brasil?*, e Von Martius, além de serem

construídas chaves de leitura dessa história. Segundo José Lúcio Nascimento Junior (2018), a solidariedade, fraternidade e passados em comum entre países do continente, no sentido de criar um sentimento americano geral, foi a linha de pensamento a ser seguida. Esses aspectos já haviam sido tratados por Rocha Pombo em sua obra e estavam circulando pelas salas de aula do Brasil desde 1900, pois os livros formaram professores nas escolas normais que posteriormente foram lecionar para o primário por todo território brasileiro.

Assim, as mudanças curriculares tiveram impacto também nos livros didáticos, que precisavam ser atualizados com novas temáticas. A história das Américas de Rocha Pombo é parte dessas mudanças que foram implementadas no início da República. Os livros didáticos utilizados no ensino normal formariam os futuros professores que levariam os conteúdos para a sala de aula.

2.3 Os livros didáticos e as editoras

Os compêndios de história podem ser considerados importantes fontes para a análise do ensino de História nos diferentes contextos educacionais no Brasil, pois podem ser examinados como objetos que colaboram para a apreensão das disputas entre projetos e a atuação dos intelectuais, assim como pode ser o próprio objeto de disputa (GASPARELLO, 2004). Os manuais didáticos possibilitam investigar os projetos educacionais do período republicano. Autores/professores produziam e lecionavam, o que colocavam os livros didáticos como obras que divulgavam novas concepções de história, novos temas, abordagens e metodologias de aprendizagem (GASPARELLO, VILLELA, 2009). Assim, as obras didáticas e os currículos escolares estavam envolvidos nas disputas de projetos educacionais ainda em construção no início da Primeira República, tanto para a formação escolar dos cidadãos quanto para a formação da nacionalidade pretendida.

Segundo André Chervel, as disciplinas escolares se consolidaram após a crise dos estudos clássicos e o fortalecimento do conhecimento escolar científico no final do século XIX. Com a mudança de perspectiva, a noção da escola como vulgarizadora de conhecimentos “eruditos” e “acadêmicos” se modifica (CHERVEL, 1990). A análise do currículo e do livro didático, dentro de suas complexidades, permitem perceber que a escola não é apenas o reflexo da sociedade. Os saberes produzidos por ela são específicos, com personagens e processos

próprios (CHERVEL, 1990). Dessa maneira, Chervel afirma que a escola é uma instituição que produz cultura, tornando-se um dos agentes de modificações culturais. Tal como o currículo está envolvido em um processo de disputas, o livro didático também constitui sentidos próprios estabelecidos historicamente (MUKANATA, 2012).

Olhar para “dentro da escola” possibilita retirar o livro didático da posição desconfortável de ser apenas um “resumo” das ideias acadêmicas, ou objeto de conteúdo “incompleto”. Por mais que os livros didáticos, em suas primeiras concepções, fossem resumos e traduções de obras “acadêmicas” não se pode negar as apropriações, criações e inovações feitas pelos autores e pela escola, conforme afirma Bittencourt (1993). O livro didático é um objeto histórico “amplamente utilizado e inserido em uma complexa teia de relações e de representações sociais” (BITTENCOURT, 1993, p. 2).

Bittencourt (1993), ao analisar os livros didáticos no Brasil e mais especificamente o livro didático de História, a partir desse novo “olhar” para a escola, evidencia como a disciplina de história foi se “profissionalizando” e como esse processo foi acompanhado da necessidade de construção de uma pedagogia nacional. Com a proclamação da República, as constituições de concepções nacionais geraram demandas para formação educacional do povo brasileiro, ampliando o papel da educação escolar como instituição responsável pela consolidação da nação. Os livros didáticos, junto com os currículos, tornavam-se expressões dos projetos dos diferentes grupos em disputa na sociedade brasileira. Os confrontos em torno das obras didáticas relacionaram Igreja e Estado, intelectuais laicos e intelectuais católicos, família e mercado. Será nesse contexto que Rocha Pombo se iniciará como autor e publicará seus livros didáticos para o ensino primário, secundário e normal.

No contexto dos anos iniciais da República o livro didático estava se consolidando como objeto de uso sistemático: não apenas o professor utilizava a obra como livro de consulta e manual, mas os alunos também tinham acesso às obras. Esses usos são possibilidades de análises que não serão utilizadas na pesquisa, mas que mudam as formas através das quais o livro pode ser empregado em sala de aula, com os alunos criando suas apropriações individuais do conteúdo, reforçadas pela inclusão de lições no corpo do livro e uma nova forma de escrita da obra para melhor compreensão dos alunos (GASPARELLO, 2013).

Conforme Bittencourt (1993), o uso sistemático dos livros didáticos, com as reformulações curriculares (ensino “científico” e novos conteúdos), promoveu a necessidade

de novas obras que apresentassem o perfil republicano de ensino de história, além de estimular a consolidação de um mercado que ainda era tímido no país. Durante o Império o mercado era escasso, assim como a demanda do Estado e de outras instituições escolares, e muitas obras eram editoradas fora do país, principalmente na França. Com as reformulações e sistematizações da oferta do ensino, a República aquece um mercado que não tinha capilaridade, com a presença de pequenas a grandes editoras que buscavam espaços entre intelectuais e o Estado brasileiro (BITTENCOURT, 1993).

O mercado editorial foi respaldado por uma nova demanda no começo da República, que levou ao aumento do número de obras. Dessa forma, para a manutenção do mercado e para que a oferta fosse alargada nas diversas áreas, as editoras e os intelectuais/professores construíram relações estreitas, pelas quais uma editora buscava autores que desejavam criar renome nos meios intelectuais, assim como intelectuais que já eram consolidados (BITTENCOURT, 1993). A ligação entre Rocha Pombo e seus editores é um bom exemplo dessa relação. Segundo Pedro (2016), as primeiras obras didáticas de Rocha Pombo foram editadas por pequenas editoras – que ainda iriam ganhar mercado e se consolidar – e que buscavam no autor sucessos de vendas para, então, serem editoras famosas. A primeira edição de *História das Américas* (1900) foi patrocinada pela instituição que abriu o concurso, e a segunda, utilizada na pesquisa, é de uma pequena editora, Benjamin D’Aguila, cujo dono cultivava relação estreita com Rocha Pombo e o auxiliava na empreitada de se consolidar como autor renomado (PEDRO, 2016). A obra para o secundário, *História do Brasil com muitas gravuras e mapas explicativos* (1918) e para as escolas normais, *História do Brasil (curso superior)* (1924) são também frutos da tentativa da editora Weiszflog – futura Editora Melhoramentos – de se consolidar no mercado editorial brasileiro, lançando essa coleção que atingia todos os níveis de ensino incluindo Nossa Pátria, para o ensino primário (PEDRO, 2016).

O caminho de consolidação das editoras – como o caso da Editora Melhoramentos – passa por essa relação com intelectuais, sendo uma via de mão dupla, na qual o intelectual ganha notoriedade assim como a editora, caso a obra se torne um sucesso de vendas. Pedro (2016), indica que a editora Weiszflog teve essa movimentação para permanecer e crescer no mercado brasileiro, acompanhando mudanças curriculares, tendências editoriais, avanços tecnológicos, etc. A prática de coleções é um exemplo da movimentação de mercado e currículo no período.

As obras incluídas em coleções, como era o caso dos livros de Rocha Pombo, garantiam publicações para os autores e maiores chances de sucesso na empreitada da editora ao publicar grande volume de obras. Outras coleções, como a de Histórias Regionais (da mesma editora e com um título de Rocha Pombo no catálogo), tiveram tiragem de grande volume, buscando acompanhar o currículo em mudança, já que histórias regionais também ganhavam notoriedade e espaço no período, que ia do regional para o nacional (PEDRO, 2016).

Essa importância da materialidade do livro e suas representações (CHARTIER, 1990) auxilia na compreensão da consolidação e das modificações do mercado editorial no começo da República, que é bem representado pelas editoras que guardaram relações próximas a Rocha Pombo. As editoras Weiszflog e Benjamin D’Aguila iniciaram pequenas e enquanto uma desapareceu com o passar dos anos, a outra se consolidou e tornou-se uma gigante do ramo editorial. As editoras, com caminhos diferentes, tentaram se aproximar de intelectuais e junto deles constituir sucessos editoriais, buscando se consolidarem no mercado e contribuírem também na consolidação de intelectuais/autores. Nesse sentido, os livros didáticos são importantes fontes para analisar o contexto político, cultural, suas mudanças e continuidades. Ao ser colocado como objeto da análise, o livro didático também pode ser lido como artefato da disputa dos projetos políticos e educacionais do período, como afirma Gasparello (2004). Dessa forma, o livro didático pode ser analisado tanto por seu conteúdo, sua escrita e processo editorial, quanto pela sua circulação com determinadas apropriações, relacionando funções, representações e intelectuais autores (BITTENCOURT, 1993).

2.4 História das Américas e Histórias do Brasil: os livros didáticos de Rocha Pombo

Rocha Pombo começou a produzir livros didáticos somente após sua ida para o Rio de Janeiro. As obras foram as primeiras oportunidades na capital federal, tanto de iniciar sua carreira como intelectual quanto de autor/professor envolvido diretamente na produção de material inserido nos projetos educacionais. As obras analisadas, *História das Américas* (1900) e dois livros da coleção da editora Weiszflog, *História do Brasil com muitos mapas e imagens* (1918) e *História do Brasil (curso superior)* (1924) foram publicadas no início de sua estada na capital federal e de seu processo de consolidação como intelectual, a partir das coleções na parceria com a Irmãos Weiszflog.

As três obras, parcerias entre o autor e editoras, com destaque para a coleção destinada aos três níveis de ensino, foram sucessos editoriais que inserem Rocha Pombo como um dos grandes nomes dos manuais didáticos do período, assim como o da editora. De toda forma, o caminho para essas publicações não foi simples, pois, após publicar *História das Américas* por meio do concurso, Rocha Pombo tentou criar sua própria coleção em dez volumes, mas, além da falta de aporte financeiro, que o levou a recorrer até mesmo a Ruy Barbosa, sofreu severas críticas, como as de Capistrano de Abreu:

Rocha Pombo é do Paraná, autor de várias obras, entre elas uma História do Brasil para escolas, e outra em oito ou dez volumes. Há dois anos um amigo convidou me a uma excursão a Araruama e Cabo Frio, onde tem família. Levei o volume escolar e em cerca de uma semana os dois não pudemos dar conta. O obrão, em não sei em quantos volumes, disse a um oficioso para passar-lhe, que era pior que peste bubônica (Capistrano de Abreu apud PEDRO, 2016, p. 127).

Apesar das dificuldades, se consolidou como autor no mercado editorial, com suas obras sendo também elogiadas por seu caráter didático, e se espalhando por todo o país (PEDRO, 2016). Assim, de *História das Américas*, uma obra inaugural, tanto no âmbito do conteúdo como no do intelectual, como autor, até a última obra da coleção da editora irmãos Weiszflog, *História do Brasil (curso superior)*, de 1924, as disputas de projetos, de formas de escrita da história, de funções da educação e da história permearam a trajetória das suas produções. Tais disputas e a necessidade de aceitação levaram Rocha Pombo a ser figura presente nos círculos intelectuais até o fim de sua vida, sendo então devidamente reconhecido (SILVA, 2012).

Portanto, os livros didáticos selecionados, para além de estarem digitalizados e disponíveis *online*, possuem algumas características fundamentais: o caráter inédito de uma obra didática de história das Américas, que antecipou o IHGB, ainda iniciando os debates devido ao quadricentenário da “descoberta” da América em 1892, e do Brasil, em 1900; o aspecto multietário (chegando às mãos de alunos de diversas idades e anos escolares) das duas obras de história do Brasil, uma para o ensino secundário, *História do Brasil* com muitos mapas e imagens (1918) e outra para o “curso superior” (1924). As obras também participavam de disputas que permeavam o ensino de história para esses dois níveis escolares, se seria preciso incluir a perspectiva da história do continente na história do Brasil (BAGGIO, 1997). As duas obras da coleção editorial Weiszflog também possibilitam verificar as mudanças na escrita e na

abordagem histórica do autor²².

2.4.1 História das Américas

A primeira obra escrita pelo autor é também a primeira acerca do tema no Brasil, o *Compendio de História da América*, publicado em 1900 pela editora Laemmert & C. dos irmãos Eduard Laemmert e Henrich Laemmert. A obra era destinada aos estudantes da Escola Normal do então Distrito Federal, local no qual Rocha Pombo atuou como professor durante sua passagem pelo Rio de Janeiro. O livro didático de *História das Américas* foi resultado de mudanças nos currículos escolares do período, nas quais a recente República, pelo contexto e política externa com as outras repúblicas americanas, procurou estabelecer o ensino dessa disciplina (BITTENCOURT, 1993). Dessa forma, a publicação da obra foi patrocinada pelo concurso de 1897, da Diretoria Geral de Instrução Pública da Capital Federal, com Rocha Pombo sendo o único inscrito, e assim, vencedor do concurso para publicação de seu compêndio.

O livro *História das Américas* teve grande relevância no período, ganhando nova edição com revisão da ortografia em 1925. O autor publicou versões para outros níveis de ensino, tratadas por Rocha Pombo como um “resumo”, como demonstrado no artigo “*Uma questão didática*” de 1903 no *Correio da Manhã*²³. Além de inserir o autor nos círculos de intelectuais autores do começo da República, o livro didático *História das Américas* e sua repercussão o tornaram autoridade no assunto, como é possível observar na extensa publicação de artigos por Rocha Pombo sobre a história do continente e sua política externa contemporânea para o *Correio da Manhã* (1901-1909)²⁴.

História das Américas é composto por oitenta e três capítulos, divididos em quatro partes, sem imagens ou exercícios, como o índice ao final da obra indica. A primeira, “Período

²² Foi excluída da análise a obra da coleção que era direcionada ao ensino primário, em razão da dificuldade de acesso em formato digital e físico nos anos de 2020 e 2021. Além disso, a obra *História do Brasil com muitos mapas e imagens* (1918) é compreendida como uma ampliação de *Nossa Pátria* (SILVA, 2012). A pouca inserção de Rocha Pombo nos debates acerca da educação primária e sua atuação mais relacionada ao ensino normal e secundário também impactam na escolha das obras.

²³ Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq="Rocha%20pombo"&pagfis=3775](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=) acesso em: 21/12/2021.

²⁴ Artigos como, *A reununcia do sindicato, Assim fosse tempo, Queremos viver, E que faremos nos?, Expulsão de estrangeiros, A Grevé, Simon Bolivar, Toussaint Louverture*, todos de 1903. Disponível em:

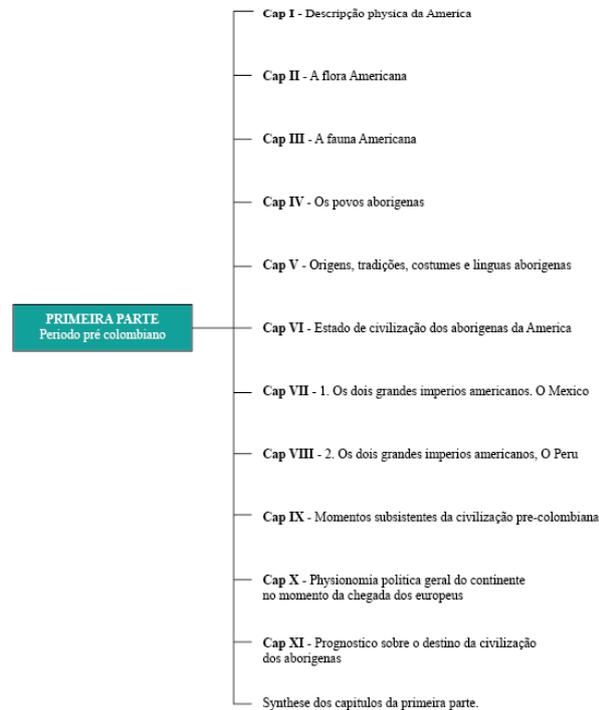
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3509 acesso em: 21/12/2021.

Pré- Colombiano”, composta por onze capítulos. Nessa seção Rocha Pombo tratou de forma mais específica os aspectos naturais do continente americano, descrevendo a flora e fauna do continente, de norte a sul, com elogios e exaltação das belezas e riquezas naturais. As sociedades pré-colombianas, tal como outras obras historiográficas escritas no período, são apresentadas logo após a discussão da flora e fauna, quase como uma extensão destas. Como Rocha Pombo pretendia constituir a história da América, apresenta indígenas das Américas do norte, central e do sul, descrevendo práticas culturais, organização social e a relação entre os povos - do intercâmbio cultural às guerras. A atenção maior é dada aos impérios Asteca e Inca, dos quais Rocha Pombo é elogioso, pela complexidade de suas sociedades, as relações sociais, suas práticas culturais, e pensamentos “científicos” e “modernos”:

Todos progressos que a democracia moderna se atribue a honra e proveito, existiam entre os povos da América muito antes da conquista: ausência de todo principio de hereditariedade na propriedade como na família; o comunismo no Pueblo como no calpulli; a omissão (por mais estranha que possa parecer) de todo nome transmitindo-se do pai ao filho, podendo perpetuar entre os descendentes a gloria dos antepassados: a educação em comum de todos os meninos, sob a única autoridade dos representantes do calpulli: a electividade de todos os cargos e de todos os officios: - a anulação, em suma, do individuo em proveito da comunidade (POMBO, 1925, p 16).

A visão “diminutiva” decaiu sobre as sociedades indígenas da costa oriental da América do Sul, considerados descendentes desgarrados dos Incas, e assim, em estado de degeneração cultural e social, ou em estado de recuperação, como os Tupis.

Imagem 2.1. Período pré-colombiano



Produzido pelo autor. Fonte: História das Américas, Rocha Pombo, 1925.

A segunda parte, denominada, “Período colonial” com trinta e três capítulos, é a seção com maior número de segmentos, por tratar do contexto europeu pré-chegada na América até o estabelecimento da administração colonial no continente. Nos capítulos são apresentadas diversas críticas em relação ao europeu e à sociedade europeia do período colonial, como escreve Rocha Pombo:

Mesmo admitindo que as primeiras imigrações não fossem compostas unicamente de aventureiros ávidos de fortuna, de gente ignorante [...] o que é inegável é que o exclusivo móvel que as dirigia era a ambição de riquezas. Ninguém se lembrava nem tinha que saber que as novas terras eram riquíssimas de elementos naturais, aproveitáveis à custa de esforço laborioso [...] suficientes para garantir de modo amplo o bem-estar à multidão de famílias ansiosas de fugir às ftribulações de uma vida amargurada na velha sociedade exausta da Europa. (POMBO, 1925, p. 94-95)]

Dessa forma, apenas alguns europeus eram dignos e, após o debate sobre as “crenças” europeias em relação a terras desconhecidas e a descoberta ou não de regiões como o Brasil, a exaltação de Cristóvão Colombo é sistematizada, e o explorador é apresentado como grande herói que teve participação essencial em um grande fato para a humanidade.

Terminado o officio divino, viu Colombo, prosternados a seus pés, os seus companheiros pedindo-lhe perdão da sua ignorância e incredulidade. – Estava portanto descoberto, as 12 de Outubro de 1492, isto é, setenta dias depois que partira de Palos a expedição, o mundo que o navegador genovez andára oferecendo ás côrtes europeias e no qual ninguém acreditava a não ser o próprio Colombo. (POMBO, 1925, p. 52).

Colombo e depois Pedro Álvares Cabral eram, para Rocha Pombo, um caso de exceção entre Europeus já que, após a colonização, os “conquistadores”, em geral, seriam homens cruéis, apesar de bons na prática da guerra. Cortez e Pizarro eram responsáveis pelas “cruzadas” contra os grandes impérios dos Astecas e Incas, exterminando a população e freando a caminhada desses povos rumo à “civilização”. Essas práticas da conquista, no processo de colonização, e os problemas na administração colonial são demonstrados como “vícios” dos europeus e da sociedade europeia, que trouxeram para o novo mundo a violência e a corrupção, tanto que “Cortez e suas carnificinas, horroriza até os próprios hespanhois” (POMBO, 1925, p. 67). A única “exceção” (apesar de igualmente violentos com os indígenas e negros) para Rocha Pombo seriam os colonos da América do Norte, que logo se organizaram de forma mais autônoma em relação a metrópole, em que a maioria não se baseava em “interesses individuais”, o que acabou por se desenvolver “rapidamente” em sua revolução de independência e posterior organização em República.

Para o autor, outra mazela violenta e corrupta que o europeu trouxe para o continente americano foi a escravização dos negros, que ele apresenta como mais violenta e animalésca que em relação aos indígenas, sendo “grande e doloroso êxodos. O que constitui uma imensa e apavorante tragédia, a mas estranha talvez de quantas abalaram de assombro toda a sentimentalidade do presente século” (POMBO, 1925, p. 107). Como abolicionista que era, Rocha Pombo condena as escravizações praticadas pelos europeus, classificando como perversidade e desumanização, na qual o Europeu sempre se impunha como superior. Apesar disso, Rocha Pombo também expõe que o negro no continente africano vivia situação parecida ou mesmo pior que após a vinda para a América. No novo continente o negro encontrou forças para se rebelar, e por suas próprias mãos conquistou sua liberdade. Essa seção é responsável por agrupar os três elementos fundadores das nações americanas, o europeu, com seus vícios, mas ainda assim com tradições civilizatórias, o indígena e sua cultura e conhecimento e o negro com sua força e vontade. A próxima etapa na narrativa de Rocha Pombo foram os movimentos de emancipação para realização e concretização da sociedade americana do futuro.

Imagem 2.2. Período colonial

	Cap XII - Tradições e conjecturas sobre a existência do novo mundo
	Cap XIII - Christovão colombo e seu projecto
	Cap XIV - O descobrimento
	Cap XV - Colombo e o novo mundo
	Cap XVI - Condições politicas, sociaes e economicas da europa por occasião do descobrimento da America
	Cap XVII - 1. reconhecimento e conquista do novo mundo - primeiras explorações no continente
	Cap XVIII - 2. reconhecimento e conquista do novo mundo - primeiras lutas com os indigenas do continente
	Cap XIX - 3. Reconhecimento e conquista do novo mundo - lutas no mexico
SEGUNDA PARTE Período colonial	Cap XX - 4. Reconhecimento e conquista do novo mundo - conquista do novo mundo
	Cap XXI - 5. Reconhecimento e conquista do novo mundo - exploradores de outras nacionalidades
	Cap XXII - 6 - Reconhecimento e conquista do novo mundo - primeiras explorações no peru
	Cap XXIII - 7. Reconhecimento e conquista do novo mundo - Peru: lutas entre os incas e os invasores
	Cap XXIV - 8. Reconhecimento e conquista do novo mundo - conquista definitiva do peru: discordia entre os invasores
	Cap XXV - 9. Reconhecimento e conquista do novo mundo - primeiras explorações no chile, no rio da prata e na california
	Cap XXVI - Primeiras immigrações - A sorte dos indigenas
	Cap XXVII - Incorporação das raças aborigenas no organismos da sociedade americana
	Cap XXVIII - O trafico dos negros - Incorporação da raça africana

SEGUNDA PARTE Período colonial	Cap XXIX - 1. Estabelecimento da administração na america - colonias de portugal
	Cap XXX - 2. Estabelecimento da administração na america. a) colonias de hespanha. Mexico
	Cap XXXI - 3. Estabelecimento da administração na america b) colonias de hespanha - mexico (cont)
	Cap XXXII - 4. Estabelecimento da administração na america c) colonias de espanha: mexico (cont)
	Cap XXXIII - 5. Estabelecimento da administração na america d) colonias de hespanha. nova granada
	Cap XXXIV - 6. Estabelecimento da administração na america e) colonias de hespanha. O peru
	Cap XXXV - 7. Estabelecimento da administração na america f) colonias de hespanha. O chile
	Cap XXXVI - 8. Estabelecimento da administração na america g) colonias de hespanha. Rio da prata
	Cap XXXVII - 9. Estabelecimento da administração na america h) colonias de hespanha antilhas
	Cap XXXVIII - 10. Estabelecimento da administração na america. Os fibusteiros
	Cap XXXIX - 11. Estabelecimento da administração na america a) colonias francesas
	Cap XL - 12. Estabelecimento da administração na america b) colonias francesas
	Cap XLI - 13. Estabelecimento da administração na america a) colonias inglesas
	Cap XLII - 14. Estabelecimento da administração na america b) colonias inglesas.
	Cap XLIII - 15. Estabelecimento da administração na america c) colonias inglesas. Tentativas da hollandia
Cap XLIV - 6. Estabelecimento da administração na america d) colonias inglesas	
Synthese dos capitulos da segunda parte	

Produzido pelo autor. Fonte: História das Américas, Rocha Pombo, 1925.

A terceira parte “Emancipação das colônias americanas”, com vinte e quatro capítulos, tem o trabalho de narrar o processo emancipatório de grande parte das nações do continente. A construção de heróis americanos como George Washington, Simon Bolivar, Toussaint Louverture, San Martin e Miguel Hidalgo indicavam como a história política de “grandes homens” era a narrativa principal na construção da história do continente, mesmo com a presença de debates sobre cultura, costumes e a sociedade. Os capítulos passam por cada um dos países, como Chile, México, Peru, Rio da Prata (Argentina e Paraguai), Bolívia, Brasil, Haiti e Estados Unidos, com capítulos que se dividem entre “o início da luta”, “continuidade da luta” e “fim da luta”. O modelo de narrativa estabelece continuidade (até mesmo territorial,

com resgate de figuras e eventos já citados) e longa duração temporal para os conflitos. Os períodos das guerras de libertação/independência são apresentados como exemplos de união e fraternidade para o futuro das nações, momento em que grandes homens americanos se uniam pela liberdade do continente.

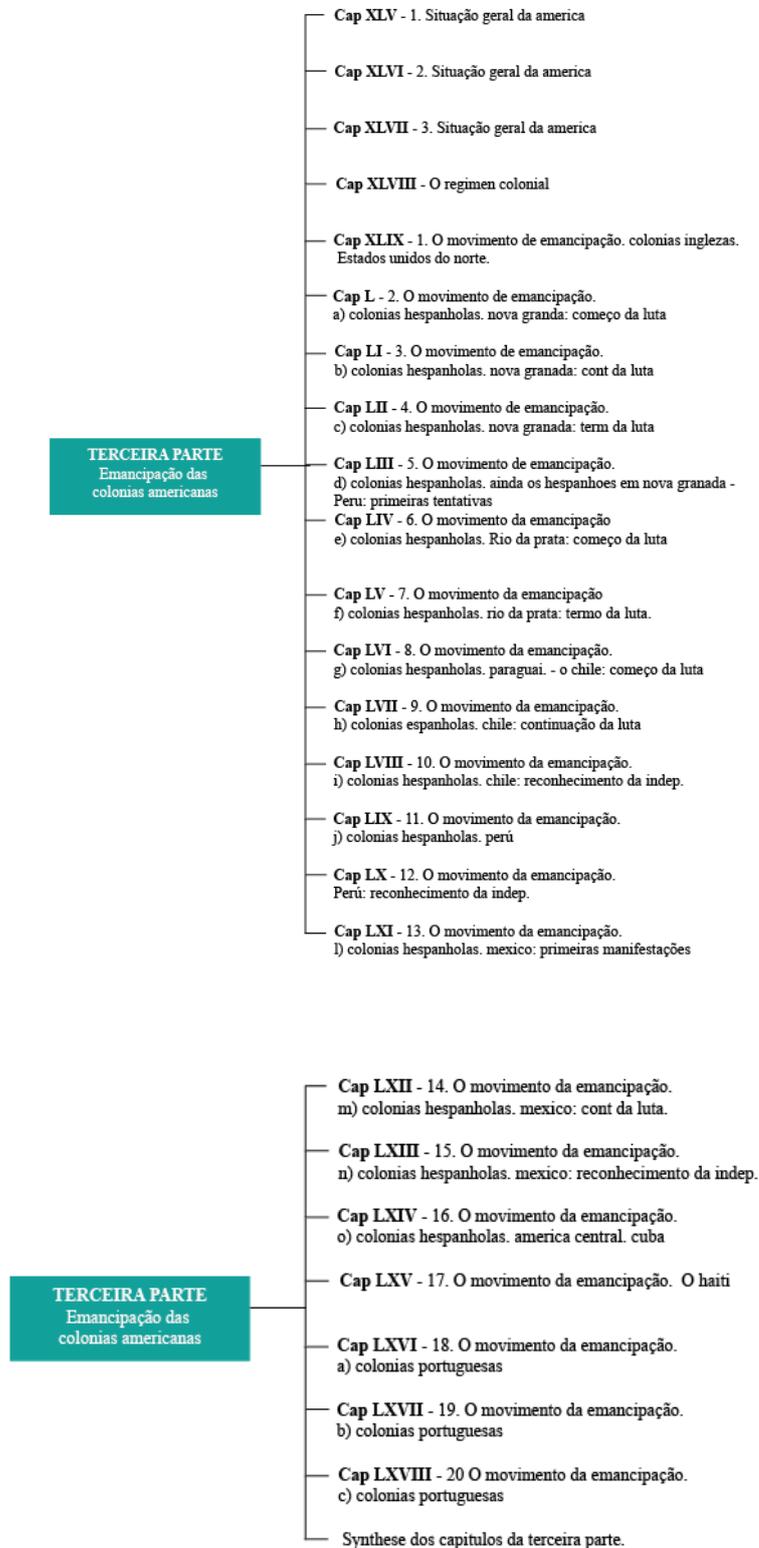
Quase que certo que a falta de acordo entre as diversas colônias se explica pela divisão política e pela própria natureza na vida que todas tinham suportado durante quase três séculos. Entretanto, o que é incontestável é que o espírito de independência, e de solidariedade em todo o movimento de emancipação é uma glória de que se podem orgulhar as colônias americanas. (POMBO, 1925, p. 255.)

Em todos os momentos relacionados a enfrentamento de tiranias coloniais, monárquicas, da escravidão, estão presentes termos como união, fraternidade, solidariedade. Esses termos ajudam a criar a ideia de “alongamento” da história do continente, ou seja, de que a história do continente com a solidariedade é muito antiga e não apenas do período Republicano, assim como as lutas dos americanos, rumo à “civilização”. A ideia de solidariedade, união, fraternidade, etc. é inserida desde os indígenas e desagua nos libertadores da América e, posteriormente, nas repúblicas estabelecidas, pois é contra a individualidade, violência, opressão europeia que o americano se levantou:

O hespanhol nas colônias – diz um historiador – [...] imaginava ele que por haver nascido na europa era muito superior aos descendentes dos conquistadores do Mexico e do Perú, e das filhas da nobreza azteka ou peruana. E foi assim que se gerou entre os povos das colônias e os das metrópoles essa rivalidade que em breve se converteu em profunda aversão, determinando a directriz que tomaram os americanos na phase de sua existencia subsequente ao período colonial. Imagina-se agora a situação em que se viam os povos americanos, esmagados sob este regimen de compressão e de iniquidades, entre o orgulho do europeu e a ganancia incontiente dos governos. E’ deste regimen que vai sahir a revolução contra as metrópoles, desesperada como todas as revoltas contra a opressão. (POMBO, 1925, p. 218).

Rocha Pombo acaba produzindo uma narrativa histórica romântica acerca da libertação do continente, entretanto, não deixa de lembrar os problemas posteriores, como desavenças entre os países americanos, conflitos, problemas nas repúblicas, etc.

Imagem 2.3. Emancipação das colônias americanas



Produzido pelo autor. Fonte: História das Américas, Rocha Pombo, 1925.

A quarta e última parte “Integração das nacionalidades americanas”, conta com quinze capítulos que discorrem sobre a situação das novas nações independentes. A seção é mais curta, mas não menos importante, pois Rocha Pombo tratou de questões que ainda estavam presentes em seu contexto. A questão interna de cada país é tratada pelas disputas de poder, relacionando monarquistas e conservadores contra liberais, demonstrando o antagonismo dos projetos nos países americanos apresentados anteriormente. A relação externa dos países também é apresentada, incluindo o Brasil como ponto fora da curva por se tratar de uma monarquia, sendo praticamente “continuidade da colônia”, para o autor. O Brasil na guerra do Paraguai vai se juntar a Repúblicas contra autoritarismos, personificados na figura de Solano Lopez que, segundo Rocha Pombo, desejava ser um “rei”, absoluto no Paraguai. A aliança, a guerra e a presença dos negros na guerra, são apresentadas também como mudanças na direção política do Brasil, com o império enfraquecido e o fortalecimento do movimento republicano, que finalmente teria feito o Brasil se integrar de forma mais sistemática ao continente americano.

O império foi um verdadeiro prolongamento da colônia, sob o ponto de vista social e político [...] Só uma revolução radical poderia corrigir o erro em que caíram os patriotas da independência. A monarchia podia ter sido, e pode ser mesmo ainda, um excelente regimen para outros povos: mas o que é incontestável é que ella é incompativel com o espirito novo que se creou na America. Só Republica, na phase histórica em que se encontram os povos continente, é capaz de dar ensanchas à evolução das nacionalidades que se integram. No Brazil, portanto, a reação contra o systema colonial só começou francamente em 1889 (POMBO, 1925, p. 303-304).

Essa concepção do império como continuidade da colônia é relacionada na obra aos autoritarismos do regime imperial, tendo como representações de lutas pela liberdade as revoltas republicanas ocorridas durante o período, principalmente a mineira. Dessa forma, o Brasil só poderia compor o futuro da América, de forma estrutural após a proclamação da República, pois esse é o modelo que o continente ansiava e precisava. Esse modelo político, que só foi alcançado após a guerra do Paraguai e o fim das insustentáveis políticas autoritárias do Império, principalmente a escravidão, era, para o autor, o caminho rumo à “civilização” nas Américas.

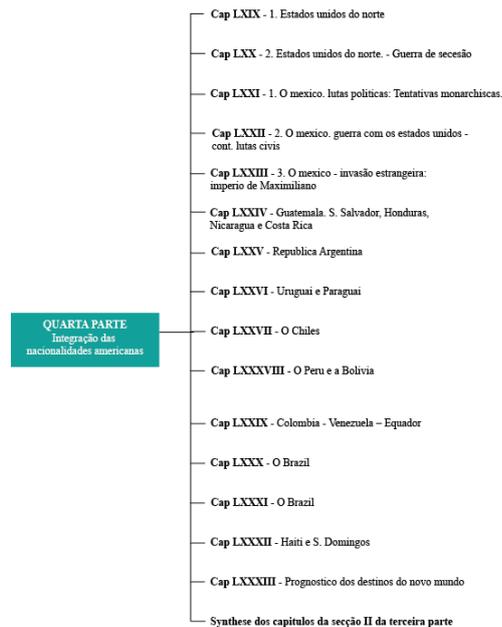
Ao final do livro ainda existe um pequeno capítulo intitulado “Prognósticos dos destinos do novo mundo”, no qual Rocha Pombo traça as possibilidades para o futuro do continente. As relações exteriores são colocadas como fundamentais para as nações e para o “continente do futuro”, sendo idealmente relações entre os países pautadas de formas estreitas e de

fraternidade.

Estar a vir - O sentimento de liberdade política que fara nações prosperas e o ideal americano que fara nações amigas e unidas. E concorrendo com esses dois fatores o espirito de prosetylismo, o sentimento de justiça e de amor para fraternizar com os povos da terra: a américa vai ser a sede definitiva da civilização que vem. Terra de mediação (POMBO, 1925, p. 407)

As observações do autor expressam como natural a evolução da história do continente voltando-se para a ajuda mútua e a cooperação entre as nações, rumo ao desenvolvimento da civilização mundial. Essa evolução teria como principal expoente no mundo a América, como o autor demonstra desde o início da obra, com suas críticas à Europa “antiga e cheia de vícios”. Dessa forma o continente americano é quase tomado como o centro da civilização nesse futuro que estaria porvir, com principal componente a solidariedade, fraternidade.

Imagem 2.4. Integração das nacionalidades



Produzido pelo autor. Fonte: História das Américas, Rocha Pombo, 1925.

A obra também contém uma introdução e sínteses dos capítulos ao final de cada seção. A introdução conta com a perspectiva do autor em relação à importância da história das Américas naquele período, e nela ele expressa abertamente suas posições políticas e sociais com a obra:

[...] o que a história nos aconselha é que, ao mesmo tempo que abrimos os braços fraternalmente para receber todos os povos do mundo, cultivemos e desenvolvemos, com o espírito de pátria, a grande **idéa americana** – isto é – o estímulo que dirige todo um conjunto de povos, irmãos pela solidariedade do destino, para a ampla vida nova, que recebe da história o que o passado fez de grande [...] (POMBO, 1925, p. XIII). Grifos do autor.

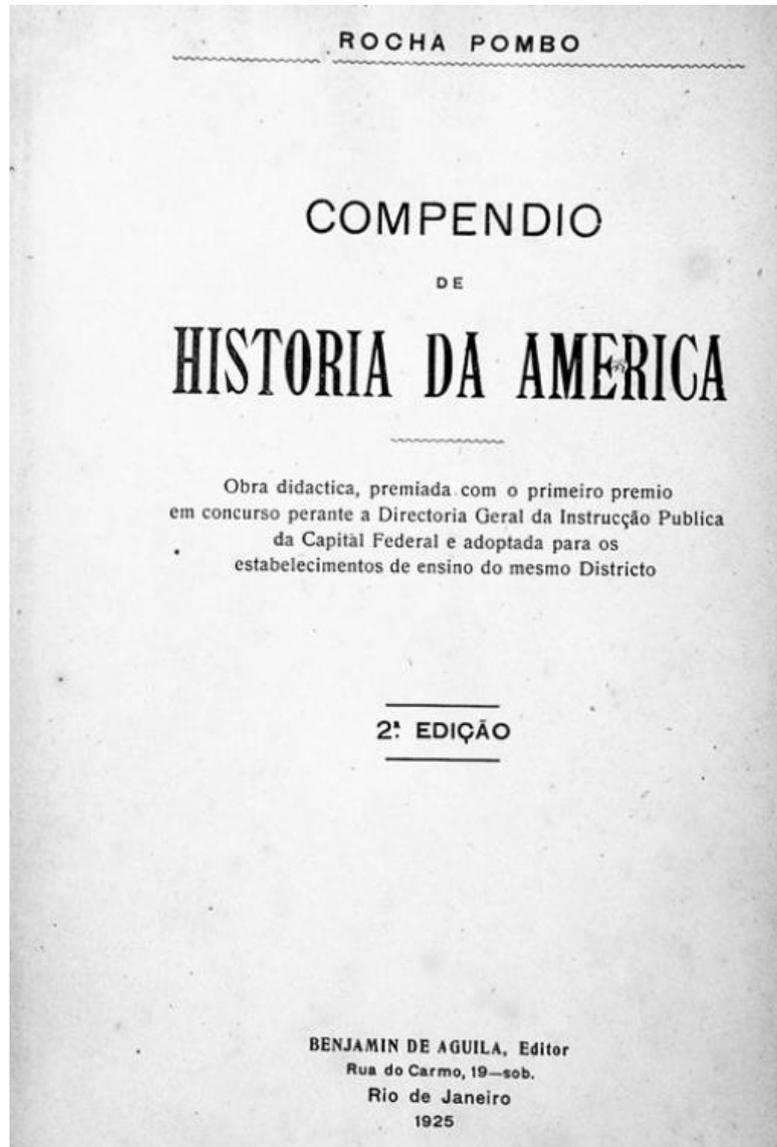
Rocha Pombo aborda a importância da solidariedade entre as nações americanas e da história como lição para o futuro dessas relações. A história demonstraria as relações históricas de solidariedade no continente e de luta conjunta no passado, sendo esse mesmo, o caminho para o futuro.

A edição utilizada é a 2^a, de 1925, publicada pela Benjamin de Aguilá e conta com pequenas diferenciações, como correções ortográficas e um pequeno prefácio a esta edição. No prefácio o autor reafirma a importância e atualidade da obra na época de sua segunda edição informando que não foram realizadas modificações, apesar da vontade de criar um novo capítulo, e as adequações ortográficas efetivadas. Além disso, o autor reafirma suas posições apresentadas na obra de 1900, comentando, por exemplo, sobre a divisão das obras, dando características para os títulos das seções dentro do texto, com aspectos de cada período, chamando de fase dolorosa (a da conquista), fase do noviciado ou aprendizado (a da colônia) e a fase heroica (da independência e organização nacional) (POMBO, 1925). Esse trecho no prefácio dá a entender que Rocha Pombo, mesmo anos seguintes, mantém a narrativa criada dentro do texto em relação aos períodos vividos na história do continente, ao configurar como a conquista dolorosa, o aprendizado na colônia e o heroísmo na independência.

O livro didático de História das Américas, como produto da necessidade do contexto inicial da República que se consolidava, foi destinado aos futuros professores das Escolas Normais. Estes locais de formação de professores eram essenciais para a consolidação dos projetos educacionais do Estado brasileiro, pois estariam nas salas de aula do ensino primário “base da cidadania, cimento da nação” (LOPES, MARTINEZ, 2008, p. 61). O livro didático de Rocha Pombo para seu público de alunos sistematizava o ensino de história das Américas e uma nova perspectiva para o ensino de história brasileiro, incluindo o Brasil também em uma tradição americana, não apenas europeia. Dessa forma, é com sua atuação dupla, como professor e autor dos livros utilizados em sala de aula, que Rocha Pombo estava duplamente presente. É assim que o autor insere suas concepções de educação e história, baseada em críticas à modernidade, à sociedade europeia e elogioso da solidariedade entre as nações e do papel da

educação no processo rumo à “civilização”.

Imagem 2.5. – Capa de História das Américas



História das Américas, Rocha Pombo, 1925.

2.4.2 Mapas históricos e gravuras explicativas

A outra obra analisada trata-se de um livro didático de história do Brasil, *História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas* (1ª Ed. 1918), para o ensino secundário, a partir de uma parceria entre Rocha Pombo e a editora Weiszflog

Irmãos/Melhoramentos. A editora, no período, buscava maior inserção no mercado editorial brasileiro e o nicho de livros didáticos crescia, ganhando destaque no país (PEDRO, 2016). Dessa forma, a editora encomendou três obras junto à Rocha Pombo, de 1917 a 1924, *Nossa Pátria: narração dos fatos da História do Brasil através de sua evolução com muitas gravuras ilustrativas* (1917), *História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas* (1918) e *História do Brasil (curso superior)* (1924), sendo que os dois primeiros se tornaram sucessos editoriais, com grande número de exemplares produzidos e vendidos (PEDRO, 2016).

O livro didático é uma versão revisada para o secundário do livro para o ensino primário *Nossa Pátria* (1917), que teve 67 edições (SILVA, 2012), assim podemos inferir que as duas obras conjuntas tiveram enorme sucesso editorial e financeiro, sendo amplamente utilizadas no país. Silva (2012) informa que esse sucesso rendeu muitas reedições, que se relacionam ao uso pedagógico das imagens e mapas presentes no corpo textual, colaborando para criar o “gosto pela nossa história”, como indicava Rocha Pombo em seu prefácio (apud SILVA, 2012, p. 9).

A obra é composta por oitenta e nove capítulos, sem divisões em seções, mas com capítulos que têm continuidade nos próximos, com identificação de letras em ordem alfabética para ordenação, como por exemplo os capítulos: a) Primeiros dias do império, b) Primeiros dias do império, c) Primeiros dias do império.

Imagem 2.6. – Índice de História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas

310	HISTÓRIA DO BRASIL	Pag.
XXX	Manuel Telles Barreto	94
XXXI	Conquista definitiva da Parahyba	96
XXXII	Hostilidades de corsários	99
XXXIII	Os franceses no Maranhão	102
XXXIV	Expulsão dos franceses. — Conquista do Pará	106
XXXV	Estado do Maranhão	107
XXXVI	Os holandeses na Bahia	110
XXXVII	Os holandeses em Pernambuco	114
XXXVIII	A heroica resistência dos pernambucanos	117
XXXIX	Maurício de Nassau	120
XL	Luctas tremendas	123
XLI	A obra de Nassau	126
XLII	Restauração de Portugal	130
XLIII	Insurreição geral contra os holandeses	132
XIV	Fim do domínio holandês	136
XLV	O regimen colonial	141
XLVI	Exploração do interior. Os bandeirantes	143
XLVII	As principaes bandeiras	147
XLVIII	O padre Vieira no Maranhão	150
XLIX	Revolta dos Beekman	153
L	Protestos da raça negra. Palmares	156
LI	Guerra dos «emboabas» e guerra dos «mascatos»	160
LII	Colisão com os hespanhões no sul	163
LIII	Duelo (1710) e Duguay-Trouin (1711)	167
LIV	Conjuração mineira	170
LV	Sacrifício do Tiradentes	173
LVI	Trasladação da corte portugueza para o Rio de Janeiro	177
LVII	Novas luctas no sul	180
LVIII	A corte e os brasileiros	183
LIX	Revolução pernambucana de 1817	186
LX	Revolução de 1820 em Portugal. Seus effeitos no Brasil	190
LXI	Retirada da corte portugueza para Lisboa	193
LXII	A regencia de D. Pedro	196
LXIII	A caminho da independencia	199
LXIV	O grito de Ypiranga	203
LXV	Luctas da Independencia	206
LXVI	a) Primeiros dias do imperio	211

INDICE	311	
	Pag.	
LXVII	b) Primeiros dias do imperio	214
LXVIII	c) Primeiros dias do imperio	217
LXIX	A regencia provisoria e a effectiva	221
LXX	Regencia de Feijó — Guerra dos Farrapos	224
LXXI	Continuação da guerra dos Farrapos	227
LXXII	Pacificação do sul	230
LXXIII	Regencia de Araújo Lima	234
LXXIV	A maioridade	237
LXXV	a) Primeiros tempos do segundo reinado	240
LXXVI	b) Primeiros tempos do segundo reinado	243
LXXVII	As complicações do Prata	247
LXXVIII	a) Guerra contra o dictador do Paraguai	251
LXXIX	b) Guerra contra o dictador do Paraguai	254
LXXX	c) Guerra contra o dictador do Paraguai	257
LXXXI	d) Guerra contra o dictador do Paraguai	262
LXXXII	e) Guerra contra o dictador do Paraguai	266
LXXXIII	f) Guerra contra o dictador do Paraguai	270
LXXXIV	g) Guerra contra o dictador do Paraguai	274
LXXXV	Nova era	280
LXXXVI	Proclamação da Republica	283
LXXXVII	Primeiros dias da Republica	288
LXXXVIII	O novo regimen	293
LXXXIX	Os ultimos presidentes	296

Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

O prefácio da primeira edição, de 1918, assim como a introdução e prefácio da obra de história das Américas, expõe a função da história e daquela obra para o autor, de “criar entre nós, antes de tudo, o gosto pela nossa história – sem o que, não haverá esforço que levante o nosso espírito de povo” (POMBO, 1925, p. 3). Além disso, o prefácio demonstra a preocupação de Rocha Pombo em “explicar” o fato de suas obras serem narrativas quase literárias, “reduzidas”, e sem uso de fontes primárias:

O que é preciso para isso, ao meu ver, é ir começando por aliviar da massa dos factos o contexto histórico, reduzindo a narração aos sucessos mais significativos, de modo a esclarecer a consciência, a infundir sentimento, poupando o mais que for possível a memória. E depois, aqueles que desejarem estar mais fundo nas causas e mais amplamente nos assumptos – que recorram a mais largas fontes. (POMBO, 1925, p. 3).

Dessa forma, ao final, Rocha Pombo também afirma a necessidade de conhecer para saber como a pátria é digna de culto, e que a “renovação bibliográfica”, uma empreitada da editora Weiszflog, é um esforço para “levantar a alma da pátria” (POMBO, 1925, p. 3).

Após o breve prefácio, a obra já inicia em seu primeiro capítulo, sem introdução. O índice está localizado no final, como de costume à época. Os capítulos iniciam com o mundo no século XV, passam pelas grandes navegações, a colonização, independência, o primeiro e segundo reinado, e finalizam com a proclamação da República. A construção narrativa apresenta a história de grandes homens, heróis nacionais, mas com algumas reconfigurações do panteão em relação às obras de história do Império, como a exaltação a personagens de revoltas republicanas e de contestação da ordem “autoritária” do Império.

Os capítulos acerca do contexto mundial no século XV, as navegações e a chegada dos europeus, são repletos de críticas ao mundo europeu naquele período de expansões marítimas, mas argumenta que as navegações criaram “esperanças novas” para a “evolução” do planeta (POMBO, 1925, p. 7).

E examinando mais no intimo o estado da Europa no século XV, temos de convencer-nos de que os males, que afligem aquella sociedade, tinham raízes mais profundas na consciência daqueles tempos.

E, no emtanto, é de uma situação tão excepcional [Grandes navegações] que vai sahir imprevisamente uma nova era de fé no destino e de coragem para a vida. (POMBO, 1925, p. 7).

Após apresentar o debate sobre o ineditismo ou não da chegada dos europeus no território que se tornaria a América portuguesa, Rocha Pombo abordava outras questões não

respondidas satisfatoriamente pela história, como as relativas a Caramuru. As “lendas” de Caramuru e João Ramalho aparecem como possibilidades de interação com os indígenas para além da forma violenta da conquista, e estava cronologicamente na estrutura da obra antes dos capítulos sobre a sociedade indígena como um todo. Nesse momento também compara as figuras “lendárias” da América portuguesa com outras do continente americano citadas na obra de História das Américas, como Manco-Capac, unificador e primeiro imperador Inca, dando a entender que nem os indígenas brasileiros e nem Caramuru conseguiram tal feito. Essa questão da unificação de uma grande “nação” indígena no território que viria a ser o Brasil só seria esboçada posteriormente na confederação dos Tamoios, como Rocha Pombo também expõe na obra.

A apresentação das sociedades indígenas brasileiras é feita de forma bem interessante e é utilizada para explicar a história da nação em um passado mais longo. As sociedades são colocadas e exaltadas como comunitárias, tendo relações de fraternidade, até uma espécie de “eleições”, levando ao passado do Brasil as práticas republicanas “democráticas” e coletivas de participação para escolha de líderes, como apresenta Rocha Pombo:

Si o morto era o chefe supremo da tribo, as solenidades terminavam pela eleição, ou pelo reconhecimento do novo chefe. (POMBO, 1925. p. 42)

Essa fraternidade e comunitarismo indígenas aparecem como alguns dos motivos da “boa recepção” inicial aos europeus antes de terem conhecimento das mazelas que os europeus traziam. As violências após os massacres que os europeus praticavam eram justificadas e como uma resposta aos males da opressão colonial (POMBO, 1925). As concepções de fraternidade e comunitarismo presentes nos povos indígenas, acenam para a interpretação de um passado Americano, que após as mazelas da colônia e das suas continuidades no Império, deveria retornar, na República, como característica essencial da nação brasileira. Os costumes, práticas sociais, religião, etc. são apresentados de forma sistemática, principalmente as línguas. Essas práticas sociais também são instrumentalizadas pela história construída pelo autor, inserindo termos modernos, como “indústria”:

A indústria dos selvagens consistia principalmente na fabricação dos seus artificios de caça e de pesca, bem como na de armas para a guerra” (Pombo, 1925, p. 46).

Os indígenas ainda foram retratados nos capítulos que abordam a colônia como oprimidos pelo sistema colonial português, considerado confuso e violento, pautado no egoísmo

e interesses individuais, ao contrário dos indígenas, comunitários, que valorizavam a fraternidade. Essas características representadas por Rocha Pombo nos indígenas, a indústria e os conceitos utilizados por Rocha Pombo, marcam o “anacronismo” da sua narrativa histórica. Esse uso do anacronismo é uma ferramenta importante para a construção da obra e da narrativa do autor, pois alonga o passado histórico do Brasil e dos aspectos contemporâneos de Rocha Pombo para uma época pré-colombiana. Assim, temos um uso específico do anacronismo que tem objetivo de construção de narrativas próprias do autor, com intenções e motivações que buscam confirmar e dar confiabilidade aos seus argumentos. Há também o contraponto entre outras regiões colonizadas. Enquanto os colonos na Virginia (EUA) já faziam assembleias “na América Latina, populações dispersas, sem coesão social e sem outros intuitos além da ambição nada havia feito que revelasse o propósito de assentar logo os fundamentos do estado futuro” (POMBO, 1925, p. 91). As “autoridades” coloniais nada faziam referente a essas opressões, as mazelas indígenas, para o autor, cessaram apenas com a escravidão negra, “que não menos horrível foi, exilados da sua terra, assim mais dolorosa que a dos índios” (POMBO, 1925, p. 91). Apenas os jesuítas, bem elogiados pelo autor, teriam se posicionado contra os colonos e defendido os indígenas das dificuldades durante a catequização, recebendo, assim, o ódio dos colonos. A colonização portuguesa e os colonos portugueses eram representados como violentos, sem coesão, sem solidariedade e dessa forma, recebiam reações justas, como a confederação dos Tamoios, “contra estrangeiros, espoliadores injustos e deshumanos” (POMBO, 1925, p. 77).

Após os primeiros capítulos, que tratam da colônia, existem capítulos que apresentam figuras heroicas na história do Brasil, também sobre a prática da pirataria nas Américas, e acerca de um ponto de mudança na América portuguesa: as invasões de outros europeus. Rocha Pombo, ao dar continuidade à crítica do modelo colonial português, observa a colônia portuguesa abandonada por sua metrópole por todo o período de ocupação Holandesa. O abandono teria criado, entre quem vivia no território, o sentimento de união e fraternidade, pela primeira vez, unindo as três raças, o indígena, o negro e o colono europeu, “resistindo, dessa guerra que se vai travar o carácter de uma verdadeira manifestação forte e impressiva do espírito novo que se creava na América, foi a aliança, naquele protesto das três raças que contribuíram para a formação da pátria nascente” (POMBO, 1925, p. 116). A união das três raças é uma das constituintes da nação e da nacionalidade na obra, apesar de ser considerada “frágil” devido ao fato de a união conter elementos “mais degradados” das raças devido à violência colonial,

sendo, “o indígena submetido, o negro rebaixado e animalizado e o europeu cercado pela cobiça e individualidade” (POMBO, 1925, p. 116). Apesar dessa descrição eram demonstradas perspectivas futuras para as três raças e a formação da nação.

Antes de iniciar os capítulos acerca da independência e os períodos imperiais, Rocha Pombo dedica alguns capítulos às revoltas e à expansão territorial. O autor condena os bandeirantes, apesar de falar na importância de suas explorações, e eleva a figura de Zumbi e Palmares. O uso da violência pelos bandeirantes, assim como pelos colonos, é tratado de forma injustificável e condenável, enquanto Palmares é exemplo da violência de reação, já que a nação era alvo de contínuas investidas contra sua liberdade, conquistada por eles mesmos.

E fácil conceber as volencias, as desordens, os horrores commettidos por aquelles bandos (bandeirantes), estimulados pela ambição defortuna. Entre os próprios aventureiros davam-se frequentes rixas e discórdias, que não terminavam, quase nunca, sem sacrificio de alguns. (POMBO, 1925, p. 146).

Os bandeirantes, de forma parecida aos europeus no início da colonização, sofrem do que Rocha Pombo criticava, a ambição desenfreada por fortuna junto de individualismos. Essa busca desenfreada levava à violência, que tinha como reação, até como “vingança”, mais violência justificada, praticada por indígenas e grupos quilombolas, como Palmares.

Não raro, tomavam os míseros selvagens contra os seus inimigos as vindictas mais tremendas, que bem se mediam pela enormidade dos excessos com que lhes andavam acordando o instinto do sangue.(POMBO, 1925 p. 147).

Zumbi e Palmares e suas lutas são correlacionados ao Haiti e Toussaint Louverture, como exemplos de aliança e luta pela liberdade por esforços próprios, “o Haiti, onde o negro chegou a criar, com o seu inaudito heroísmo, uma das paginas mais épicas na historia moderna” (POMBO, 1925, p. 157). No Brasil, na busca por liberdade, a formação dos quilombos organizava a população negra escravizada e “ Dali sahiam, aos bandos, para assaltar estancias e povoador da redondeza e viandantes incautos, exercendo contra os brancos as vinganças mais terríveis” (POMBO, 1925, p. 158). Palmares teria sido o maior exemplo dessas lutas e conflitos do contexto da escravidão no Brasil.

Outro movimento tido como importante no período pré-independência foi a Inconfidência Mineira, denominada pelo autor como Conjuração ou Revolução Mineira, com debates sobre a inspiração na revolução dos Estados Unidos (sobre a qual o autor é muito elogioso). Os elogios de Rocha Pombo à independência dos Estados Unidos já presentes na obra de história das Américas, como movimento pela liberdade, coletivo, reaparece ao explicar

as inspirações do movimento mineiro aos textos, figuras e ações estadunidenses. A Conjuração Mineira e Tiradentes são, para Rocha Pombo, exemplos de ideias que existiam por toda a América e que iriam sublevar os povos contra as metrópoles, pela liberdade e justiça. A Revolução Pernambucana também faz parte de um capítulo do livro, mesmo com menor atenção que a mineira, é exaltada, principalmente pela união do povo com os republicanos da província.

A Independência e o início do Primeiro Reinado são apresentados em capítulos correlacionados, de forma que Rocha Pombo expressa duas perspectivas acerca da história desse período. A Independência é o momento de união de diversos setores das sociedades, republicanos, monarquistas, conservadores, liberais, em torno da libertação de Portugal. Todos os capítulos da obra têm algum tipo de imagem, e no caso dos capítulos do processo de independência não é diferente, são acompanhados dos mapas e figuras, de batalhas, heróis, etc.

Imagem 2.7. – Jose Bonifácio



José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da nossa independência.

Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

Imagem 2.8. – Grito do Ypiranga



O grito do Ypiranga — Quadro de Pedro Americo

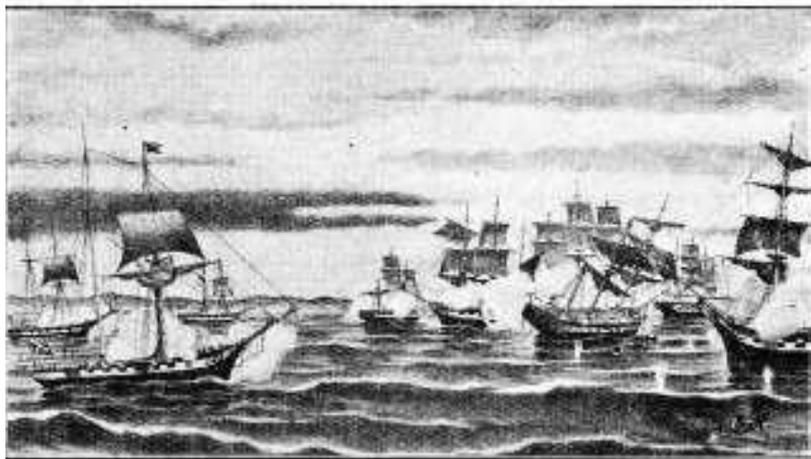
Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

Temos exemplos, para além da representação imagética de grandes figuras, de pinturas históricas que evidenciavam principalmente o caráter violento e conflituoso da independência, distanciando-se das narrativas que afirmavam o rompimento com a metrópole de forma pacífica. Assim, as imagens ao longo do texto ajudam na narrativa que Rocha Pombo queria criar da história do Brasil, uma história repleta de violência, demarcando os conflitos por meios de mapas, pinturas, etc. Sem função “crítica” para os alunos e professores, de interpretar as obras como fontes, as imagens servem para confirmar uma narrativa, de forma a ilustrar e criar representações dos “heróis”, das batalhas e regiões do país.

Imagens 2.9. – Lutas de independência



Combate de 4 de Maio de 1823



Combate de 22 de Maio de 1823

Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

As quatro imagens nos capítulos referentes à pré-independência e a independência não são diretamente comentadas nos textos, mas tem o papel pedagógico narrativo, assim como o texto escrito. Rocha Pombo escolhe imagens chave que se relacionam ao texto: quando apresenta a imagem de José Bonifácio, sua descrição de homem comedido, intelectual é referenciada; O quadro O grito do Ypiranga, de Pedro Américo (1888), é inserido no momento que a narrativa histórica de Rocha Pombo destaca a “emergência” da independência enquanto algo inevitável e como resposta aos portugueses; as imagens das batalhas em 1823 (sem autoria)

são interessantes, pois, reafirmam a violência que ocorreu no processo de independência, que não teria sido bem aceita pelos portugueses, que utilizaram a força para suprimir movimentos de “liberdade”. Essa última narrativa é também uma forma de Rocha Pombo reafirmar sua perspectiva historiográfica em relação aos europeus - e que já havia sido exposta na obra de História das Américas - violentos e opressores, que cerceavam a liberdade no continente americano.

A próxima análise e descrição do processo de independência na obra é focada no período de consolidação do país como nova nação. É apresentado nos capítulos os momentos em que o autoritarismo de D. Pedro I, a constituição autoritária e a monarquia tentam constituir mas criam a “anarquia” no país, segundo o autor. A anarquia era utilizada pelo autor no sentido de caos e falta de ordem e coesão social, sendo esse o motivo do Império ser a continuidade da colônia para Rocha Pombo, pois esse sentimento permaneceu até a consolidação do segundo reinado. Após a abdicação de Pedro I, a regência assumiria o governo enquanto o herdeiro do trono não estava apto a governar. Nesse período Rocha Pombo indicava tentativas que julgava subversivas, que persuadiam o povo a se atentar contra o governo. O ponto de continuidade de “anarquia” no período é esse, pois os únicos movimentos elogiados e chamados de “revolucionários” na obra são os de caráter claramente republicano, outros movimentos citados e outros grupos são representados como “baderneiros” que aproveitavam do frágil poder do governo.

O segundo reinado, na narrativa da obra, tinha o papel de amenizar os conflitos que existiram no primeiro reinado e na regência, devido ao fato de que os próprios liberais se uniram aos monarquistas. O segundo reinado é também apresentado como fundamental devido à sua participação na guerra do Paraguai, considerada a primeira grande interação e formação de uniões entre os países da América, “levantava, assim, Lopez contra si os três povos da América Oriental” (POMBO, 1925, p. 255).

A guerra do Paraguai é essencial para a narrativa histórica do Brasil na obra de Rocha Pombo. Francisco Solano Lopez, presidente do Paraguai no período, é representado como vilão histórico no continente americano, que após sua ida para a Europa, se impressionou com as cortes e desejou uma para si no Paraguai (POMBO, 1925, p, 251). Os eventos da guerra do Paraguai são tão importantes para as mudanças no continente e para o Brasil, que ganham seis capítulos dentro da obra, divididos de A até o capítulo G.

Imagem 2.10. – Índice de História do Brasil com muitos mapas e figuras

ÍNDICE		311
		Page.
LXVII . . .	b) Primeiros dias do imperio	214
LXVIII . . .	c) Primeiros dias do imperio	217
LXIX . . .	A regencia provisoria e a effectiva	221
LXX . . .	Regencia de Feijó — Guerra dos Farrapos	224
LXXI . . .	Continuação da guerra dos Farrapos	227
LXXII . . .	Pacificação do sul	230
LXXIII . . .	Regencia de Araújo Lima	234
LXXIV . . .	A maioridade	237
LXXV . . .	a) Primeiros tempos do segundo reinado	240
LXXVI . . .	b) Primeiros tempos do segundo reinado	243
LXXVII . . .	As complicações do Uruguai	247
LXXVIII . . .	a) Guerra contra o dictador do Paraguai	251
LXXIX . . .	b) Guerra contra o dictador do Paraguai	254
LXXX . . .	c) Guerra contra o dictador do Paraguai	257
LXXXI . . .	d) Guerra contra o dictador do Paraguai	262
LXXXII . . .	e) Guerra contra o dictador do Paraguai	266
LXXXIII . . .	f) Guerra contra o dictador do Paraguai	270
LXXXIV . . .	g) Guerra contra o dictador do Paraguai	274
LXXXV . . .	Nova era	280
LXXXVI . . .	Proclamação da Republica	283
LXXXVII . . .	Primeiros dias da Republica	288
LXXXVIII . . .	O novo regimen	293
LXXXIX . . .	Os ultimos presidentes	296

Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

A representação de líder autoritário de Solano Lopez que se inspirava nas monarquias serve na narrativa para distanciá-lo da República paraguaia e justificar a guerra, que era uma forma de lutar pela liberdade, contra o “dictador” no Paraguai. Além da luta contra o autoritarismo, a guerra também é demonstração de união das nações na América, contra as “atrocidades” de Solano Lopez, com suas incursões contra os países vizinhos e ao colocar os cidadãos paraguaios nessas posições, deixados à morte. As principais questões que a guerra trouxe internamente para o Brasil, segundo o autor, foram as sérias mudanças sociais, com fortalecimento de reformas liberais por uma constatada incoerência do Brasil ser um país “libertador” que tinha escravos (POMBO, 1925, p. 280). Esses pontos levaram ao “fenômeno mais característico” do pós-guerra no Brasil, a proclamação da República.

Nos últimos capítulos da obra, Rocha Pombo tenta dar conta da proclamação da República e dos anos iniciais, até 1905. A “inevitabilidade” da união, da revolta e da vontade da República após a guerra do Paraguai, devido ao espírito popular e a opinião pública, é o modelo explicativo do movimento de mudança de regime político no Brasil. O “poder novo” representa na obra avanços há anos esperados para a história brasileira, como a separação de Igreja e Estado e as eleições. O autor não deixa de citar problemas críticos da República e suas disputas internas, a discórdia entre homens que tinham feito a República e suas práticas egoístas. Após descrição dos mandatos dos primeiros presidentes, as crises, reformas e revoltas, a estabilidade desejada é alcançada, marcando a “nova era” da nação. A República tinha algumas tarefas ainda, como “no interior conciliar a opinião por uma política liberal e legitimamente republicana, e no exterior, consolidar as nossas relações de fraternidade com os povos americanos e de amistosa inteligência com todas as nações” (POMBO, 1925, p. 283). O autor coloca o Brasil e sua inserção no continente americano como o melhor caminho para a nação no futuro, como na obra de história das Américas, pois, quando tudo se estabiliza, a solidariedade é a saída para construção do progresso da civilização. A solidariedade, que é algo essencial na República, em contraposição à confusão e individualismo presentes na colônia, é a forma que o Brasil, assim como o continente americano, levaria para a construção do mundo como civilização moderna.

A modernidade e civilização são centrais nas obras de Rocha Pombo e se aproximam do conceito de solidariedade. Essas categorias eram consideradas pelo autor como próximas do que era o mundo europeu, mas ao mesmo tempo diferentes, com afastamentos. A América e o Brasil deveriam alcançar a modernidade e a civilização sem os mesmos vícios dos europeus. Rocha Pombo era muito crítico a alguns aspectos da modernidade e às falhas que existiam em sua contemporaneidade, levando a sentimentos de desilusão (QUELUZ, 1998). Assim, a modernidade era algo a ser alcançado pelo Brasil e pelo continente americano, buscando o fortalecimento da democracia republicana desejada. Para isso, a educação era o melhor caminho para seguir rumo a essas mudanças sociais (PEDRO, 2016). Rocha Pombo enxergava outro problema para o Brasil alcançar a modernidade, a questão da raça, que devia ser superada, por meio da aceitação do Brasil miscigenado e pela imigração europeia (sem seus vícios), que auxiliariam nessa missão (PEDRO, 2016), como podemos observar nas obras *História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas* (1918) e *História do Brasil (curso superior)* (1924). A solidariedade é também peça fundamental para a civilização futura, pois é

estabelecida em contraposição aos vícios europeus e aspectos negativos e atrasados da história, como os autoritarismos, colonização e escravidão. Nesse sentido, a solidariedade seria aspecto essencial para a mudança social do Brasil e do continente, este último sendo inclusive colocado como exemplo e centro futuro do mundo.

Como demonstrado no título, a obra é repleta de mapas e figuras, que fazem parte da narrativa histórica no sentido didático de “elucidação”, aproximar o leitor das figuras heroicas citadas, com função pedagógica para ser mais lúdico, ao materializar as regiões em paisagens ou mapas. As imagens no corpo do texto têm esse sentido “prático”, sem grandes legendas ou explicações e debates, mas que podem ter função de reforçar narrativas do autor que ajudam a entender melhor o conceito de solidariedade. A imagem da elevação da cruz em Porto Seguro é a primeira do capítulo sobre o “descobrimento do Brasil”, sendo então a primeira imagem que referencia o território. A imagem aparece antes mesmo da chegada dos portugueses na costa brasileira, quase como uma “antecipação” do que viria a acontecer na narrativa histórica do autor.

Imagem 2.11. – Elevação de cruz em Porto Seguro



A elevação da Cruz em Porto Seguro
Quadro do P. José Pinto Peres

Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

São ao todo 174 imagens, sendo 130 figuras de pessoas e 44 entre paisagens, mapas, plantas de cidades, etc. Pedro (2016) observa que o aperfeiçoamento das práticas da imprensa, seus materiais, etc. permitiu a esquematização das imagens por todo o texto. Esse uso sistemático de imagens foi um dos motivos que levou ao sucesso editorial das obras publicadas

pela Companhia Melhoramentos (PEDRO, 2016).

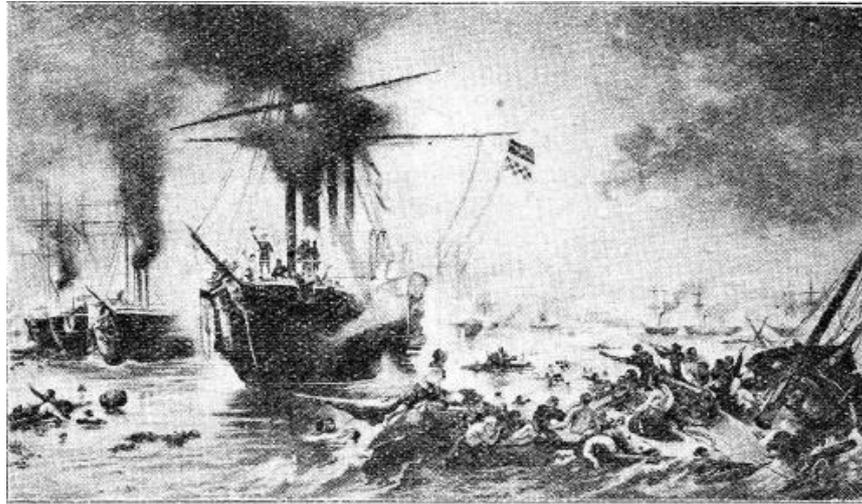
Imagem 2.12 Primeira batalha dos Guararapes



Primeira batalha dos Guararapes — Quadro de Victor Meirelles

Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

Imagem 2.13 Batalha do Riachuelo



Batalha do Riachuelo — Quadro de Victor Meirelles

Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

O uso das imagens nesse sentido esquemático, demonstrando a violência, ajudava na narrativa construída pelo autor, consolidando até mesmo a ideia de solidariedade como aspecto da história. Isso porque, ao longo do livro, a solidariedade aparece como exemplo contrário à violência colonial e, em menor grau, do Império. Assim a solidariedade é algo apenas dos

movimentos que usam da violência como reação, os grupos revoltosos contra todo tipo de autoritarismo, principalmente o colonial. As imagens exemplificam isso, os conflitos aparecem principalmente nesses momentos em que o Império ou a Colônia tentavam manter o controle sobre as populações que, em sentimento de comunhão e solidariedade, se juntavam para combater as tiranias. Assim, da mesma forma que sua narrativa construía os exemplos “bons” em contraposição aos “maus”, as imagens teriam a função de afirmar a narrativa e trazer esses elementos de forma visual. Nas imagens 2.11 e 2.12, as pinturas de Vitor Meireles procuram deixar esse aspecto de forma clara, pois ambas foram inseridas no livro didático em contextos de conflitos abertos, a primeira na invasão holandesa, a segunda na Guerra do Paraguai. Em ambos os casos Rocha Pombo inseria os inimigos, dos colonos brasileiros e da aliança contra o Paraguai, como tiranos, e o outro lado como irmãos solidários que se uniam pela liberdade.

Imagem 2.14 Execução de Felipe dos Santos



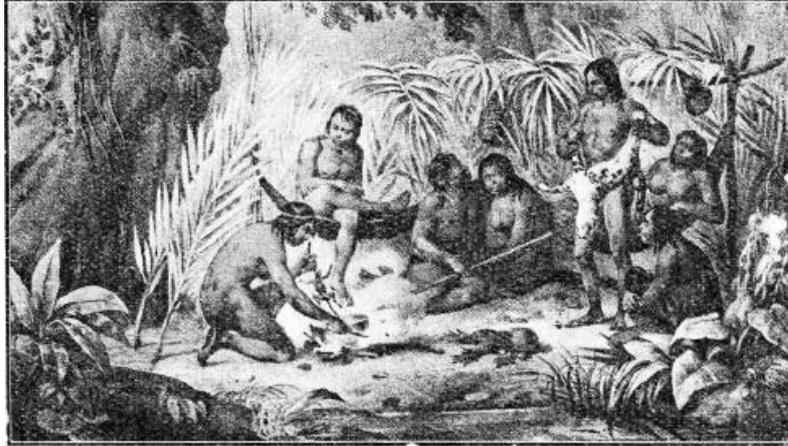
Execução de Felipe dos Santos
Quadro de A. Parreiras

Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

Outro caso que observamos na obra é em relação a revoltas e levantes do período colonial e imperial, as quais Rocha Pombo tende a admirar e ter uma narrativa elogiosa dos movimentos e seus líderes. Ao falar da revolta de Vila Rica, a imagem que é inserida na obra é o quadro de Antônio Parreiras (1923), sobre a condenação e execução de Felipe dos Santos, um dos líderes da revolta, a qual Rocha Pombo tratou como exemplo e que teria iniciado sentimentos que influenciariam outros movimentos. Assim a violência estava inserida na história do continente e do Brasil, principalmente por europeus, colonos e gestores imperiais,

aos quais não pertenciam o sentimento de solidariedade, apenas o individualismo e a avareza.

Imagem 2.15 Refeição dos índios



Refeição dos índios

Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

Imagem 2.16 Organato das índias para uma festa



Ornatos das índias para uma festa

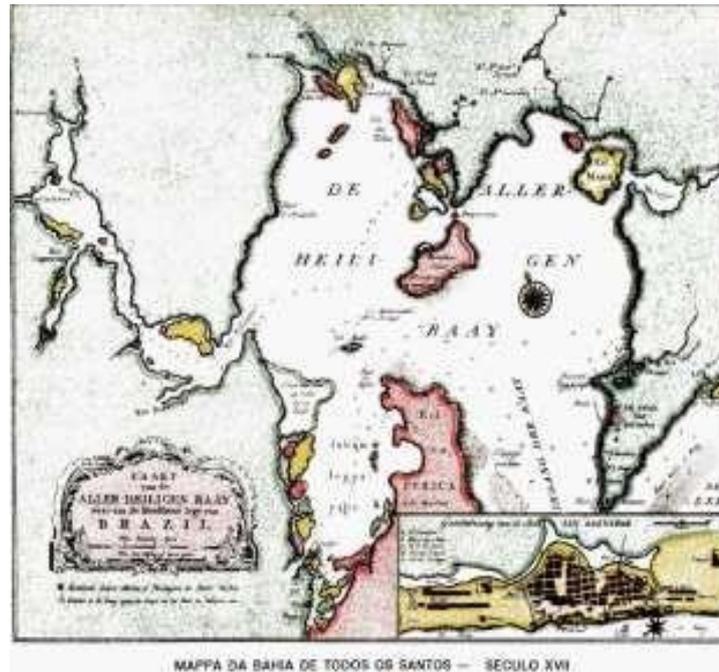
Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

Quando relacionados aos indígenas e sua sociedade pré-colombiana, as imagens narram uma história menos violenta, diferente do território após a chegada dos europeus. Como nas duas imagens acima (sem autoria), Rocha Pombo é elogioso a comunhão e fraternidade indígena e o livro apresenta imagens que remetem a essas ideias narrativas, trazendo ainda

aspectos culturais e da “indústria indígena” (POMBO, 1925). A ideia de indústria indígena é mais uma forma de inserir nas populações originárias do Brasil características do contexto histórico de Rocha Pombo, numa tentativa de validar sua narrativa, assim como fez com os aspectos republicanos e de solidariedade entre os indígenas.

Segundo Mauad, um conjunto de imagens quando bem distribuídas e inseridas de forma coerente no texto ajudam na popularidade da obra, agregam valor ao livro didático, além de servir como recurso pedagógico prático e como descanso de leitura (MAUAD, 2015). A função específica de cada imagem ou conjunto de imagens é o autor e suas particularidades que as delega - como era o caso de Rocha Pombo ao demonstrar, por meio das pinturas, que o processo de colonização e de independência do Brasil (e da América) foi violento. De todo modo, uma função que está sempre presente é a educacional (MAUAD, 2015). Mauad (2015) destaca que a função educacional das imagens nos livros didáticos pode ocorrer em níveis mais profundos, que incluem reflexões sobre o período de sua produção ou sobre o período que elas buscam representar, mas que a imagem também pode educar de forma superficial, apenas com a intenção de corroborar uma determinada visão histórica. Dessa forma, observamos que na obra de Rocha Pombo as imagens e mapas tem função pedagógica, mesmo que algumas não necessariamente relacionadas ao conceito de solidariedade, inseridos ao longo do texto para construção do argumento de sua história. Conforme Silva (2012), as imagens de pinturas ou fotografias em Rocha Pombo dão movimento ao processo histórico debatido no livro didático, assim como os mapas, que demonstram que o próprio espaço geográfico é resultado de um processo histórico. Na obra, existem duas configurações das imagens, as pinturas ou mapas, trazidas para o livro didático com referências ao nome da obra e quem a produziu. Existem também as imagens que não têm referências e não constam no índice de imagens no fim do livro, levando a crer que são imagens produzidas para o livro didático, o que só revela o investimento da editora nessa obra e na coleção como um todo. Além disso, Silva (2012) destaca que as pinturas de lugares e os mapas são frutos das pesquisas de Rocha Pombo em suas viagens nos anos de 1917, quando visitou diferentes locais de pesquisas pelo país.

Imagem 2.17. – Mapa da bahia de todos os santos

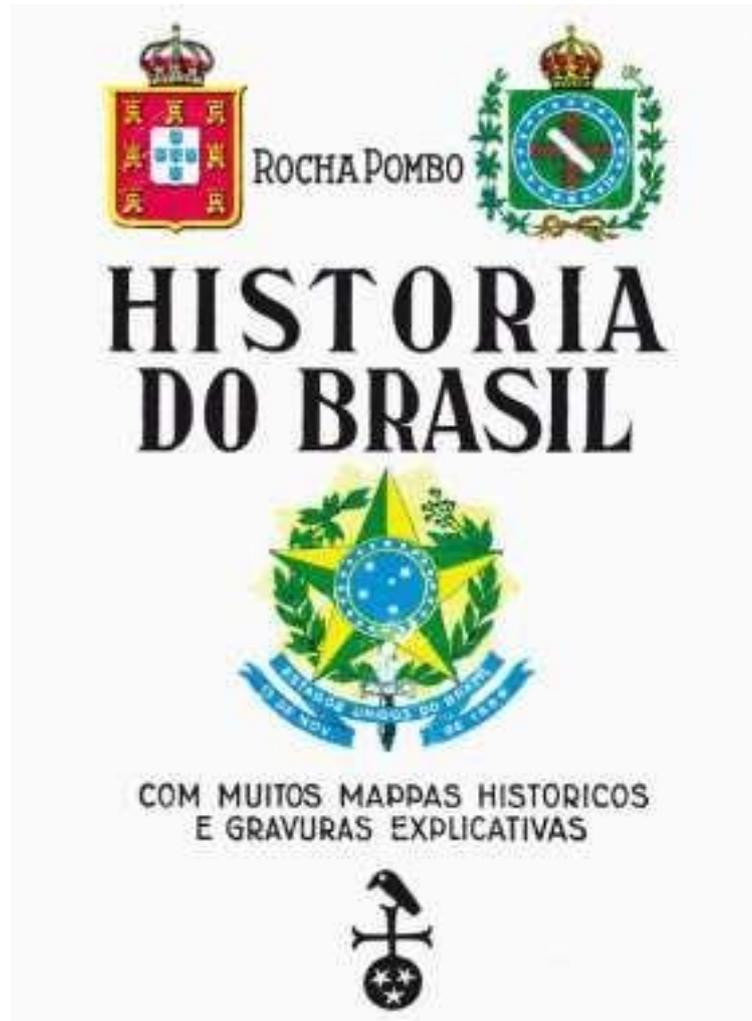


Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

O uso dos mapas possuía uma função pedagógica clara no livro, buscava localizar o leitor geograficamente aos espaços e territórios referenciados no texto, como o caso do mapa da Bahia de Todos os Santos. Além disso, os mapas eram quase sempre seguidos de outras imagens, pinturas paisagísticas dos lugares representados nos mapas, criando a percepção tanto geográfica quanto visual dos espaços.

A edição utilizada é a 2ª, de 1925, prova do sucesso da relação entre a Companhia Melhoramentos e Rocha Pombo. A capa da obra já demonstra o estilo de narrativa citado, com brasões de Portugal (colônia), Império brasileiro (Império) e República; a diferença apresentada é uma pequena nota do autor sobre a permissão para a editora reeditar as obras e modificar a grafia, além de um breve capítulo “extra” chamado “Os últimos presidentes”, até 1922.

Imagem 2.18. – Capa de História do Brasil



Fonte: História do Brasil com muitos mapas históricos e figuras explicativas, Rocha Pombo, 1925.

2.4.3 “Curso superior”

A obra *História do Brasil* (curso superior) (1925), assim como *História das Américas* (1900), é destinada aos estudantes das escolas normais do Distrito Federal, além de ser um livro de “consulta” em bibliotecas para estudantes das faculdades, como indicado no prefácio da obra. O livro didático é a terceira das três obras solicitadas pela Editora Melhoramentos ao autor, indicadas para o primário, secundário e para escolas normais. Desse modo, os livros de Rocha Pombo estavam presentes na trajetória educacional dos estudantes durante todo o possível percurso de estudos, do primário ao ensino normal. O livro aqui analisado será a publicação de 1956, em razão da não localização da primeira edição em formato online,

diferente das obras anteriores, as quais são encontradas já a partir da 2ª edição. As informações contidas no prefácio da edição dão a entender a ausência de grandes modificações na obra, para além de correções e ampliação de um capítulo extra ao final.

História do Brasil (curso superior) foi a obra menos reeditada sobre a história do Brasil. Mesmo sendo fruto de uma coleção de três livros, onde dois tiveram mais edições que as sete edições dessa obra (SANTOS, 2009). O que, em comparação a outras obras de história do Brasil do autor, demonstra a baixa repercussão do livro, que pode ter seu insucesso explicado para além do seu conteúdo teórico, por exemplo em razão de seu público e ambiente - o ensino “superior”, ou sua qualidade gráfica, ausência de imagens e a dificuldade narrativa e textual (PEDRO, 2016).

A estrutura narrativa e gráfica do livro para as escolas normais não se diferenciava muito da obra para o secundário, a maior distinção é o número reduzido de imagens e mapas e o aprofundamento maior em alguns capítulos, com relações e análises entre acontecimentos históricos narrados de formas ampliadas. Outro ponto que é frequente na obra é a referência a “historiadores” ou “poetas, artistas”, isso quando não cita nomes diretos ao apresentar debates. A obra é composta por prefácio (de 1956), vinte e quatro capítulos, “quadros sinópticos” e os “resumos” dos capítulos.

Imagem 2.19. – Índice de História do Brasil curso superior

INDICE	
<i>I. — Descobrimto do Brasil. O inicio</i>	
O mundo no século XV	11
As grandes navegações	15
Descobrimto do Brasil	19
As populações indígenas	24
Ainda as populações indígenas	29
<i>II. — Primeiras expedições</i>	
Expedições exploradoras	36
A terra	41
A flora e a fauna	47
<i>III. — Capitania hereditária. Inicio da colonização</i>	
Martin Alomo	54
As donatarias	60
As capitaniais mais importantes	67
<i>IV. — Governo Geral. Tomé de Souza e D. Duarte da Costa</i>	
O Governo Geral	74
A catatoga dos sobregos	80
Invasão da Guianala pelos franceses	87
<i>V. — Mem de Sã. Franceses no Rio de Janeiro</i>	
Mem de Sã	95
Expulso dos franceses da Guianala	101
Fundação do Rio de Janeiro	107
<i>VI. — Divisão do Brasil em dois governos, e reunião posterior em um só</i>	
Governo do Norte e Governo do Sul	113
De novo um só Governo Geral	118
Importação de africanos	124
<i>VII. — Domínio espanhol. Franceses no Maranhão, Colôniação do Norte</i>	
Os franceses no Norte	131
Os corsários em novos mares	135
Conquista e colonização do Norte	141
<i>VIII. — Primeira invasão holandesa 1630-37</i>	
Os holandeses em terra	148
Invasão de Recife pelos holandeses	153
Expulso dos holandeses da Bahia	159

Fonte: História do Brasil (curso superior) (1956)

Imagem 2.20. Índice de História do Brasil curso superior

<p>IX. — Expedição às Índias Ocidentais</p> <p>Expedição de Pernambuco pelas Índias Ocidentais 196</p> <p>Mapa do Brasil 273</p> <p>Integração geral com a história do Brasil 280</p> <p>Expedição das Índias Ocidentais de Pernambuco 286</p> <p>X. — Entre os reis católicos e os reis de Espanha</p> <p>O regime colonial 296</p> <p>Os reis católicos e os reis de Espanha 300</p> <p>Reinado de D. João V 307</p> <p>XI. — Cultura, Economia e Relações</p> <p>As Índias 314</p> <p>Guerra dos Cabanos 320</p> <p>El-Rei dos Reis 325</p> <p>Guerra dos Mascates 330</p> <p>Os colonos das Índias 338</p> <p>XII. — Guerra de Independência em Espanha, Nápoles e Espanha-Trás-os-Montes</p> <p>Jose Francisco Balthazar 377</p> <p>Duque de Toldos 378</p> <p>XIII. — O Brasil no reinado de D. João F. Sandáche</p> <p>A guerra dos Cabanos 378</p> <p>O reinado de D. João V 380</p> <p>XIV. — D. João I e o Marquês de Pombal. Guerra de Sucessão</p> <p>As Índias 378</p> <p>Integração da história 378</p> <p>A obra do Marquês de Pombal 381</p> <p>XV. — Inovações administrativas</p> <p>Condições da reforma política do século XVIII 386</p> <p>Condição de Vila Rica 386</p> <p>O Tratado 388</p> <p>XVI. — Transição da família real portuguesa para o Brasil. D. João VI. Restauração de 1807</p> <p>Política e a Restauração 389</p> <p>Revolução e a restauração portuguesa 391</p> <p>A vinda da corte para o Brasil 393</p> <p>O governo de D. João no Rio de Janeiro 395</p> <p>A restauração de 1807 396</p> <p>A vinda da Família Real à Europa 397</p> <p>XVII. — República de D. Pedro e a Independência</p> <p>A República de D. Pedro e a Carta de Leitura 401</p> <p>O ato de Independência 402</p> <p>Guerra da Independência 405</p> <p>Reconhecimento da Independência 408</p>	<p>XVIII. — O Primeiro Reinado</p> <p>A Constituição e a promulgação de 1824 408</p> <p>A guerra da Cispatina 410</p> <p>A abdicação de D. Pedro I 413</p> <p>XIX. — A República</p> <p>As Repúblicas Unidas 413</p> <p>Política e economia 416</p> <p>Reforma da Constituição republicana 420</p> <p>A República de D. Pedro 420</p> <p>República de Araújo Lima 425</p> <p>XX. — A monarquia. Entre 1824 e 1889. Entre os Reis D. Pedro e D. João</p> <p>A República 425</p> <p>Condição da Europa 425</p> <p>Entre 1824 e 1889 425</p> <p>Guerra contra D. João 425</p> <p>XXI. — Guerra de Paraguai</p> <p>Nova intervenção na Uruguai 428</p> <p>Guerra contra D. João 428</p> <p>Título da guerra contra D. João 431</p> <p>XXII. — A República</p> <p>Reforma 431</p> <p>Restauração D. João 431</p> <p>XXIII. — A República. O Governo Provisório</p> <p>Proclamação da República 431</p> <p>O Governo Provisório 431</p> <p>XXIV. — Constituição de 1824. Governo constituinte em D. Pedro e D. João</p> <p>Restauração política do país 431</p> <p>Os governos provisórios do novo regime 431</p> <p>Proclamação da República em 1889 431</p> <p>Constituição de 1824, 1834 e 1840 431</p> <p>Quanto ao ensino de nossa história</p> <p>Primeira edição (1871) 431</p> <p>Segunda edição (1878) 431</p> <p>Terceira edição (1883) 431</p> <p>Quarta edição (1889) 431</p> <p>A primeira edição de século XX 431</p>
---	---

Fonte: História do Brasil (curso superior) (1956)

O prefácio informava que a obra, desde sua primeira edição até a de 1956, era parte do conjunto dos três livros didáticos escritos pelo autor para a editora, além de apresentar a que público ela era destinada, a primeira edição para as escolas normais (PEDRO, 2016) e a edição de 1956 ampliou seu público para “candidatos aos cursos superiores (ciclos colegiais) e estudantes das Faculdades de Filosofia, como obra de consulta em bibliotecas. Além disso, prestou-se ela “ao manuseio de mestres primários e professores de ginásios” (POMBO, 1956, p. 5). As mudanças de ortografia, siglas de instituições e um último capítulo que abordava o tempo presente foram as mudanças no livro, “respeitando as determinações deixadas por Rocha Pombo para seus textos”, segundo o prefácio, já que Rocha Pombo havia falecido na década de 30.

A narrativa segue o mesmo formato do livro para o ensino secundário, iniciando-se na Europa, as navegações, chegada dos europeus, colonização, Império e a República. A flora e fauna, como em todas as obras aqui analisadas, têm destaque em seus capítulos, podendo ser uma possível aproximação de Rocha Pombo com a geografia, relacionando as duas áreas do

conhecimento. Rocha Pombo apresenta críticas ao tratamento que o colono dava à flora e fauna, só “tolerando espécies uteis”. O tratamento aos indígenas, negros e europeus seguem a linha próxima as outras duas obras, onde existem elogios aos indígenas e suas sociedades (ainda que relacionados à natureza), ao Negro e sua “vontade” pela liberdade, e a crítica à maior parte dos europeus colonos, por serem violentos e egoístas.

Algumas mudanças são perceptíveis pela presença maior da “contextualização” dos debates, como a discussão da origem dos indígenas no continente americano, que teriam vindo da Ásia, e a comparação entre seus costumes e práticas com os costumes germânicos do período medieval. A vida do negro no Brasil, na narrativa, ainda é atrelada à escravidão, que “havia penetrado em todo nosso organismo social” (POMBO, 1956, p. 126). Ao aprofundar a discussão acerca da escravidão, tentando historicizá-la, Rocha Pombo afirma:

Desde épocas imemoriais havia na Africa a escravidão histórica: isto é, a que é própria de todas as sociedades humanas numa certa fase da sua evolução social e política. Da escravidão histórica nasceu a escravidão mercantil; isto é, a exploração do cativo como um negócio (POMBO, 1956, p. 125).

Rocha Pombo vai relacionar à escravidão negra a escravidão “mercantil”, marcando diferenças com a “antiga”, que não fazia parte de uma rede comercial tão extensa quanto a praticada pelos europeus na época moderna, ligando a cobiça e individualismo europeus à prática da escravidão negra.

O europeu, na colônia, havia se tornado “degradado, corrupto e violento”, com exceção dos jesuítas, que tinham o “espírito elevado” (POMBO, 1956, p. 193). O livro também tem uma escrita mais complexa que a obra para o secundário, refletindo em menos divisões de capítulos, que são mais longos, dando conta de debates mais amplos. Os movimentos republicanos ganham maior abordagem e exaltação do autor, sendo frequente o recurso ao anacronismo para fins de demonstrar os “espíritos republicanos” em um longo passado brasileiro.

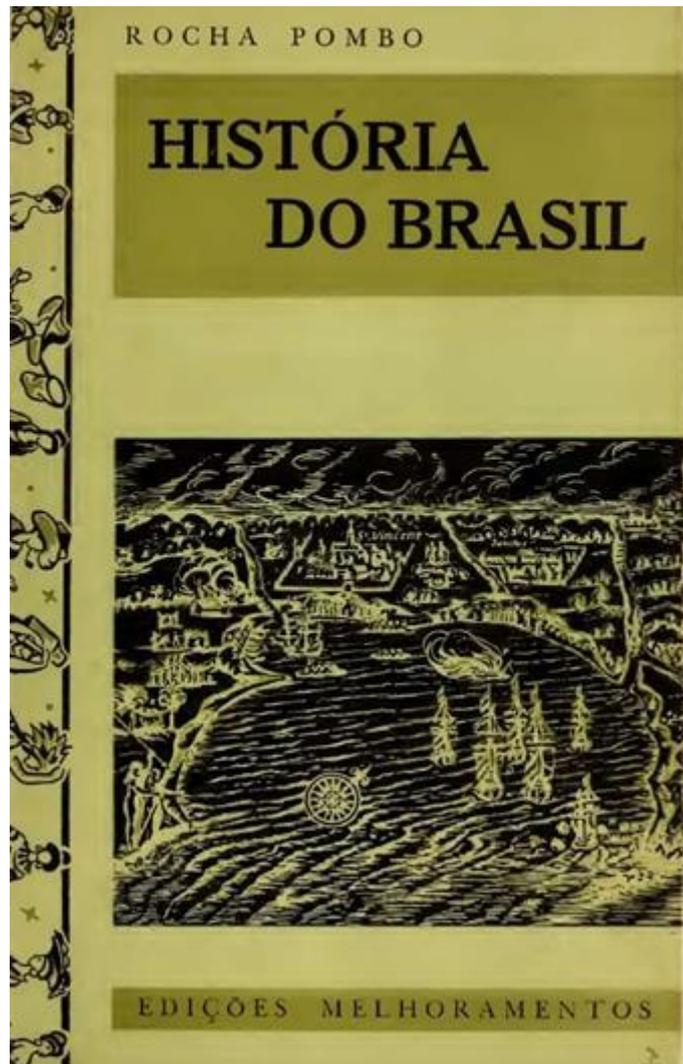
Essa forma de narrativa histórica insere práticas e vontades políticas republicanas em populações indígenas, e apresenta maior notoriedade à movimentos republicanos durante a colônia e Império, como a Conjuração Mineira onde “planejava-se a República, tendo escolas e universidades” (POMBO, 1956, p. 298). O fim do Império, tão confuso quanto a colônia e a substituição da República, são apresentados como caminho natural, em um mundo e continente em que não se permitia não ser moderno, não caminhar rumo à “civilização”, que só pode ser encontrada plenamente na República. Por toda a obra a solidariedade é apresentada nos

momentos de “formação da nacionalidade”, luta contra invasão holandesa, Palmares, Inconfidência Mineira, guerra do Paraguai, guerra dos Farrapos, etc. Esses movimentos eram de contestação de uma ordem vigente, seja a colonial ou a imperial e até mesmo contra violências externas, como os holandeses e Solano Lopez. Nesse sentido, a solidariedade aparece como aspecto desses movimentos (muito elogiados por Rocha Pombo) que buscavam a união e “liberdade”, segundo o autor. Da mesma forma, os mesmos movimentos são apresentados com exaltação, pois se contrapunham aos autoritarismos e à falta de organização e coesão social da colônia e Império, onde não existia solidariedade ou união.

A edição utilizada é a 7ª, da Melhoramentos, um dos menores sucessos da parceria do autor e da editora. O livro tem uma forma atualizada em comparação às outras, com capa (feita com xilogravura, representando “povos regionais” brasileiros e a Baía da Guanabara), diagramação e imagens de qualidade bem superior às obras anteriores, mesmo mantendo a mesma estrutura editorial, além de posição do índice e diagramação de textos diferentes. Assim como as outras obras e suas edições, são disponibilizadas on- line com facilidade²⁵, o que permite seu uso e análise, diferente das primeiras edições que não foram encontradas digitalizadas.

²⁵ Disponível em: <http://lemaad.fflch.usp.br/livros-did-ticos-digitalizados>,
<https://archive.org/details/historiadobrasil00pomb>, acesso em 08/03/2021.

Imagem 2.21. – Capa de História do Brasil curso superior



Fonte: História do Brasil (curso superior) (1956)

As narrativas históricas das obras aqui analisadas estão organizadas em uma estrutura padrão, por meio de uma narrativa linear (e literária), passando por períodos pré- europeus, a chegada dos europeus, a colonização, a independência e o começo da República. Dentro desses blocos narrativos o conceito que aqui buscamos analisar, de solidariedade, está presente e parece ter grande importância no entendimento da história, de sua narrativa e na “lição” que a história tinha para a caminhada das nações rumo à “civilização”. O conceito, além de aparecer de forma direta, em contextos distintos, seja uma solidariedade prática, de armas, ou uma solidariedade “moral”, de espíritos entre indivíduos, parece ser o cerne da escrita da história do autor ao se apoiar em movimentos “exemplares” e exaltados nas obras.

A violência, os modelos políticos e sociais “equivocados”, a confusão e o egoísmo/individualismo aparecem na narrativa onde não existe a “solidariedade”. A solidariedade, fraternidade, (que tem sentidos próximos, sinônimos para Rocha Pombo) etc. aparecem na narrativa em momentos históricos de exaltação por parte do autor, em movimentos de contestação ao autoritarismo, movimentos republicanos, sejam no continente americano ou no Brasil, na colônia, Império e República. Na narrativa, os males para as populações provinham dessas outras categorias, presentes onde não existia a solidariedade, mas somente a divisão e separação, momentos nos quais a crítica de Rocha Pombo é tão acentuada e aprofundada.

No próximo capítulo pretendemos analisar com mais profundidade o conceito de solidariedade nos três livros didáticos, com um olhar para o modo como o conceito influenciou a escrita e narrativa de história de Rocha Pombo, relacionando-a com sua visão acerca da função da disciplina para a formação da nacionalidade.

III - SOLIDARIEDADE NORTEADORA DA HISTORIOGRAFIA

Este capítulo leva em consideração todo o debate que envolveu o intelectual professor Rocha Pombo, sua trajetória, escrita da história e projetos educacionais e de nação. Esse debate pretende ser feito à luz das possibilidades que o conceito de solidariedade parece criar, como objeto principal da pesquisa. A centralidade do conceito nas obras de Rocha Pombo produziu sentidos e guiaram seu entendimento de história, além da função que esta teria para a educação da nação, como uma lição a ser aprendida. Com a perspectiva da história dos conceitos, analisamos a solidariedade em alguns âmbitos no contexto de início da primeira República, como estava sendo entendido e utilizado o conceito nos ambientes de produção da história - a sala de aula, os livros didáticos e o IHGB. Dessa forma, além de analisarmos o conceito em nossas fontes principais, os livros didáticos, vamos observar como ele estava apresentado no ambiente intelectual do período, pensando em como outros autores o engajavam e como o esteve presente no I Congresso de História das Américas. Também procuramos observar como Rocha Pombo articulava o conceito em seus artigos no jornal carioca Correio da Manhã, entre 1900 e 1910, e como eles se relacionavam com o que era proposto em sua história nos livros didáticos.

3.1 Influência dos itinerários intelectuais

A análise das obras didáticas de Rocha Pombo é um caminho para a compreensão dos pensamentos e projetos políticos-educacionais do autor e dos debates produzidos no período do início da República. A chave de estudo a partir de um conceito, a solidariedade, que é central para a escrita do autor, possibilita a percepção dos livros didáticos e da história como complexos objetos históricos. Essa forma de análise tem um recorte que permeia desde a trajetória intelectual do autor até sua influência em debates públicos na primeira república. Assim, um conceito, objeto da história e do discurso, uma palavra com semânticas plurais em um determinado contexto, permite novas possibilidades de análise da escrita da história de um período e dos projetos políticos educacionais em disputa.

Ao analisar um conceito inserido nos livros didáticos, um objeto político, retomar a trajetória do autor é importante para compreensão de suas concepções políticas e de suas

influências (SIRINELLI, 2003). A ideia que um conceito pode ter depende dos discursos que determinados grupos utilizam em seus contextos históricos (KOSELLECK, 1979). Assim, o itinerário intelectual, que nunca é demarcado somente por posições coerentes em relação ao posicionamento político “padrão” do autor, influencia em suas articulações de conceitos e projetos. A trajetória pouco linear de Rocha Pombo colabora para a compreensão de sua formação e construção como intelectual. Tal como quando observa-se ele, militante republicano e abolicionista, mas com estreita relação com os conservadores do Paraná, sendo figura importante de articulação desse grupo na Câmara de Deputados. Também verifica-se seus itinerários em seus trabalhos. O ambiente de produção de periódicos no início da República não era o mesmo do IHGB no Rio de Janeiro, tanto na construção de suas concepções políticas quanto em compromissos com poderes instituídos na sociedade.

A multiplicidade de locais frequentados por Rocha Pombo, e o seu envolvimento com diferentes grupos, além de demarcar possíveis contradições nas figuras dos intelectuais no começo da República no qual eram múltiplas as atuações, também complexifica sua produção acerca da história. O conceito de solidariedade aqui analisado leva essa complexidade para dentro das obras, pois os locais frequentados pelo autor, assim como as figuras com quem manteve uma rede de sociabilidade durante todo o período de sua vida, influenciaram sua produção.

Rocha Pombo viveu em um período de consolidação do pensamento e dos projetos republicanos e liberais em todo o continente americano. A República “efetiva” e a “utopia” das civilizações eram temas centrais em suas obras literárias (QUELUZ, 1994), o que também se refletia nas obras didáticas. A militância pela abolição da escravidão, a defesa da liberdade, e o combate ao “autoritarismo” em suas diversas formas, são exemplos de militâncias presentes ao longo dos processos históricos que o autor descreveu e vivenciou (PEDRO, 2016). As críticas frequentes em seus livros didáticos às mais diversas formas de autoritarismo, seja no Império, em conflitos nacionais, na escravidão ou na conquista europeia, têm em contraposição a solidariedade, presente em pessoas e grupos que se levantavam contra as mazelas autoritárias. Suas passagens por periódicos e pela literatura simbolista constituíram laços em comum com intelectuais anarquistas que acabaram aproximando Rocha Pombo de concepções mais amplas acerca da sociedade e de projetos efetivos, como a Universidade Popular. Dessa forma, as possibilidades da construção de seu pensamento histórico e político estavam relacionadas a sua

trajetória intelectual, que formava sua percepção prática de ação, seja na produção de livros didáticos, literários ou na participação em projetos educacionais e políticos.

3.2 As possibilidades do conceito de solidariedade

A trajetória dos intelectuais é formada pela passagem por diversas instituições, organizações e grupos que podem ter ou não ideias próximas. A linguagem, os léxicos presentes no discurso de cada um desses locais ou grupos evidenciam diferenciações e divergências na prática política. No campo da História, a linguagem e seus sentidos são essenciais para o estudo de uma construção narrativa da história que não é isenta, pois, como o próprio Rocha Pombo dizia, segundo Santos (2009, p. 128), não “existe isenção na prática historiográfica”. Assim, cada local frequentado por Rocha Pombo em seu percurso influenciou na construção de seu arcabouço teórico e nas suas narrativas históricas, dando os sentidos apresentados em suas obras didáticas.

A história dos conceitos permite a investigação das palavras em seus significados múltiplos, presentes em discursos e projetos em cada processo histórico (KOSELLECK, 1979). A análise dos conceitos, com cooperação de uma história das ideias, por meio da prática de historicizar as palavras com diversos significados e utilizá-las (enquanto conceito) como objeto da história, permite a análise do significado de seus usos em obras produzidas na formação da história, como em Rocha Pombo. Ao distinguir a palavra do conceito, a história dos conceitos investiga as mudanças semânticas presentes (como no conceito de solidariedade), refletindo sobre as diversidades sociais e políticas dos conceitos. Essas modificações semânticas refletem nas mudanças sociais que podem ter sido operadas no contexto histórico, assim como nas ideias em disputa que almejam essas mudanças sociais.

Essas análises acerca dos conceitos e suas funções serão mais aprofundadas, assim como a investigação do conceito de solidariedade nas obras de Rocha Pombo. O autor constrói um significado do conceito e não apenas se apropria de um, ele dá sentidos novos ao conceito de solidariedade ao articular em seus textos, dando função central nas obras de história. Os

léxicos²⁶ dos conceitos do final do Império e início da República brasileira são fundamentais para a compreensão da escrita da história de Rocha Pombo, assim como de seus projetos e ideias educacionais e políticas.

O conceito de solidariedade tem diversas acepções a depender do contexto temporal e espacial, assim como mais de uma compreensão em um mesmo local e momento. O sentido dele, do âmbito da sociologia à prática política, tem modificações passíveis de historicização. Segundo Maria Cláudia Badan Ribeiro (2016) solidariedade tem o significado inicial de sociabilidade, de práticas sociais, ligadas a concepções religiosas e filosóficas de relação com o próximo, de amor e fraternidade, forma como o sociólogo Max Weber utiliza e se ocupa do conceito. Dessa forma, os sentidos podem ser apresentados como o ideal da reciprocidade dos indivíduos no coletivo e “base normativa da filosofia moral” (WESTPHAL, 2008, p. 44).

Conforme Ribeiro (2016), o conceito de solidariedade, em torno do campo da disputa política ganha, durante a Revolução Francesa, contornos de sentido cívico e de relação entre Estado e população. Nesse período, a sua proximidade com o conceito de fraternidade também é feita, assim como o sentido duplo que o conceito carregava em disputa no contexto da revolução, pelos ‘liberais radicais’ e o grupo mais “conservador’ (OZOUF; FURET, 1989). Outro sentido relacionado à política, segundo Ribeiro (2016), diz respeito à linguagem das classes subalternas, principalmente a operária, observada inicialmente nos séculos XIX e XX, como reivindicação e baseada em experiências em comum na exploração capitalista. Assim, como conceito polifônico em diversos contextos sociais, políticos e filosóficos, cada sentido possível de solidariedade cria vínculos com grupos específicos e a compreensão desses sentidos são feitos de forma contínua pela investigação histórica (WESTPHAL, 2008). O sentido pré-moderno, de acordo com Vera Herweg Westphal (2008) (na acepção da antiguidade e período medieval), por exemplo, é vinculado à doutrina cristã, como amor ao próximo, independentemente da origem e nação, e foi reapropriado no período moderno das diversas formas em sentidos seculares, influenciando até mesmo as noções francesas e as anarquistas (WESTPHAL, 2008).

²⁶ Léxico aqui vem no sentido de significados, de sentidos que conceitos tinham no período Republicano, ou seja, compreender de forma léxica os conceitos é fundamental para entendimento da escrita da história e das ideias políticas do período.

Ao investigar nosso objeto, nas obras didáticas de Rocha Pombo podemos pensar em três acepções do conceito: no primeiro momento o sentido dado na Revolução Francesa (resgatado no início do século XX, período contemporâneo a Rocha Pombo); no segundo, a doutrina Monroe; e o terceiro, os movimentos de classes subalternas.

Uma das principais concepções do conceito de solidariedade após a noção cristã, na sociedade moderna, e que influencia diversas outras concepções do conceito, é a presente nos contextos da revolução francesa no século XVIII (WESTPHAL, 2008). A solidariedade – *solidarité* - “iluminista”, tinha influencia cristã, mas com teor secular ligou-se ao conceito de fraternidade – *fraternité*-, entretanto, diferentemente da fraternidade, associava a relação cívica entre Estado e povo (WESTPHAL, 2008). No período contemporâneo a Rocha Pombo o conceito é retomado, principalmente pelo ex-primeiro ministro francês, Leon Bourgeois (WESTPHAL, 2008). O político também foi presidente da Liga das Nações no período pós Primeira Guerra Mundial, recebendo um Prêmio Nobel da Paz por sua participação na organização da paz no mundo pós-guerra (WESTPHAL, 2008). A retomada do conceito de solidariedade no início do século XX foi relacionada à solidariedade entre as pessoas e, com isso, visava acompanhar a coesão social nas nações (WESTPHAL, 2008). Essa retomada do conceito no período de início do século XX se justifica pelo contexto da Primeira Guerra e as consequentes críticas aos sentimentos nacionalistas e individualistas no período (WESTPHAL, 2008). No Brasil, Rocha Pombo utiliza o conceito de solidariedade num sentido próximo. A história com o papel de trazer lições para um futuro se expressava nos exemplos de solidariedade entre os indivíduos em momentos e grupos da história do país e do continente, sendo um caminho para o futuro das populações.

Rocha Pombo viveu em um contexto de mudanças importantes, tanto em políticas internas quanto externas ao país. O Brasil deixa de ser um Império e entra para o grupo de Repúblicas no continente e, dessa forma, tenta se aproximar dessas nações. A dinâmica no continente também é de uma aproximação entre os países, muitas vezes em contraposição aos países da Europa, para os seus fortalecimentos (PEDRO, 2016).

Conforme Mary Anne Junqueira (2001) os Estados Unidos é o principal patrocinador dessa política, tendo iniciado o período conhecido como doutrina Monroe no século XIX. Essa política teve impactos em todo o continente americano durante os séculos XIX e XX, demarcando o começo do imperialismo estadunidense no continente. O início do século XX

representou a quebra dessa expectativa de união americana em torno dos EUA devido ao imperialismo, mas a política não deixou de construir relações mais estreitas entre os países do continente (JUNQUEIRA, 2001). A política da “boa vizinhança” ecoou nos intelectuais deste período, que poderiam estar contrários ou a favor. Rocha Pombo, um desses intelectuais influenciados por esse contexto, tinha uma concepção, de certa forma, positiva acerca das ideias expressas por esta política, por mais que não totalmente expressa em suas obras. A influência dos Estados Unidos, ou de uma certa ideia dos Estados Unidos que o autor construiu, é frequente em seus livros. Ele elogia resoluções no passado colonial dos Estados Unidos da América, assim como seu processo de luta por independência e abolição da escravidão, “uma luta pela liberdade” (POMBO, 1925, p. 224). De toda forma, os Estados Unidos e a “solidariedade liberal” da doutrina Monroe não parecem ser os grandes e principais exemplos nas obras didáticas, mas são temas presentes dentro do contexto das Repúblicas do continente. As Repúblicas americanas, suas lutas por independência e a aproximação das nações no século XX são, para o autor, a grande lição da história para o futuro (POMBO, 1925). A solidariedade presente nesses processos históricos nos países americanos funciona como lição, o caminho para Rocha Pombo que o Brasil e o continente deveriam seguir, rumo à “civilização”.

De acordo com Westphal (2008), o conceito de solidariedade, nos finais do século XIX e no século XX, tem talvez seu maior expoente em suas percepções e representações “subversivas”. O conceito, quando tomado por grupos subalternos²⁷, é inserido nas relações de classe, se tornando solidariedade de classe, entre os oprimidos por um sistema de dominação. A representação em sua vertente anarquista e socialista leva em conta também influências cristãs de colaboração com o próximo e de fraternidade. Nesta vertente, os sujeitos explorados e privados de direitos e liberdade criam laços íntimos para superação das mazelas (WESTPHAL, 2008).

Após 1860, a Primeira Internacional Comunista e os acontecimentos da Comuna de Paris, fizeram a solidariedade de classe, entre subalternos, se tornar essencial para a articulação de programas políticos dessas classes e para suas teorizações políticas, filosóficas e econômicas, como demonstra Marx em sua presença na Internacional Comunista, na qual defende que a solidariedade é “a conexão social dos indivíduos” (WESTPHAL, 2008). Westphal (2008)

²⁷ Grupos subalternos aqui são atrelados à classe social conforme Gramsci os relacionava, as classes exploradas pelo sistema capitalista são, subalternizadas socialmente (GALASTRI, 2014)

afirma que o conceito é utilizado como uma forma de luta e combate, se posicionando dialeticamente com a individualidade das classes abastadas, sendo assim componente do projeto político que visava superar a sociedade de classes e o regime capitalista. O movimento anarquista, importante e influente no século XIX e início do século XX, é um dos principais expoentes do sentido de solidariedade entre os movimentos subversivos. Os intelectuais Proudhon, Bakunin e Kropotkin tomavam a solidariedade como método fundamental para a modificação da sociedade, superando Estado e classes, sendo assim uma ação prática de mudança social (WESTPHAL, 2008). A solidariedade anarquista estava ligada ao indivíduo como presença coletiva e se tornava a forma de organização e coesão social das pessoas no mundo (WESTPHAL, 2008). Essa percepção da solidariedade, em Kropotkin principalmente, é pensada como noção moral dos indivíduos, presente no ser humano desde o início dos tempos e sendo sistematizada em projetos políticos pela evolução natural da sociedade (WESTPHAL, 2008). A solidariedade anarquista parte dessa posição moral dos indivíduos na sociedade enquanto coletivo, algo natural e que levava a mudanças sociais empregadas pelas classes subalternas que desejavam a revolução.

A solidariedade anarquista e o movimento anarquista como um todo são importantes para o contexto brasileiro de finais do século XIX e inícios do XX, pois era o movimento político de contestação com maior capilaridade no território (HARDMAN, 1983). O anarcosindicalismo organizava a, ainda em gestação, classe operária brasileira, com táticas de greves e passeatas que reivindicavam mudanças sociais e direitos. Para além das classes operárias, o pensamento anarquista/subversivo também compunha as ideias de intelectuais do início da república. O movimento de literatura simbolista, crítico à modernidade capitalista, marcado pela frustração do contexto, era composto por escritores que flertavam com as ideias anarquistas, com futuros teleológicos de sociedades utópicas presentes nas suas obras (QUELUZ, 1994). Além da existência e distribuição de periódicos, folhetos e outras formas de prática política anarquista, existiu a tentativa mais “institucional” a ser efetivada no país, a já citada Universidade do Povo. Essas práticas políticas, produções de obras, greves, projetos educacionais de vertente subversiva/anarquista tinham como horizonte uma mudança de sociedade e um caminho diferente para o Brasil, que passava pela solidariedade entre as pessoas. Dessa forma, as ideias anarquistas impactaram diretamente as políticas públicas do

país, seja em reação a elas ou por pressão dessas práticas, sendo essencial compreender a sua influência em grupos sociais, nas ideias e nas práticas políticas do período (HARDMAN, 1983).

3.3 A solidariedade nas obras dos intelectuais da primeira república

Os ambientes frequentados pelos intelectuais nos anos iniciais da República brasileira foram locais de fomento de debates e construção de perspectivas distintas para os caminhos possíveis que o país poderia seguir. Nesse sentido, a história do continente ganhou notoriedade e papel essencial, pois a busca por exemplos foi direcionada ao passado das nações vizinhas, sejam nas repúblicas sul-americanas ou nos EUA (BAGGIO, 1998). Baggio (1998) estuda as relações que os intelectuais republicanos buscaram construir com as nações vizinhas, após a mudança de regime político no Brasil. Ao tratar sobre essas relações, os debates que existiam no período aparecem e mesmo que não seja um aspecto essencial do trabalho, o conceito de solidariedade emerge nos discursos dos intelectuais que a autora analisou. Essa presença do conceito no debate é interessante para observar os sentidos que outros intelectuais, para além de Rocha Pombo, deram para a solidariedade.

A análise desenvolvida por Baggio (1998) permitiu observar os vários sentidos possíveis para o conceito no contexto de produção de Rocha Pombo, investigando como cada sentido estava atrelado a uma concepção e projeto político. Os projetos possíveis que intelectuais buscavam para o futuro brasileiro encontravam aporte nas outras Repúblicas que já eram “experientes”, se observava os “malefícios” e “benéficos” possíveis advindos do novo sistema político que estreava no Brasil. Segundo Baggio (1998), essa necessidade de conhecer e se aprofundar na história e políticas de outras nações foi acompanhada pela aproximação política entre os países, se buscavam “amizades” e laços políticos, econômicos e sociais. Essa perspectiva variou a partir da interpretação de cada grupo intelectual, devido à presença ameaçadora dos Estados Unidos no sul do continente²⁸ (BAGGIO, 1998).

Baggio (1998) observa que o intercâmbio de ideias e inspiração nas Repúblicas latinas por parte de alguns intelectuais brasileiros, como Manuel Bonfim e o próprio Rocha Pombo,

²⁸ A aproximação dos Estados Unidos em relação aos países latino-americanos sempre foi vista com desconfiança, principalmente no século XX, devido as diversas incursões imperialistas que o país praticou na região.

também influenciou o pensamento político e social do período. Essa proximidade ajudou a tentativa de “superar” ideários “conservadores”, principalmente entre intelectuais saudosos da monarquia (BAGGIO, 1998). Manuel Bonfim e Rocha Pombo já utilizavam de uma linguagem política e conceitos como imperialismo e solidariedade, próximos aos já explorados por intelectuais de outras regiões do continente, como José Martí, em Cuba, e José Carlos Mariátegui, no Peru (BAGGIO, 1998). Para tais autores esses conceitos tinham o sentido de cooperação entre as populações dos diferentes países e crítica à postura dos Estados Unidos em relação ao continente americano. Além disso, perspectivas que questionavam o darwinismo social, não criando problemas com a noção do Brasil ser um país “mestiço” e, assim, apostavam na educação para a superação das mazelas econômicas e sociais do continente também já existiam, como no caso de Rocha Pombo, João Ribeiro e Manuel Bonfim (BAGGIO, 1998).

Alguns intelectuais, por mais que fossem republicanos, questionavam a aproximação do Brasil com as repúblicas da América do Sul, defendendo a presença estadunidense pelo pan-americanismo, como era caso de Euclides da Cunha e Rui Barbosa (BAGGIO, 1998). Outros intelectuais republicanos não acreditavam em nenhuma solidariedade continental, como Eduardo Prado, autor da obra *A Ilusão Americana*. Já Oliveira Lima via como essencial à República ser próxima e solidária aos países da América Latina, que juntos deviam se opor ao Estados Unidos (BAGGIO, 1998).

Segundo Ângela de Castro Gomes (2010), o caso de Oliveira Viana é diferenciado, pois o intelectual não renegava a solidariedade, mas acreditava que o conceito de insolidariedade era o cerne da população brasileira. Em uma de suas principais obras, *Populações meridionais do Brasil* (1920), Oliveira Viana propunha a ideia de que o passado colonial brasileiro teria impossibilitado a criação de organizações, laços de solidariedade social, necessários a uma sociedade moderna (GOMES, 2010). Essa interpretação do Brasil e da população brasileira era uma antítese da leitura que Rocha Pombo havia feito acerca da nação, da população e da história. Oliveira Viana, assim como Rocha Pombo, estendia a história brasileira à população indígena no período colonial e inseria, a partir desse período, traços da população que seriam constituintes do povo e de sua história, criando influências na contemporaneidade. Nesse sentido, a insolidariedade, de Oliveira Viana, já seria algo presente nos indígenas e na população que habitou o território brasileiro no período colonial. Assim, se diferenciava de Rocha Pombo, que já observava a solidariedade e movimentos coletivos nesse período,

considerados essenciais para a constituição da população brasileira e das lições que a história teria o papel de construir. As análises dos autores também são diferentes em seus propósitos, pois, conforme Gomes (2010), Oliveira Viana buscava explicar de forma quase ontológica os problemas que o Brasil enfrentava e porque encontrava tamanha dificuldade para mudanças sociais drásticas. Já Rocha Pombo utilizava da história para exemplificar e traçar caminhos possíveis para o futuro da sociedade brasileira, utilizando de sua idealização da educação para repassar as “lições” da história.

As discussões do meio intelectual acerca da solidariedade entre os países, tendo a história como objeto central, culminaram no I Congresso de História das Américas, realizado em 1922 pelo IHGB, ano do centenário da independência do Brasil. Segundo Jose Lucio Nascimento Júnior (2018), além das comemorações do centenário e da exposição do Brasil e da sua modernização, focalizada na cidade do Rio de Janeiro, para o mundo, o congresso se propunha a estreitar laços entre os países, assim como suas redes intelectuais. Ao final do congresso foram propostas pelos intelectuais “formas” historiográficas para produção da história do continente, buscando estes se afastarem da ideia de construir a história das Américas aos moldes da europeia (JUNIOR, 2018). A historiografia da América deveria buscar passados comuns nos países do continente, incluindo as mazelas da colonização, sem as transformar em “vitimização”, bem como destacar as particularidades de cada nação americana (JUNIOR, 2018). Essa construção da memória coletiva e da narrativa a ser seguida demonstrou a vertente de integração pan-americanista como a de maior força entre os intelectuais. De acordo com Junior (2018) o evento foi dividido em temas e falas dos intelectuais convidados, os momentos “narrativos” foram mesclados na história de cada país do continente, com seu período colonial e de independência, já que o congresso delimitou a forma de produção da história até o século XIX. A solidariedade foi apresentada pelo evento em si, que buscava construir laços e por meio das falas, na construção de narrativas de passados em comum dos países, para estreitar os laços (JUNIOR, 2018). A história era uma das formas de integração dessas nações e de onde era retirado o sentido de solidariedade, pelas experiências comuns, além da própria exemplificação do conceito no passado do continente, sendo citados momentos em que a solidariedade foi posta em prática.

Rocha Pombo não foi um dos convidados para falar no evento, apesar de citado no Congresso como um historiador importante do período republicano. É interessante notar essa

ausência pois, por ser autor da primeira obra de história das Américas no Brasil (antes de produções do IHGB), e ter artigos semanais no jornal *Correio da Manhã* sobre a história e acontecimentos políticos no continente, Rocha Pombo poderia ser considerado especialista na história do continente. De toda forma, mesmo com sua ausência notamos influências dos trabalhos e das perspectivas da história de Rocha Pombo nas falas e na organização do evento. O foco na solidariedade entre os países, que possuiriam uma história com passados em comum, buscava construir uma modernização do continente, ou seja, os caminhos possíveis, assim como o passado, poderiam ter proximidades. Assim, mesmo que ausente no Congresso, Rocha Pombo pode ter influenciado, a partir de suas obras, o pensamento e forma de escrever a história balizado pelos intelectuais do IHGB que organizaram o evento em 1922. Isso pelo fato das ideias serem muito próximas das perspectivas que Rocha Pombo defendia em seus livros, principalmente em *História das Américas* (1900). Dessa forma, desejavam partir de uma narrativa harmoniosa da história, pois os conflitos podiam incitar revoltas e revoluções, algo que Rocha Pombo não acreditava. Para o autor esses momentos eram os de luta coletiva contra os inimigos da liberdade, o combate contra os opressores era uma luta da solidariedade “sem entregar-nos aos extremos de uma política de guerra, nem mesmo de “preveção systematca” (tanto menos própria da América quanto contraria o espírito de fraternidade e de cosmopolitismo dos americanos)” (POMBO, 1925, p. XIII). Rocha Pombo também prezava pela harmonia e não desejava conflitos em sua contemporaneidade, mas não negava o passado conflituoso e violento do Brasil e das nações vizinhas, expondo sempre esses conflitos e os grupos que neles estavam inseridos, sendo muitas vezes elogiados e vistos como exemplo, como nos casos de resistências indígenas:

Os povos antigos do Perú e do Mexico achavam-se num grau de civilização que era susceptível de modificar-se, mas bastante resistente para não desaparecer de todo na civilização a que se ia incorporar. Na America oriental dava-se o contrario: o índio submetia-se ou era eliminado. Algumas tribos escapavam ao dilema tremendo embrenhando-se nos sertões (POMBO, 1928. p. 211).

Desse modo, é possível aproximar as discussões no Congresso acerca da escrita da história do continente americano, com o que Rocha Pombo havia construído em suas obras de história da América e do Brasil. Assim, o conceito de solidariedade era debatido e estava presente no imaginário social do período e nos discursos, sejam a favor ou contra, sejam críticos a perspectiva da solidariedade entre populações ou não. Portanto, os intelectuais inseriam essas

ideias em seus textos e ações públicas, pensando a solidariedade continental ou nacional, nos quais a educação tinha um papel central. A solidariedade ou a falta dela era constituinte da ideia de modernização da civilização brasileira. Essas duas perspectivas diferentes buscavam a construção de nação, que passava pela utilização da história como ferramenta de exemplo e possibilidades a serem traçadas para o futuro “moderno” almejado.

3.4 Solidariedade na história, lição e civilização

As concepções da solidariedade em Rocha Pombo sempre se relacionavam com a história e o contexto do continente americano. A forte relação entre a função da história como lição para o futuro do Brasil e da América e o conceito de solidariedade direcionavam muitas vezes seus escritos. Rocha Pombo buscava se utilizar de exemplos e fazer de exemplos “positivos” acontecimentos que se aproximavam de seu entendimento de solidariedade, fossem batalhas, revoltas, independências ou as próprias ideias de figuras históricas do continente.

3.5 Textos em periódicos

Rocha pombo sempre produziu textos para periódicos, esta foi sua primeira atuação intelectual e política. Fundou jornais no interior do Paraná, na capital da província e depois escreveu em grandes periódicos da capital da República, como o Correio da Manhã. As falas políticas e históricas expressavam nos artigos suas proposições de possibilidades para a província e para a nação. Como era proprietário dos jornais em Morretes, tinha maior autoridade sobre todo o processo editorial do periódico e o que seria ou não publicado. Já no Correio da Manhã era responsável por artigos semanais ou quinzenais. Os artigos e matérias selecionados, entre os anos de 1900 a 1909, abordavam assuntos específicos, que aparentemente eram sempre selecionados para sua autoria, devido ao seu conhecimento acerca dos temas. Os artigos do Correio da Manhã eram baseados em momentos históricos sobre figuras americanas, sobre educação e matérias sobre acontecimentos da política externa do continente, além de resenhas de obras lançadas no período.

Em relação à educação Rocha Pombo publicou matérias importantes onde expressou alguns aspectos de seu direcionamento à importância dada à educação. No texto “O projeto de

universidade”, de 1903²⁹, criticou a implementação, naquele momento, de uma universidade na capital da República, que preteriria os outros níveis de educação que necessitavam de maior suporte, pois eram considerados a base para a formação da nacionalidade. Outro texto “Uma questão interessante”, ainda de 1903³⁰, tratava do ensino de línguas nas escolas. Rocha Pombo teceu críticas a quem queria um português “puro” sem palavras aborígenes e estrangeiras. Esse aspecto é interessante, pois relaciona-se ao sentido de integralização e comunidade que a educação deveria ter para o autor. Dois artigos sobre livros didáticos também foram elaborados, mas não no sentido de análise e sim de informação, pois eram livros de sua autoria. No texto “Lançamento de História das Américas para o primário”, de 1903³¹, explana sobre a nova versão de seu primeiro livro didático, e em “Uma questão didática”, também de 1903³² explicou sobre as mudanças na obra de História das Américas para o primário, que seria um resumo com algumas mudanças de linguagem.

As questões políticas também foram caras a Rocha Pombo, presentes em seus livros didáticos e, principalmente, nos seus escritos em periódicos. Nos textos do Correio da Manhã é possível identificar as convicções e perspectivas políticas de Rocha Pombo. Em “Vitoria certa”, de 1903³³, defendia a igualdade de gênero ao argumentar que a jurista Myrthes de Campos era competente e uma grande jurista, afirmava que a hierarquia de forças era sempre um erro:

Por mim, digo-o francamente – mesmo em these, sou pela igualdade absoluta de direitos para os dois sexos, não compreendo como seja em nome da paz dos lares, da harmonia domestica, dos altos interesses da família que se combate, por exemplo, a intervenção da mulher na politica. [...] que eu saiba – a verdadeira conciliação nunca se fez no mundo sinão entre dois fortes. Ninguém dirá que seja acordo o que se da entre um que manda e outro que obedece. A história toda é uma demonstração eloquente desta these. Mesmo entre as classes sociaes, entre governantes e governados, se verifica a exaetidão do principio de que um forte e um fraco jamais se conciliaram. E

²⁹http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20Pombo%22&pagfis=3177 acesso em: 09/12/21.

³⁰http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&PagFis=3177&Pesq=%22Rocha%20pomb o%22 acesso em: 09/12/21.

³¹http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3177 acesso em: 09/12/21.

³²http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3669 acesso em: 09/12/21.

³³http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3859 acesso em: 09/12/21.

como é que se tem imposto até hoje todas as tyrantias, sinão como abuso dos fortes quando sabem que os fracos são incapazs de protesto e reação?³⁴

Esses posicionamentos político-sociais são essenciais para o pensamento do intelectual, pois eram componentes de suas obras didáticas e de sua escrita da história. Nesse sentido, dois artigos que trataram sobre o movimento operário e, de certa forma, do movimento anarquista chamam a atenção. No texto “A Grevé”, de 1903³⁵, Rocha Pombo, em uma posição difícil em relação aos aspectos políticos internos ao país, defendia que:

Dizem que a greve não está acabada e que nem tão cedo a greve acabará. A alguns, mais impressionáveis ou mais utopistas, quer até parecer que o protesto passivo dos homens do trabalho é uma repercussão do estado geral dos ânimos em todo o paiz; que a greve, portanto, não é movimento ou atitude de uma classe, ou de classes aliadas e solidarias na mesma dor, mas que é antes um symptoma da miséria que lavra e à qual talvez já não haja classe que não esteja pagando o seu tributo.³⁶

Assim, devido ao desejo de defender o regime republicano e rebater críticas afirmava que “Miseria, portanto, num paiz tão estranho, é ilusão de visionários. Demais: isso de fome é coisa muito controvertida e duvidosa: é coisa que há e ao mesmo tempo não há”³⁷. Assim, parece tomar os sentidos libertários e anarquistas, como apresentado no outro trecho, somente como função social, mas sem buscar romper com a ordem estabelecida, defendendo o aparato político republicano. Essa simpatia pelos ideais anarquistas, mas sem a perspectiva de ruptura política brusca também era demonstrada no texto “Expulsão de estrangeiros”, de 1903³⁸, quando criticou a lei anti-imigrantes e expôs seu pensamento utópico de um mundo sem fronteiras, para o qual estaria caminhando. Aqui Rocha Pombo defendia anarquistas:

E que necessidade tem o governo de leis de exceção contra estrangeiros? Porventura, dentro do direito penal comum não tem as autoridades os meios suficientes de manter a ordem, quaisquer que sejam as emergências que as surpreendam? [...] Creio que há de haver no congresso quem tenha ouvido

³⁴ Rocha Pombo, Vitoria certa - Ano 1903\Edição 00706.

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3859 Acesso em: 09/12/2021.

³⁵http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=4491 Acesso em: 09/12/2021.

³⁶ Rocha Pombo, A Grevé - Ano 1903\Edição 00811.

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=4491 Acesso em: 09/12/2021.

³⁷ Rocha Pombo, A Grevé - Ano 1903\Edição 00811.

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=4491 Acesso em: 09/12/2021.

³⁸http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&PagFis=4491&Pesq=%22Rocha%20pomb o%22 Acesso em: 09/12/2021.

falar, ao menos uma vez na vida, de uns certos sujeitos, dos taes perigosos, que se chamam Elise Reclus, Kropotkine, Novicow, Hamon, Tolstoi... Pois o que a camara já fez com o projecto n. 317. A e o senado vai talvez em vésperas de fazer (si ali os direitos humanos encontrarem o mesmo deserto de almas do outro ramo da legislatura) não foi menos do que prevenir a esses sujeitos perigosos, que não se resignam com a ordem de coisas actual, de que se vierem algum dia ao Brasil tenham muito cuidado si quiserem dirigir uma palavra de esperança e de conforto as classes proletárias³⁹.

Dessa forma, defende o direito desses sujeitos políticos atuarem e estarem no meio dos trabalhadores, além da defesa da greve dos trabalhadores, utilizando de exemplo o caso da Argentina, onde uma medida parecida provocou a solidariedade entre operários contra as expulsões de trabalhadores. Assim, os textos indicam como esse debate político relacionado aos “subversivos” eram proposições importantes em sua atuação intelectual, o que acabava perpassando a leitura histórica construída e apresentada em seus livros didáticos.

Os principais artigos de Rocha Pombo e os de maior frequência eram direcionados à América Latina, sua história e a política externa do continente americano. Nesses textos a solidariedade era mais frequente e tinha maior relevância que nos outros, assim como nas obras didáticas de história do Brasil e da América, parte da estrutura central dos textos. Alguns artigos que tratavam da política externa à época de Rocha Pombo, abordavam sobre os problemas geopolíticos e as possibilidades e tensões do continente. Temos como exemplo os artigos “Queremos viver”⁴⁰, “E que faremos nos?”⁴¹, “A reuncia do sindicato”⁴² e “Assim fosse tempo”, todos de 1903⁴³, que trataram dos embates políticos entre Brasil e Bolívia, nos quais o autor parecia estar encarregado pelo jornal de discutir a política americana como um todo. A perspectiva que foi adotada nesses textos pelo autor era a de sua prática costumeira, a qual solicitava aos governantes e ministros que tudo fosse resolvido de maneira pacífica e diplomática, mantendo laços, mas ao mesmo tempo não deixava espaços abertos para que o Brasil saísse no “prejuízo”. Isso demonstra que, após sua inserção no meio intelectual carioca

³⁹ Rocha Pombo, Expulsão de estrangeiros - Ano 1903\Edição 00819.

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&PagFis=4491&Pesq=%22Rocha%20pombo%22 Acesso em: 09/12/2021.

⁴⁰http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&PagFis=4535&Pesq=%22Rocha%20pomb%22. Acesso em 09/12/2021.

⁴¹http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3393. Acesso em: 09/12/2021.

⁴²http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3415. Acesso em: 09/12/2021.

⁴³http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=4323. Acesso em: 09/12/2021.

e a publicação de seu livro didático *História das Américas*, Rocha Pombo se tornou uma autoridade no assunto.

Os outros artigos publicados no *Correio da Manhã*, entre 1900 e 1909, demonstram também como Rocha Pombo era um dos intelectuais que dominava e tinha grande espaço para dissertar sobre a história das Américas. Os escritos sobre os heróis americanos, como Simon Bolívar, San Martín, Toussaint Louverture e George Washington eram carregados de lições nas contextualizações históricas que o autor apresentava antes de analisar as figuras e seu exemplo para a contemporaneidade. Essa forma de escrita pode ser observada no artigo sobre Simon Bolívar, de 1903:

Por que não podemos tratar a historia como tratamos a biografia dos heróis? E si quiséssemos agora partir o primeiro motivo de ordem psychologica, e mesmo de ordem social, de que nos decorre a interrogativa, teríamos de começar por estabelecer a utilidade da própria historia. Frequentemente falamos dela como sendo a mestra das nações. [...] Mestra, sim... mas é preciso que lhe entendamos as lições. E n'algum outro sentido certamente que a história se faz mestra fecunda e generosa. E seja como for nós é que lhe havemos de dar esta grande função – de induzir, de comover, de educar, pelos exemplos, pelos belos lances, por tudo, em summa, que ella tem de augusto e admirável.⁴⁴

E assim, falando sobre o próprio Bolívar e suas experiências

Com a sua larga visão, Tentou antecipar o futuro pretendendo constituir de todas as antigas colônias da America occidental uma só e imensa República. Foi esse o grandioso pensamento, o bello sonho de que passára a viver cessado o ruído dos combates. Elle entendia que, normalizadas na sua vida por uma escrupulosa segurança da ordem interna, só muito unidas, tendo muito forte o sentimento do destino e muito vivo o espirito de solidariedade continental – é que poderiam as antigas colônias manter a sua independência e fazer da America o nexo entre os dois mundo, a verdadeira terra da medeação entre o oriente e o occidente, na phase de Ed. Quinet.⁴⁵

A lição histórica é essencial para o continente e essas figuras são necessárias para exemplificar lutas que pensaram as possibilidades de futuro dos países e suas relações, como também é demonstrado no texto sobre Toussaint Louverture, de 1903:

44

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3215 Acesso em: 02/03/2022.

⁴⁵ Rocha Pombo, Simon Bolívar - Ano 1903\Edição 00595.

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3215. Acesso em: 09/12/2021.

E o que me parece que se dá com certos typos da nossa historia continental; typos que não podem morrer nunca, que devem andar sempre flagrantes na nossa memoria de povo, porque o influxo que deles nos vem é salutar e fecundo. Sim: pois essas figuras extraordinárias, como Washington, San Martin, Bolivar, Paez, Benito Juarez, Morelos, Guerrero – são exatamente os padrões do nosso espirito e fizeram toda a orientação da nossa vida política e social: esquecer esses vultos seria nada menos do que perder o nexo da integração histórica nesta parte do planeta. [...] Além desses, temos outros de menor vulto, mas tão afirmativos como esses mesmos; porque todos nos põe num destaque muito vivo e edificante a atitude do espirito americano ante o despotismo feudal, para aqui transplantado durante todo o período das colônias.⁴⁶

As lições históricas dos atos e vontades políticas e sociais desses libertadores passavam também pelo conceito de solidariedade, estando presentes nos artigos do periódico, engajando a ação dos heróis e o exemplo para o continente. No texto sobre San Martin, de 1903, Rocha Pombo exemplifica

Quem estuda com calma a revolução libertadora – o período épico da historia do novo mundo – reconheço logo que, si com o heroísmo e o espirito de solidariedade dos patriotas, tivessem concorrido naqueles tempos o esforço e o valimento de grandes estadistas, é mais do que provável que hoje seria muito outra a physionomia politica do continente.⁴⁷

Esses aspectos ajudam a identificar como as facetas políticas incluídas por Rocha Pombo na sua escrita dos artigos também estavam presentes em seus livros didáticos, sua história escolar. A solidariedade era central em sua abordagem da história, tendo como pano de fundo a lição histórica, pois a solidariedade teria existido em momentos chave de mudanças políticas e precisava, então, estar no horizonte do continente americano. Assim, estaria na história do continente e precisava, para o autor, ser colocada em prática, para então o sucesso político e social das nações americanas se realizar.

A lição histórica não era tratada pelo autor apenas no sentido positivo, os contrastes de raça e classe presentes no Brasil eram observados nesse passado despótico controlado pelos europeus:

Mas as colônias americanas se erguiam de três séculos do mais absurdo e odioso dos despotismos e os heroes da independência vinham do sofrimento

⁴⁶ Rocha Pombo, Toussaint Louverture - Ano 1903\Edição 00633
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3433. Acesso em 09/12/2021.

⁴⁷ Rocha Pombo, San Martin - Ano 1903\Edição 00647.
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3509 Acesso em: 09/12/2021.

e de todos os horrores daquele bárbaro regime. De sorte que educados na violência, na iniquidade, em todos os excessos do egoísmo e da intolerância e sobretudo nos ressentimentos que deixam sempre os contrastes de classes ou de raças – eles so tiveram vibrante a obsessão do seu infortúrio, como o escravo que haure das próprias angústias a coragem com que rompe as cadeias.⁴⁸

Essa leitura dialética de Rocha Pombo depositava toda reação violenta e revolucionária como resposta ao despotismo europeu, que partia da vontade de liberdade americana. Assim, seguia com as leituras elogiosas dos heróis e suas tentativas de mudanças nas nações, que qualificavam suas ações. Ao mesmo tempo observava como as situações sempre degradantes e violentas vividas no continente não permitiram determinadas formas e rupturas políticas durante as revoluções ou mesmo durante a contemporaneidade de Rocha Pombo, devido às sequelas deixadas pelo passado. Contudo, o aspecto da solidariedade entre os povos continuaria, pois a pátria era todo o continente, uma vez que onde existisse agente do despotismo, estariam ali os americanos para lutar contra.

Nesse sentido, podemos verificar a importância da solidariedade nos artigos do *Correio da Manhã* e como o conceito estava articulado a um uso da narrativa histórica pelo autor. Essa mesma articulação do conceito estava presente nos livros didáticos de história do Brasil e da América, como veremos a seguir. Percebe-se o papel da história como portadora de uma lição, que continha exemplos importantes para a organização futura das nações americanas, marcada por um passado violento, mas com heróis que lideraram populações e, com vínculos de solidariedade, almejaram lutar contra o que o autor compreende como despotismo violento, criando, assim, um laço comum nos países do continente. Os artigos trazem as posições e concepções políticas que influenciaram o significado da solidariedade em suas obras. Os casos que trataram das greves no Brasil e da jurista Myrthes de Campos demonstram como era importante para Rocha Pombo um posicionamento crítico e contra as injustiças. No caso das matérias sobre as greves no Brasil também pode-se observar os paralelos que o autor faz entre o Brasil e os países vizinhos, observando situações similares e as comparando, pensando em resoluções e possibilidades de superação. Esse aspecto aparece de modo semelhante nas obras didáticas de história do Brasil e da América, quando o autor constrói laços entre os passados do Brasil e dos países americanos, inserindo a história do Brasil (apesar da colonização portuguesa)

⁴⁸ Ibid.

na história da América. Essa inserção do passado brasileiro ao do resto do continente é essencial, pois os exemplos de solidariedade na história seriam parecidos para todos os países americanos. Da mesma forma, a violência e mazelas, que foram comuns a todos países, criando o sentimento de uma solidariedade advinda dos traumas compartilhados pelas nações.

3.6 Solidariedade nos livros didáticos

As três obras didáticas de Rocha Pombo, como produtos históricos, são frutos de seu contexto e das influências sofridas por ele em seu percurso intelectual. Nesse sentido, além da importância dos projetos educacionais do início da República, o crescimento do mercado editorial e a expansão da educação pública, compreender as concepções políticas pessoais dos professores/autores é essencial para analisar os livros didáticos.

3.6.1 Solidariedade no livro História das Américas

A história do continente americano no Brasil sempre esteve presente em debates importantes sobre a nação brasileira, se pensavam a forma de construção de suas relações exteriores e o seu lugar no continente. A solidariedade e suas concepções, como o pan-americanismo, eram postas em prática na política externa, assim como na escrita da história. É relevante considerar que o livro de história das Américas de Rocha Pombo foi o primeiro a ser publicado sobre esse tema no Brasil, assim como foi o primeiro livro didático do autor, pois uma obra inaugural de um autor e de um tema podem implicar na forma como o conteúdo foi abordado no livro, já que não existiam exemplos nem fontes anteriores para se comparar e inspirar. O livro de Rocha Pombo é carregado de um modo de escrita próprio do autor e de suas opiniões políticas. Além disso, parece existir uma liberdade maior para Rocha Pombo inserir na obra sua perspectiva da história e a importância dela para a construção de laços entre países americanos e laços entre as pessoas. Essa solidariedade encontrada em Rocha Pombo se relaciona com o que seria proposto alguns anos depois, como modelo para a escrita da história, passados (violentos) em comum, laços solidários entre as populações do continente e líderes fundamentais que se preocupavam com todo o continente.

As publicações nos periódicos se relacionavam ao seu livro didático de história das Américas, pois ao publicar a primeira obra sobre o tema no Brasil, Rocha Pombo se tornava um especialista. A autoridade para falar sobre o assunto no *Correio da Manhã* reafirma também que a sua historiografia tinha importância e um papel no meio intelectual, apesar das críticas que recebeu ao longo de sua vida, devido à sua produção. Seus textos no *Correio da Manhã* seguiram o que o autor apresentou em sua obra inaugural, uma história da América partilhada pelos países do continente, heróis em comum ou com o mesmo arquétipo, e a solidariedade como aspecto essencial para a construção da narrativa histórica e um futuro moderno e civilizado. Assim como os periódicos, verificamos como o *Compêndio de História das Américas* foi construindo para pensar as ideias políticas contemporâneas ao autor e como a história detinha lições importantes para as mudanças sociais. No caso dos livros didáticos, seu aspecto educacional ganha ainda maior notoriedade, pois foi diretamente relacionado à educação da população brasileira, quem Rocha Pombo mais se preocupou em atingir.

O Brasil nas obras de Rocha Pombo, apesar de ter uma história própria com características específicas (como o período Imperial) não era visto como um estranho no continente americano, integrava a história da América. Isso teria sido demonstrado nas diversas participações do Brasil no livro de História das Américas, com capítulos específicos e papel importante nas relações externas. O mesmo também foi observado na História do Brasil a qual o país era sempre inserido em contextos continentais. As histórias do continente e do Brasil, se tornavam próximas, apesar das diferenças, pois compartilhavam mazelas passadas e desafios futuros em comum, assim como partilhavam vitórias e possibilidades no horizonte que Rocha Pombo traçava.

Essas relações acabavam por serem próximas em razão da solidariedade que existiria entre os povos do continente americano, sempre em conflito contra o “autoritarismo” dos “antagonistas” desses períodos (dirigentes coloniais, e membros do Estado Imperial), ou seja, marcando a noção do brasileiro e do americano solidário e avesso às injustiças e autoritarismos, prontos para se revoltarem, como observamos no trecho que trata do tema sobre a colonização na obra *História das Américas* (1925):

[...] Se gerou, entre os povos das colônias e os das metrópoles, essa rivalidade que em breve se converteu em profunda aversão, determinando a directriz que tomaram os americanos na phase de sua existência subsequente ao período colonial.

[...] Para manter semelhante estado de coisas foi necessário que os governos não se descuidassem de conservar os povos das colônias numa ignorância completa. [...] Imagine-se agora a situação em que se viam os povos americanos, esmagados sob este regimen de compressão ed e iniquidades, entre o orgulho do europeu e a ganancia incontinente dos governos. E’ deste regimen que vai sahir a revolução contra as metrópoles, desesperada como todas as revoltas contra a opressão (POMBO, 1925, p. 218).

O autoritarismo, devido à exclusão e à inferiorização das populações americanas, por parte de colonos ou conquistadores, atrapalhava a solidariedade já existente entre os indígenas, assim como criava a vontade de contestação revolucionária. O levantar contra as “injustiças” nos períodos coloniais (e durante o Império no Brasil) levaria ao “sentimento geral de fraternidade, de união nas Américas” (POMBO, 1925, p. 225), que encaminharia as populações para suas repúblicas e abriria possibilidades para o futuro.

A solidariedade expressa nas obras, nesse sentido, se tornava uma mistura das influências que permearam a trajetória e contexto intelectual do período de vida de Rocha Pombo. O significado dado ao conceito quando relacionado aos indivíduos que se expressam em coletivos e movimentos de questionamentos, a solidariedade moral, de alma (POMBO, 1925) é muito mais próxima do pensamento anarquista, com a solidariedade como uma forma de crítica à sociedade moderna, que não prezava pelas relações dos indivíduos e de sua coletividade como força do grupo. As obras didáticas e literárias de Rocha Pombo levam em conta esse tipo de relação solidária, essencial para a construção da civilização no futuro, como escreve Rocha Pombo na introdução da *História das Américas* (1925):

[...]o que a historia nos aconselha é que, ao mesmo tempo que abrimos os braços fraternalente para receber todos os povos do mundo, cultivemos e desenvolvamos, com o espirito da pátria, a grande **idéa americana** – isto é – o estímulo que dirige todo um conjunto de povos, irmãos pela solidariedade do destino, para a ampla vida nova, que recebe da história o que o passado fez de grande, e funda no amor e na justiça, no dever e no direito, que constituem a plenitude da existência moral, o desenvolvimento desse augusto patrimonio. (POMBO, 1925, p. XIII).

A solidariedade entre nações, como sentido de ajuda mutua na América parece ter influência das políticas estadunidenses da doutrina Monroe, mas, mesmo nesse caso, em consonância com a solidariedade anarquista. A solidariedade entre os países no continente americano não se baseava apenas em um país influenciando a região, “auxiliando”, mas sim em um continente coeso e com solidariedade entre si, assim como entre as pessoas nos países destacado no texto:

E isso, é bem claro, só conseguiremos pregando a união de todas as nacionalidades americanas, afirmando perante o mundo a nossa aliança geral, cimentada na consciência da nossa missão conciliadora: e, portanto, começando por ensinar nas escolas, nos clubes, nas associações, nas nossas festas cívicas [...] (POMBO, 1925, p. XIII).

Além de não ser apenas uma solidariedade de ajuda, de auxílio, essa solidariedade entre nações presente na obra é uma forma do continente se tornar centro do mundo futuro. O caminho para a civilização não é referido apenas em relação à sociedade brasileira, mas como uma caminhada de toda a civilização, na qual a América, pelo exemplo de sua história, é o modelo e futuro para o mundo que, segundo Rocha Pombo:

[...] a historia da nossa grande America, mais bela, mais edificante do que parece aos que lhe desconhecem os nobres lances, e aos que não reflectem na grandiosa figura que ella tem de representar no vasto scenario do mundo.

Esse sentimento da união americana há de dar-nos mesmo uma feição nova ao nosso civismo, ao nosso amor a liberdade, ao nosso espirito de pátria – apanágios das democracias que aqui se levantam. (POMBO, 1925, p. XIV).

Dessa forma, a solidariedade no livro didático se incorpora como elemento fundamental para a escrita da história de Rocha Pombo. A história tem uma função “como lição” (POMBO, 1925, p. XVI), e essa função de lição é norteadada pela solidariedade nos momentos fundamentais para a construção do continente americano e da nação brasileira, para o autor. Essa posição fundamental do conceito na escrita da história do autor influencia e configura, a partir dela, seu projeto educacional, e assim, seu projeto de nação.

Rocha Pombo como autor e professor de história, com produção que chegava ao ensino primário, secundário e normal e com a sua concepção da história, influenciou as noções sociais de formação de diversos cidadãos brasileiros à época. Nesse sentido, a sua historiografia, que é reeditada até a década de 50, integra sua visão de civilização, parte de projetos em disputa nos anos iniciais da República.

As observações de possibilidades para a “civilização” feitas por Rocha Pombo em sua produção seguem a sua posição como crítico da modernidade (QUELUZ, 1994). A busca por lições no passado do continente é justamente para utilização prática no contexto da primeira República. O papel da América e do Brasil para o futuro é estabelecido pelos exemplos de solidariedade que o autor destacou em momentos de contestação de alguma ordem vigente, esse ponto também colocado em contraposição à Europa, que desde o século XVI era “cansada, antiga e egoísta” (POMBO, 1925, p. 59).

3.6.2 Solidariedade nos livros *História do Brasil*

Os livros didáticos de história do Brasil possuem particularidades. Foram livros que integraram uma coleção encomendada pela editora Melhoramentos, mas as edições aqui utilizadas na pesquisa são de anos posteriores à 1ª edição, em razão da dificuldade de localizar as primeiras edições disponibilizadas online. Os próprios conteúdos das obras devem ser levados em conta, pois são marcadas por diferenças em relação à obra de história das Américas. O primeiro livro didático de Rocha Pombo, *Compêndio de história das Américas*, foi fruto de um concurso de uma instituição pública, a Directoria Geral da Instrução Publica da Capital Federal, enquanto as obras de história do Brasil partem de uma iniciativa do setor privado para aumentar sua participação no mercado editorial que crescia a cada ano. Assim, podemos indagar que existiram influências e controles diferentes na produção das obras, o que acaba interferindo em algum grau na forma da escrita e como a produção é pensada. Nesse sentido, podemos dizer que as obras de história da América e do Brasil contém diferenças significativas, inclusive na utilização do conceito de solidariedade. O mesmo podemos afirmar para os dois livros analisados de história do Brasil, pois por serem para anos diferentes, apesar do mesmo tema, a narrativa construída é feita de forma diferente, na sua escrita a abordagem dos assuntos.

3.6.3 Solidariedade na história do Brasil para o secundário

A obra *História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas* (1925), inicia com uma contextualização do mundo no período das grandes navegações, escrevendo sobre o continente americano atribui a importância a região, observando que a América “salvou” o planeta, permitindo a continuidade da evolução do mundo, que se encontrava estagnado (POMBO, 1925 p. 7). A narrativa na obra é mais literária, o que se difere em relação à outra obra de história do Brasil aqui analisada.

A solidariedade neste livro já integra a narrativa, quando cita a população indígena que vivia no território brasileiro e seu aspecto comunitário, algo característico e essencial para essas populações. Essa característica é utilizada como um “anacronismo” de Rocha Pombo, ao comparar algumas práticas sociais indígenas com eleições da recém República brasileira, como se os líderes indígenas fossem eleitos da forma como acontecia na República (POMBO, 1925 p. 42). E que também, por esses valores solidários e comunitários, receberam bem os

portugueses, que responderam com violência e ódio, o que criou a reação violenta indígena, após os males da opressão que o europeu e a colonização trouxeram (POMBO, 1925 p. 43). Isso explicita como a colonização portuguesa e espanhola era considerada por Rocha Pombo como anti-solidária, sem planejamento de um estado futuro, observa-se na passagem:

enquanto ingleses na Virginia já faziam assembleia, na América Latina, populações dispersas, sem coesão social e sem outros intuítos além da ambição nada havia feito que revelasse o proposito de assentar logo os fundamentos do estado futuro (POMBO, 1925, p. 91).

Nessa obra o papel das “três raças” é marcado por uma crítica à forma como foi concretizada a relação entre o indígena, o africano e o europeu. O europeu trouxe mazelas e violência, tendo como consequência mais violência, sejam dos indígenas ou africanos. Assim, os exemplos de solidariedade viriam das lutas contra opressões, sejam as quilombolas ou as de indígenas, servindo também como exemplo de início de formação da nação brasileira.

A representação na obra *História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas* (1925) do momento fundador da “nacionalidade brasileira” pelas três raças é um bom exemplo. No texto três indivíduos, um indígena, um negro e o branco europeu representam um coletivo, em um momento de solidariedade mútua, um aceno para os rumos à civilização ainda durante o período colonial, como diz Rocha Pombo.

[...] A grande alma de Mathias de Albuquerque personificou, então, para brasileiros e portugueses, o espírito de pátria neste lado do atlântico: foi ele como que o primeiro grito da nacionalidade futura, gerada no sofrimento, a erguer-se da miséria colonial, fortalecida nas vicissitudes.

[...] E o que deu áquela guerra, que se vai travar, o caracter de uma verdadeira manifestação, forte e impressiva, do espírito novo que se creava na America, foi a aliança, naquele protesto, das três raças que contribuíram para a formação da pátria nascente. (POMBO, 1925, p. 116)

Nas análises do período colonial, como durante a invasão holandesa, o abandono da metrópole representada na coroa portuguesa teria levado a necessidade de união e fraternidade entre grupos de colonos distintos, solidariedade que criaria perspectivas novas no continente, que projetavam um futuro possível. A busca pelo “caminho para civilização” é essencial nas obras de Rocha Pombo, conforme afirma Pedro (2016, p. 71). Suas visões “utópicas da sociedade” necessitavam, assim, dos exemplos que a história brasileira teria.

A fraternidade da população com movimentos e pessoas que almejavam a “civilização” reforçam esses aspectos na sua narrativa. O exemplo da Revolução de

Pernambuco (POMBO, 1925, p. 188) e da Revolução Mineira (POMBO, 1925, p. 172) confirmam isso, pois na pernambucana o autor exalta o apoio populacional e na mineira denomina de “a causa da pátria futura”. Assim, todos os movimentos que fossem republicanos eram revolucionários e os que não tivessem essa ordem eram caracterizados como “desordem” (POMBO, 1925, p. 225). O livro conclui no pós proclamação da República a qual a solidariedade permanecia necessária para a continuidade das políticas rumo a civilização moderna à época, como expressa Rocha Pombo:

[...] não se esquecia o governo de ir, no interior procurando conciliar a opinião por uma política liberal e legitimamente republicana, e no exterior, consolidando as nossas relações de fraternidade com os povos americanos e de amistosa inteligência com todas as nações. (POMBO, 1925, p. 225).

Nesse sentido, a continuidade de uma política fraternal tanto internamente quanto externamente era o almejado para o período. Os momentos históricos consolidados como de “questionamentos” à ordem colonial e imperial, como os conflitos na invasão dos holandeses e a Revolução Mineira, eram momentos em que a solidariedade se apresentava como essencial e, dessa forma, uma lição da história. Nesse sentido, Rocha Pombo e sua escrita da história ajudam a consolidar esses momentos na história do Brasil como “criadores” da coletividade do povo brasileiro.

3.6.4 Solidariedade no curso superior

A obra *História do Brasil (curso superior)* (1956) inicia-se com a tentativa de aproximação da população indígena brasileira com a do resto do continente americano, trazendo essa integração entre os territórios antes da formação das nações modernas. A comparação é feita em muitos sentidos, na organização social (na qual Rocha Pombo é sempre muito elogioso à composição dos indígenas americanos), costumes, cultura e religião, procurando aproximar dos indígenas da região do México e Peru. Os indígenas dessas regiões, assim como no livro de história das Américas são muito elogiados, pois teriam formado muito antes da contemporaneidade “nações de cultura consideráveis” (POMBO, 1956 p. 25.). Ao relacionar com a história do Brasil, os indígenas brasileiros e de outras regiões sul americanas teriam “sorte” por “o tipo superior da raça indígena é o peruano”, os que para Rocha Pombo, deram origem as outras populações indígenas da região. Em seguida, Rocha Pombo demarca uma

diferença na sua escrita em relação às outras obras, por inserir o indígena brasileiro, mesmo que descendente desses povos, como “inferior”:

O nosso selvagem é um aimará decaído, e tendo já, nas vicissitudes da nomadia, perdido muita coisa da civilização matriz, mas conservando o suficiente para estabelecer-lhe a filiação [...] estes povos que se isolaram do Peru sofreram aqui um grande abaixamento de cultura, ou metamorfose regressiva: da qual, no entanto, os tupis, por esforço próprio, já se reerguiam vigorosamente (Rocha Pombo, 1956, p. 25).

Dessa forma, os Tupis seriam os mais próximos de outras populações do continente, tanto em cultura quanto em organização social. De toda forma, Rocha Pombo reforçava a importância das populações indígenas brasileiras, sem a qual o conquistador “nada teria feito aqui” e, além disso, resistiu e protestou contra a violência e “excesso de força” da conquista (POMBO, 1956, p. 35). Assim, essa luta conjunta contra a violência e o autoritarismo, assim como nos outros países da América, seria o lugar da solidariedade e seus exemplos históricos, pois assim “esta família humana tinha um largo fundo moral que a fazia apta para a plenitude da vida histórica” (POMBO, 1956 p. 35).

O conceito de solidariedade, como objeto da política e projeto de sociedade é um dos aspectos que Rocha Pombo levou para as obras de história do Brasil. A solidariedade está presente de modo central nos textos, com um escopo de solidariedade de ajuda mútua, de cooperação e de forma interna às pessoas. A violência e autoritarismo por parte dos europeus na conquista e na colonização foram os momentos que negaram a solidariedade, principalmente pelo modelo de donatarias, cheio de “desmandos” e “individualismo”. A solidariedade só volta a aparecer com os jesuítas, bem quistos por Rocha Pombo, que procuravam resolver uma questão na colonização: massacrar indígenas como nos Estados Unidos e trazer um problema futuro ou “se misturar” aos indígenas? Mas como fazer isso com “tamanho disparidade, profunda e extensa” entre as populações (POMBO, 1956 p. 78). Dessa forma, elogiava a solidariedade dos jesuítas, exposta na obra para o curso superior como algo do coração, da alma:

o que mais espanta, nem é mesmo a dedicação dos jesuítas ao encontrar-se com as misérias e desgraças da gentildade: o que mais impressiona e espanta é ver como se igualavam e se uniam aqueles homens, com tal espontaneidade de coração, com espírito sempre tão íntegro e tão perfeito da obra sagrada - que todos apreciam corpos de uma só alma (POMBO, 1956, p. 84).

O indivíduo seria a representação da coletividade solidária. A internalização desse “sentimento” solidário em cada um fez com que, para o autor, indignações sociais no passado histórico fossem levadas a cabo. Rocha Pombo demonstra na obra *História do Brasil (curso superior)* (1956), o caso da Conjuração Mineira, na qual cada uma das figuras possuía esse sentimento internalizado e o compartilhava com seus companheiros de movimento.

[...] É entre estes três homens que primeiro lampejou a ideia de fazer de Minas um Estado independente. Seria mais exato talvez dar como concebida pelos dois primeiros, ou por um deles, e afagada logo por ambos, essa ideia; pois o que se sabe é que Alvarenga Peixoto entrou na maquinação atraído por aqueles, já conspirados.

[...] Gonzaga e Cláudio eram amigos íntimos; viviam sempre juntos, lidando com os livros, compondo poemas, numa profunda e inalterável solidariedade de alma. A eles associava-se, com os mesmos fervores, o outro poeta, sempre que estava em Vila Rica (POMBO, 1956, p. 293)

É interessante pensar também na criação do imaginário que a República construiu acerca dos inconfidentes e, sobretudo de Tiradentes, que era praticamente um Jesus Cristo, e um Jesus jesuíta, com toda a vestimenta e simplicidade características. Nesse sentido, Rocha Pombo constrói representações dos sujeitos da Conjuração Mineira, que por viverem sob o ‘despotismo que oprimia’ na colônia, se uniram para conspirar contra a Coroa, buscando intercâmbios e troca de ideias e materiais de subversão, na Europa e Estados Unidos. Dos indivíduos também viria a transformação para o coletivo, pautado pela solidariedade, a união dos indivíduos em seus sentimentos de revoltas eram os aspectos essenciais para os momentos de “exemplo” para o futuro.

A solidariedade aparece em seus contraexemplos no livro *História do Brasil (curso superior)* (1956), principalmente no período colonial, e os momentos exemplares (sobretudo republicanos) traziam a solidariedade nos movimentos de contestação, como quando Rocha Pombo cita a Guerra dos Farrapos, “a tendência de repulsa a todo jugo aliou, numa solidariedade moral, que parecia mais forte que um vago nacionalismo a esboçar-se, as populações do Uruguai e da nossa província do extremo sul” (POMBO, 1956, p. 413). Nesse trecho também observamos a aproximação da população do Brasil com outras nações do continente americano, em uma solidariedade que ia além da nacionalidade, pois o conceito estava relacionado a uma moral, ao espírito e ao coração. Assim, os movimentos importantes de repulsa aos autoritarismos eram mobilizações que o autor relacionava ao movimento republicano. E o republicanismo, a luta contra o autoritarismo ajudava a construir solidariedade,

que era maior que nacionalismos recentes. Rocha Pombo produzia uma narrativa que levava a crer que todo movimento importante e exemplar passava pela solidariedade e pela luta contra o autoritarismo, e isso é demonstrando principalmente nos de caráter republicano.

3.7 Algumas considerações

A solidariedade está na história e é necessária para as nações. É nesse sentido que a solidariedade na história do Brasil e na história da América se relacionam. A importância da solidariedade para construção de uma nacionalidade/integração entre povos, utilizando da história, aparece com o mesmo sentido nas três obras didáticas e perpassa a construção narrativa da escrita da história de Rocha Pombo. Além disso, existem os momentos chave da história que são compartilhados tanto nos livros de história do Brasil, quanto da América. A independência do Brasil, as lutas de indígenas e escravizados e dos revoltosos da colônia/Império integram a história do continente e tem paralelos importantes nos outros países, constituindo, para o autor estes laços de solidariedade de alma que a história ajudava a evidenciar. As divisões dos livros didáticos e seus temas demonstram a narrativa histórica que Rocha Pombo desejava criar, a independência e a fase heroica, a colonização e a fase dolorosa, por exemplo. Essa denominação das partes das obras de história das Américas nos faz perceber que os heroísmos, violências e terrores são aspectos partilhados pelo povo do continente em sua história.

Observamos, assim, como o conceito de solidariedade, a partir das influências que o itinerário intelectual de Rocha Pombo o permitiu ter, com suas “incoerências”, é central para a sua escrita da história. É um ponto fundamental para o papel que sua historiografia teve no período, norteadas por essa noção do conceito de solidariedade entre os indivíduos e nações, para consolidação da “civilização”. A influência anarquista é bastante clara, tanto pelos trechos em que o conceito é central nas obras, quanto pelas ações políticas que foram praticadas pelo autor em determinados momentos de sua trajetória. Além da forma como o autor é apresentado por seus contemporâneos, que o inseriam nessa tradição intelectual, o chamando de ‘socialista cristão’ (SANTOS, 2009, p. 114). Assim, a escrita da história de Rocha Pombo em seus livros didáticos, objetos por si próprios políticos, se integram em práticas e disputas políticas do contexto da primeira República, que buscavam modelos de sociedade para o novo século que chegava. Dessa forma, o projeto político de civilização que se apresenta em seus escritos tem

como caminho a educação, em todos os níveis, primário, secundário e normal, pois a rede de atuação de Rocha Pombo acabava por perpassar todos esses ambientes. Os locais de produção dos historiadores no período também foram essenciais para o ganho de notoriedade e respaldo de Rocha Pombo em sua história, sendo membro do IHGB e, posteriormente, da Academia Brasileira de Letras. Esses lugares de atuação dos intelectuais serviam como patrocinadores, ambientes de disputas e locais de fala autorizada dos intelectuais, onde suas concepções e ideias ganhavam projeção.

Os livros didáticos de Rocha Pombo são ótimos objetos históricos para a compreensão dos diversos projetos em disputa na Primeira República, das visões e funções que a história deveria ter e como ela influenciava esses ideais políticos, inserindo o historiador como grande autoridade do passado e detentor da verdade:

O critério histórico (si historia tivéssemos de fazer), ainda hoje é o mesmo a que empiricamente obedeceram, não os historiógrafos que fazia as chronicas das côrtes para orgulho dos reis, mas os historiadores que escreviam por amor da verdade, desde Herodoto até Cantu: critério confirmado por todos os philosophos modernos e sobretudo Vico e em nossos dias por Taine: e que consiste em ter o historiador, o critico ou o psychologo em geral, como autoridade única, indiscutível e suprema, o testemunho do sendo comum, da voz coletiva, da voz collectiva, não sendo os indivíduos que se destacam mais do que produtos indirectos da massa em acção.” (POMBO, 1925, p. XV).

A análise das obras didáticas de Rocha Pombo levou em conta as narrativas que o autor construiu com sua escrita da história. A centralidade do conceito de solidariedade faz parte da construção de sua historiografia, que não é uniforme. Os caminhos que o autor traça para o conceito têm nuances diferentes na primeira obra analisada até a última, isso deve demonstrar como sua historiografia foi se modificando com o passar do tempo e como seus novos intercâmbios intelectuais adquiridos na capital da República o influenciaram.

Observar os livros didáticos como fontes historiográficas que propõem um tipo de abordagem própria da história, que constroem funções e possibilidades de abordagem dos processos históricos, que relacionam passado e presente é importante para dar continuidade à abertura de possibilidades de como trabalhar com obras didáticas. As abordagens amplas com livros didáticos possibilitam o melhor entendimento das práticas educacionais, projetos políticos educacionais e, no caso da história, os papéis que a disciplina teve no desenvolvimento de todos esses pontos. O intelectual Rocha Pombo, e seus livros didáticos, evidenciam esses

aspectos para nós e como pode ser articulada a escrita da história a partir de concepções políticas dos itinerários intelectuais do autor.

Ao analisar o conceito de solidariedade nos livros didáticos de Rocha Pombo, observamos determinada centralidade e importância na escrita da história do autor, sendo importante elemento para a função da história como lição na educação. Nesse sentido é possível afirmar que Rocha Pombo não seguiu apenas uma linha de pensamento que o influenciou, o pensamento político anarquista, o republicano ou o conservador não foi algo único na trajetória do autor. Rocha Pombo não seguiu inteiramente o sentido do conceito utilizado pelos anarquistas ou pelos republicanos, mas produziu uma apropriação dos significados e dos conceitos e os reelaborou com sua produção histórica, como observamos. A solidariedade em suas obras didáticas e outros textos era fundamental para a modernização da civilização brasileira e do continente americano, construindo assim uma alternativa ao cansado continente europeu, que teria muito a aprender com a América. O autor não ignorava as dificuldades e contradições presentes no continente e no Brasil, mas via na educação a possibilidade de superá-las, e assim caminhar para uma “utopia” histórica do autor, que seguia um caminho, ao observar o passado repleto de lições e caminhos traçados. A solidariedade entre populações e a solidariedade individual (algo íntimo, de alma) possuía assim um sentido próprio elaborado pelo autor, não muito distante do que se debatia no período, mas que com suas influências anarquistas e republicanas tiveram traços importantes para sua diferenciação e relevância.

CONCLUSÃO

A pesquisa partiu de inquietações nossas sobre o papel dos livros didáticos na educação e na historiografia, relacionando esses dois ambientes e pensando como um conceito, a solidariedade, poderia ser central para pensar tanto a educação quanto a escrita da história. Assim, com o auxílio da história da educação, da história dos livros didáticos, da história dos intelectuais e da história dos conceitos, aprofundamos as discussões e interligamos as relações dos espaços, dos intelectuais e das obras e periódicos de Rocha Pombo, buscando compreender como o conceito estava presente em três livros didáticos desse autor/professor, nos seus textos em periódicos e nos ambientes intelectuais que frequentou.

Nesse sentido, com o objetivo principal de analisar como isso esteve presente nos livros didáticos *História das Américas* (1ª Ed. 1900), *História do Brasil (curso superior)* (1ª Ed 1924) e *História do Brasil com muitos mapas históricos e gravuras explicativas* (1ª Ed. 1918), procuramos compreender a trajetória, as redes de sociabilidade e o papel da educação na época de Rocha Pombo. Com isso, identificamos como a solidariedade entre populações era uma concepção a ser inserida na educação, a partir da história e da sua escrita, que tinha o papel de ser exemplo, de trazer lições do passado para então construir a civilização brasileira moderna.

A apreensão dessas ideias em Rocha Pombo e a maneira como elas foram elaboradas percorreu a construção de toda bibliografia sobre o autor produzida após sua morte. As memórias elaboradas acerca de Rocha Pombo debateram aspectos que auxiliam a compreensão do seu entendimento do conceito de solidariedade. A identificação do autor com grupos e ideias anarquistas e sua militância republicana foi o centro da discussão a respeito da sua formação intelectual. Da mesma forma, destaca-se a importância da educação para o autor, que Rocha Pombo acreditava sempre ter sido a melhor forma para poder modificar a sociedade brasileira e o continente americano. Buscamos assim compreender e observar como a construção historiográfica de um autor influencia e auxilia em diversos aspectos de análise de obras, perspectivas e projetos intelectuais.

Rocha Pombo nasceu em Morretes, interior do Paraná em 1857, e morreu em 1933 no Rio de Janeiro. Foi professor desde sua juventude, o que representa muito em sua trajetória e seu contínuo engajamento com relação aos assuntos educacionais, sendo docente da Escola Normal do Distrito Federal, auxiliando na fundação da Universidade do Povo e publicando

livros didáticos. Em sua vida no Paraná e Rio de Janeiro também se interessou pelos periódicos e, ao longo de toda trajetória, publicou artigos em jornais de grande circulação, mas também de menor expressão. Os escritos em periódicos e suas obras literárias simbolistas expõem um Rocha Pombo mais crítico à modernidade e preocupado com o futuro. Nesses textos, o autor nunca deixou de utilizar um aspecto que marca os livros didáticos aqui analisados, o uso da história para se pensar o futuro, pois nela o autor acreditava encontrar as melhores respostas e caminhos a serem seguidos. A análise da biografia do autor e os caminhos trilhados até a produção dos livros didáticos permitem compreender que a complexibilidade de cada figura intelectual tem seus nuances. As “contradições” em uma biografia não anulam perspectivas e defesas de ideais em momentos distintos, mas sim auxiliam na compreensão da construção dos pensamentos políticos e das disputas envolvidas em cada contexto.

Rocha Pombo foi um professor intelectual que, como a história intelectual nos apresenta, se mostrou como uma figura complexa e com contradições, nunca tendo uma única trajetória. Ao longo de sua vida, Rocha Pombo se apresentou como republicano e abolicionista, encontrando em sua trajetória ideias e perspectivas políticas diversas. O que mais chamou atenção foi, como apresentamos, sua relação com o Partido Conservador, pelo qual foi deputado, e sua estreita relação com anarquistas brasileiros. O conservadorismo, como exposto por Nestor Victor (1979), parece ter sido uma conveniência para construção do renome e sendo também importante como aporte financeiro.

A perspectiva de seus amigos intelectuais anarquistas parece ter maior influência sobre a visão de modernidade e civilização que construiu. Isso fica evidente quando Rocha Pombo apresenta suas perspectivas históricas nos livros didáticos e quando observamos o sentido que o conceito de solidariedade parece seguir, ganhando assim maior importância nas memórias construídas sobre o intelectual. Percorrer os caminhos de Rocha Pombo e suas perspectivas intelectuais auxiliaram na análise dos livros didáticos e na compreensão do conceito de solidariedade. O conceito como construção e entendimento específico do autor influenciou em sua historiografia e em como os livros didáticos foram pensados e escritos. Da mesma forma, influenciou seus escritos em periódicos, espaço que Rocha Pombo valorizava e se expressava de forma mais veemente e como Nestor Victor (1979) afirma sobre o autor e textos de periódicos, espaço que se torna “um refúgio para os indignados”.

A rede de intelectuais que Rocha Pombo compôs em sua trajetória indica como, no contexto do começo da República, ideias diversas estavam dispostas. Intelectuais como Euclides da Cunha, Nestor Victor, João Ribeiro, Capistrano de Abreu, Elísio de Carvalho, Fabio Luz e Oliveira Viana integravam o debate público, discutindo os caminhos que a sociedade brasileira poderia ter, interpretando a sociedade e a história para serem utilizadas como ferramentas de mobilização política. A educação tornava-se um dos principais ambientes nos quais essas perspectivas políticas e sociais encontravam espaço para possíveis mudanças sociais, de modo que muitos desses intelectuais estiveram envolvidos com escolas, produção de obras didáticas e construção de projetos educacionais como um todo. Os embates entre os intelectuais evidenciavam a construção das interpretações de como deveria ser a modernidade da nação brasileira e do continente. A partir disso podemos compreender, por exemplo, como Rocha Pombo se diferenciou em seu entendimento da solidariedade e de qual papel o conceito tinha para sua contemporaneidade. No mesmo sentido, especificava a forma como o passado podia contribuir para as análises das mazelas enfrentadas pelas populações do continente e dos caminhos para a sua superação.

A presença de Rocha Pombo nos ambientes escolares aconteceu durante toda sua vida. A escola foi local de renda para que sobrevivesse e trabalhasse como intelectual. A escola foi também o local onde colocou em prática suas ideias, principalmente com os livros didáticos, que tiveram várias edições e assim chegaram em vários lugares do Brasil, conforme destaca Silva (2012). O entendimento de Rocha Pombo enquanto professor intelectual e autor são essenciais para a análise de suas obras e das perspectivas nelas inseridas. O papel da educação era central para a produção dos sentidos que estão presentes nos livros, da mesma forma o conceito de solidariedade observando como foi articulado pensado para ser uma lição da história.

Seus livros didáticos tiveram relativo sucesso editorial e agradavam o público geral. O conteúdo apresenta fortes marcas da escrita de Rocha Pombo e a presença do conceito de solidariedade como aspecto fundamental para a construção de sua história. A função que a história carregava estava diretamente relacionada ao conceito, pois a lição do passado histórico era a solidariedade entre diversos grupos e pessoas, principalmente em momentos de contestações de ordens vigentes, como a colonial e imperial (no caso do Brasil). Isso mostra como a compreensão de história e o papel que o autor delegou a ela era fundamental para a

construção de sua narrativa, que levam em conta a centralidade da solidariedade para a formação dos cidadãos.

Esses aspectos foram tão fundamentais na escrita da história de Rocha Pombo que os textos produzidos para outros ambientes, como os periódicos, apresentavam influência do que fora escrito nos livros didáticos, como observamos na pesquisa. Essa forte presença das ideias de Rocha Pombo em outros ambientes era um sinal da importância e influência do autor e da sua forma de pensar a história. Um dos momentos em que tal fato se coloca pode ser percebido no I Congresso Internacional de História das Américas que, em suas conclusões finais, acordou um modelo de escrita da história do continente (JUNIOR, 2018), muito próxima do que apresentamos na pesquisa como perspectivas de Rocha Pombo.

O conceito de solidariedade esteve presente nos debates realizados no Congresso e com sentidos próximos aos defendidos e apresentados por Rocha Pombo em sua escrita da história, como a utilização do conceito na contemporaneidade, defendendo a união dos países americanos. Observamos, assim, que na produção posterior a Rocha Pombo, na década de 20 do século XX, a escrita da história será conformada de acordo com aspectos pensados e já utilizados por Rocha Pombo em seus livros didáticos. Isso demonstra como seu pensamento e escrita da história influenciou o debate da época, que foi marcado por disputas e novas possibilidades de utilização do passado.

O cruzamento dos espaços de produção ocupados pelo autor, os vários estilos de textos e as diversas preocupações apresentadas expandem as possibilidades de análise da atuação e da obra de Rocha Pombo. Permite compreender o conceito de solidariedade, como ele foi apresentado nos diversos escritos e como o conceito formata sua historiografia, sua projeção de modernidade para o Brasil e o papel da educação como ferramenta de caminhada para a civilização. A extensa produção do autor foi, no contexto do começo da República, uma forma de publicizar as intencionalidades que intelectuais republicanos tinham ao pensar os países do continente e suas possíveis relações políticas e sociais. Era uma forma de aproximar e fortalecer laços com países vizinhos para a superação de dificuldades continentais e construção de melhores relações futuras.

A solidariedade é aspecto fundamental para a relação entre países e construção social dentro de próprio um país. Ela é uma lição recorrente da história, apresentada em contraposição

ao autoritarismo e violência praticados por líderes "déspotas" e colonos. A forma de ensinar essas lições e construir essa memória na população se dava pela educação (PEDRO, 2016). A civilização moderna, almejada por Rocha Pombo para o Brasil e para o continente, passa por essas lições e pela solidariedade, pois a partir delas se aprofundaria a democracia e seriam superados problemas gerais da nação que poderiam ser solucionados inicialmente, pela educação. As superações dessas questões a partir da educação eram dessa forma, para o autor e para outros intelectuais do começo da República, a principal dificuldade brasileira no caminho para a modernidade.

As considerações abarcadas nesta pesquisa constituem um recorte na produção e trajetória intelectual de Rocha Pombo. A partir delas, possibilidades para outros estudos podem ser abertos e podem se tornar interessantes caminhos. Um deles é a relação entre os livros didáticos de História das Américas produzidos no Brasil e em outros países da América. Outro aspecto é a produção e interlocução de Rocha Pombo com intelectuais e educadores de outros países americanos, já que ele publicou, por exemplo, na Argentina. Por fim, ainda seria interessante analisar a relação entre a produção de literatura simbolista de Rocha Pombo e sua escrita da história nos livros didáticos.

BIBLIOGRAFIA

Fontes documentais

POMBO, José Francisco da Rocha. Compendio de Historia da America. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Benjamin de Aguilá, 1925.

_____. Historia do Brasil com muitos mappas históricos e gravuras explicativas. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1925.

_____. Historia do Brasil (Curso superior). 7ª Ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1956.

“Uma questão interessante”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&PagFis=3177&Pesq=%22Rocha%20pombo%22 acesso em: 09/12/21.

“O projeto de universidade”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20Pombo%22&pagfis=3177 acesso em: 09/12/21.

“Lançamento de História das Américas para o primário”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3177 acesso em: 09/12/21.

“Uma questão didática”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3669 acesso em: 09/12/21.

“Vitoria certa”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3859 acesso em: 09/12/21.

“Vitoria certa.” http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3859 Acesso em: 09/12/2021.

“A Grevé”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=4491 Acesso em: 09/12/2021.

“Expulsão de estrangeiros”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&PagFis=4491&Pesq=%22Rocha%20pombo%22 Acesso em: 09/12/2021.

“Queremos viver”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&PagFis=4535&Pesq=%22Rocha%20pombo%22. Acesso em 09/12/2021.

“E que faremos nos?”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3393. Acesso em: 09/12/2021.

“A rejunção do sindicato”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3415. Acesso em: 09/12/2021.

“Assim fosse tempo”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=4323. Acesso em: 09/12/2021.

“Simon Bolívar”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3215. Acesso em: 09/12/2021.

“Toussaint Louverture”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3433. Acesso em 09/12/2021.

“San Martín”. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&Pesq=%22Rocha%20pombo%22&pagfis=3509 Acesso em: 09/12/2021.

Bibliografia

BAGGIO, Katia Gerab. A “OUTRA” AMÉRICA: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 1998.

BITTENCOURT, Circe M. F.. Livro Didático e conhecimento Histórico: Uma História do Saber Escolar. Tese de Doutorado, USP. São Paulo, 1993.

BOMENY, H. Novos; CARVALHO, M. Escola; CARVALHO, M. Reformas (p. 225-251); GOMES, A. Invenção; GOMES, A. República; NAGLE, J. Educação; STEPAN, N. Hora (p.46).

BOURDIEU, Pierre. “Por uma ciência das obras”. In: Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: São Paulo: Papirus, 1996.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A escola e a República. Ed Brasiliense, São Paulo, 1989.

CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial, Teatro das sombras: a política imperial. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

_____. Os bestializados, O Rio de Janeiro e a República que não foi. Companhia das Letras, São Paulo, SP. 1991.

_____. A formação das almas: o imaginário da república no Brasil. Companhia das Letras. São Paulo, 2017.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHERVEL, Andre. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação, 2, 177-229. (1990).

CHOPPIN, Alan. Le manuel scolaire: une fausse évidence historique. *Revue Histoire de l'éducation*. SHE/INRP, n.117, jan-mars 2008. Tradução: BASTOS, Maria Helena C. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 9-75, Jan/Abr 2009

_____. "L'historien et le livre scolaire", especialmente escrito para a revista *História da Educação*. Tradução de Maria Helena Carnara Bastos. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (11):5-24, Abr. 2002.

_____. "História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte." [on-line] *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. Tradução de Maria Adriana C. Cappello.

DE MELLO, Silvia Gomes Bento. *Narrativas da Modernidade em Rocha Pombo: Reflexões Sobre Uma Literatura Simbolista*. Organon, Porto Alegre, v. 31, n. 61, p. 375-391, jul/dez. 2016.

DOSSE, François. *La marcha de las ideas: Historia de los intelectuales, historia intelectual*. Ed. 1. Publicacions de la Universitat de Valencia. València, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O espaço escolar como objeto da história da educação. Algumas reflexões. *Revista. Fac. Educ*, São Paulo, v.24, n.1, p. 141-159, jan./jun., 1998.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antônio, de Pádua Carvalho (Orgs.). *As escolas normais no Brasil: do Império à República*. Campinas: Alínea, 2008. p. 29-45.

FURET, F. e OZOUF, M. *Dicionário Crítico da Revolução Francesa*. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GALASTRI, Leandro. Classes sociais e grupos subalternos: distinção teórica e aplicação política. *Crítica Marxista*, n.39, p.35-55, 2014.

GASPARELLO, Arlete Medeiros. A produção de uma disciplina escolar: os professores/autores e seus livros didáticos. *Rev. bras. hist. educ.*, Campinas-SP, v. 13, n. 3 (33), p. 147-177, set./dez. 2013

GASPARELLO, Arlette Medeiros. VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. Intelectuais e professores: identidades sociais em formação no século XIX brasileiro1*Revista Brasileira de História da Educação*, n° 21, p. 39-60, set./dez. 2009

GASPARELLO, Arlette Medeiros. *Construtores de identidades: A pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundaria brasileira*. São Paulo - SP. Iglu, 2004.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Org.). *Intelectuais Mediadores: Práticas Culturais e Ações Políticas*. – 1ª Ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Ângela de Castro. A experiência colonial e as raízes do pensamento social brasileiro: Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Portuguesa de História* – t. XLI (2010) – pp. 291-304.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Vida operaria e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1ª Ed. 1983.

JUNIOR, José Lúcio Nascimento. *I Congresso Internacional de História da América: intelectuais, historiografia e diplomacia cultural no Rio de Janeiro em 1922*. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, 2018.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: oeste wilderness e fronteira (1942-1838)*. Bragança: EDUSF, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1979.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL Jacques. *Nova História*, Coimbra, Almedina, 1990. p. 362.

LEOPOLDINO, Maria Aparecida. *Políticas Culturais e Livros didáticos de História: Rocha Pombo na Capital da República (1897-1929)*. *Revista Brasileira de História da Educação*., v.19, 2019.

LOPES, Sonia de Castro. MARTINEZ. Silvia Alicia. *A emergência de escolas normais no Rio de Janeiro do século XIX: Escola Normal do Município da Corte e Escola Normal de Campos*. *Revista Brasileira de História da educação*. v. 7 n. 3 [15] 2007.

MAUAD, Ana Maria. *Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar*. *Hist. Educ.* [Online] Porto Alegre v. 19 n. 47 Set./dez., 2015 p. 81-108.

MARTINS, Maria do Carmo. *A história prescrita e disciplinada nos currículos escolares: quem legitima esses saberes?* Tese de doutorado, UNICAMP. São Paulo, 2000.

MOREIRA, Kênia Hilda. *HISTÓRIA DO BRASIL PARA O ENSINO SECUNDÁRIO: legislação e programas (1889-1950)*. *Interfaces da Educ.*, Paranaíba, v.8, n.23 p.107-133, 2017.

MUNAKATA, Kazumi. *O livro didático: alguns temas de pesquisa*. *Rev. bras. hist. educ.*, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

NADAI, Elza. *O Ensino de história no Brasil: Trajetória e perspectiva*. *Revista brasileira de história*, São Paulo, v.13 nº 25/26 pp. 143-162 set. 92/ago 93.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira república*. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ. DP&A, 2001.

NUNES, Clarice. *O “velho” e “bom” ensino secundário: Momentos decisivos*. *Revista brasileira de educação*, Nº 14. Mai/Jun/jul/Ago, 2000.

OLIVEIRA, Marcos Aurelio taborda de. Rocha Pombo: la “invención” de una cultura americana en el libro didáctico. Publicación de La Sociedad Argentina de História de La Educación. Vol 13, No 1 (2012).

OLIVEIRA, Renato Edson. O Brasil imaginado em Jose Francisco da Rocha Pombo. UFG, Goiania, GO, 2015.

OTHERO, Carolina de Oliveira Silva. Tradição, linguagem e orientação: a escrita da história de Manoel Bomfim (1923-1931). UFMG, Belo horizonte, MG, 2019.

PEDRO, Alessandra. A educação como ideal: a obras histórica e didática de Rocha Pombo, 1900-1933. Doutorado. UNICAMP, Campinas, SP, 2016.

PEREIRA, Luisa Rauter. O povo na história do Brasil. Linguagem e historicidade no debate político (1750-1870). São Paulo: Paco, 2016.

POMBO, José Francisco da Rocha. Compendio de Historia da America. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Benjamin de Aguilá, 1925.

_____. Historia do Brasil com muitos mappas históricos e gravuras explicativas. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1925.

_____. Historia do Brasil (Curso superior). 7ª Ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1956.

QUELUZ, Gilson Leandro. Rocha Pombo: Romantismo e Utopias 1880-1905. Curitiba, PR: UFPR, 1994.

RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. As redes políticas de solidariedade na América Latina. Revista. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 311 - 349. jan./abr. 2016.

ROBERTO, Camila Flávia Fernandes. Reforma social e educação no pensamento de Rocha Pombo (1879-1917). – UFPR, Curitiba, PR. 2017.

SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. Escola normal do distrito federal: por trás da modernidade civilizatória da cidade do rio de janeiro (1911 - 1920). Revista Contemporânea de Educação, vol. 8, n. 15, janeiro/julho de 2013.

SANTOS, Ivan Norberto dos. A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ/ IFCS/ PPGHIS, 2009.

_____. As Concepções de História na História do Brasil de Rocha Pombo. XIII Encontro de História ANPUH-Rio, Rio de Janeiro – 2008.

SILVA, Alexandra Lima da. Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual. UERJ, Rio de Janeiro, RJ. 2012.

SILVA, Alexandra Lima da. RIBEIRO, Renilson Rosa. Rocha Pombo e o lugar dos povos indígenas na narrativa didática da nação. *Revista labirinto*, ano xvi, vol.24, n. 2 (jan-jun), 2016, pp. 307-327.

SIRINELLI, Jean François. “os intelectuais”. In: *Por uma história política I* [Direção de] René Rémond; tradução Dora Rocha. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. (p. 231-269).

SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Algés: DIFEL, 2005, p. 81-124. (Capítulo 04: Significação e compreensão na história das ideias).

SOUZA, Rosa de Fátima e. *História da Organização do Trabalho Escolar e do Currículo no Século XX (Ensino Primário e Secundário no Brasil)*. Cortez, São Paulo, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Renovação Do Currículo Do Ensino Secundário No Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920–1960)*. *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.1, pp.72-90, Jan/Jun 2009.

TAVARES, Mariana Rodrigues. *O Nacionalismo Brasileiro em Prosa: Rocha Pombo e Narrativa Histórica de Nossa Pátria*. *Revista Vernáculo*, n. 27, 1o sem./2011.

VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. *A Primeira Escola Normal do Brasil: concepções sobre a institucionalização da formação docente no século XIX*. In: ARAÚJO, José Carlos Souza;

VICTOR, Nestor. *A obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro, fundação casa de Rui Barbosa: Curitiba, secretaria de estado da cultura e do esporte, 1979.

WESTPPHAL, Vera Herweg. *Diferentes matizes da idéia de solidariedade*. *Rev. Katál. Florianópolis* v. 11 n. 1 p. 43-52 jan./jun. 2008.

ZANOTTO, Gizele. *História Dos Intelectuais E História Intelectual: Contribuições Da Historiografia Francesa*. Biblos, Rio Grande, 22 (1): 31-45, 2008.